



Figs. 1 a 5:- Ver item
2

Fig. 1 - DV aterrissa-
do

Fig. 2 - Tripulante
com roupa usada no
vôo e no solo (2A)
e roupa usada no
salão (2B).

Fig. 3A - Arma que
disparou jato de luz
paralizante

Fig. 3B - Pote com
escavação piramidal

Fig. 4 - Salão onde
o soldado (de cos-
tas) foi interro-
gado.

Fig. 5 - O soldato
com o rosário à
cintura

Ilustrações de Al-
berto F. Carmo

C I C O A N I

C. Postal nr. 1675
Belo Horizonte (MG)

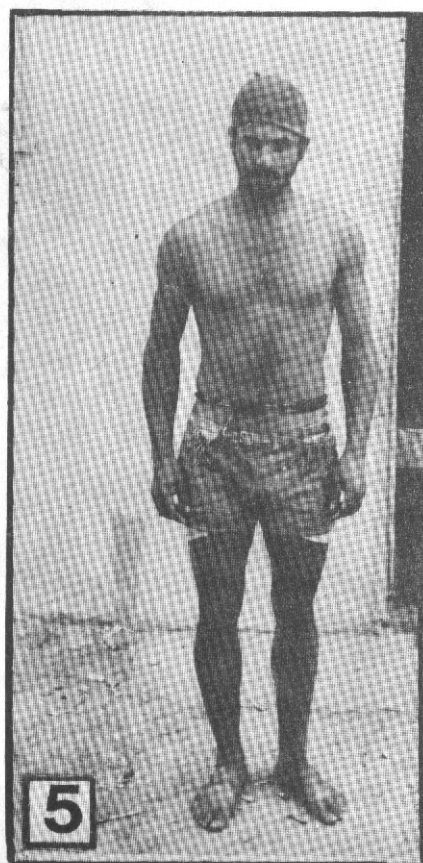
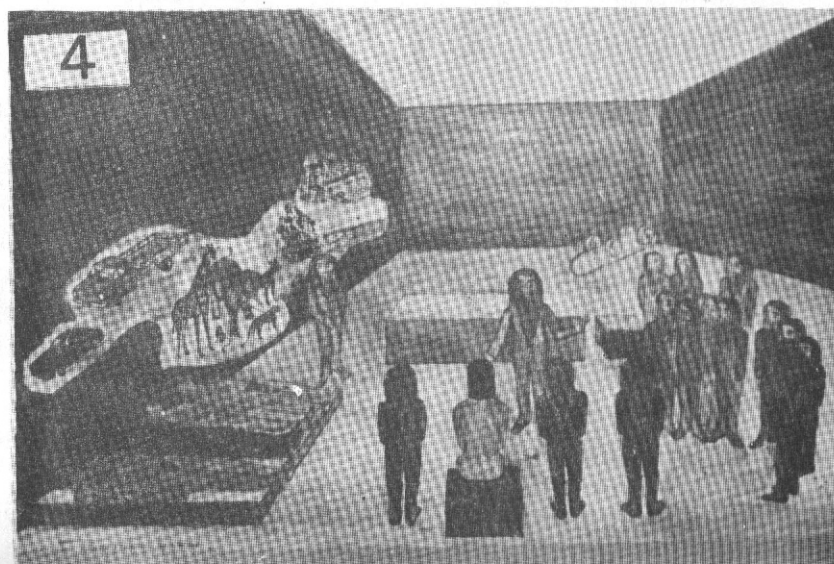
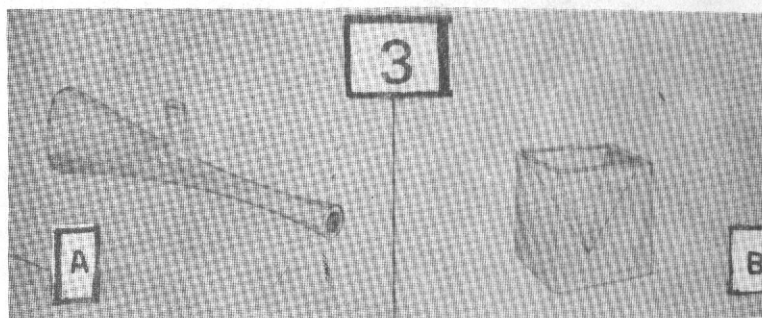
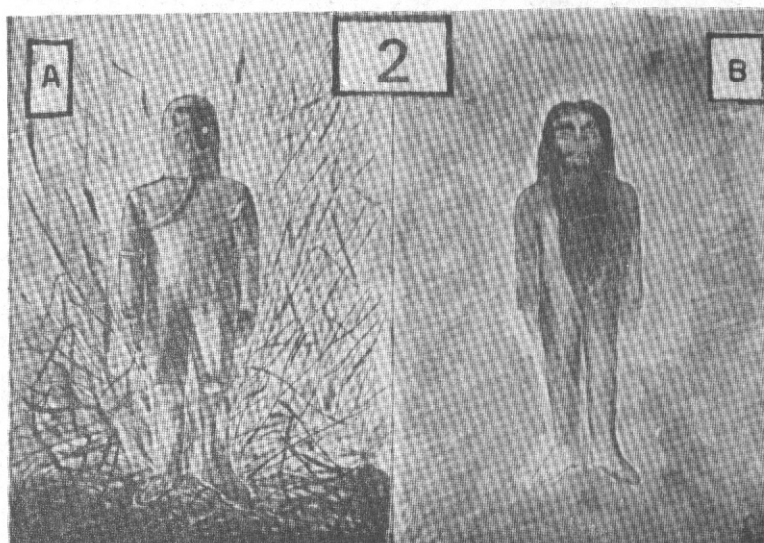
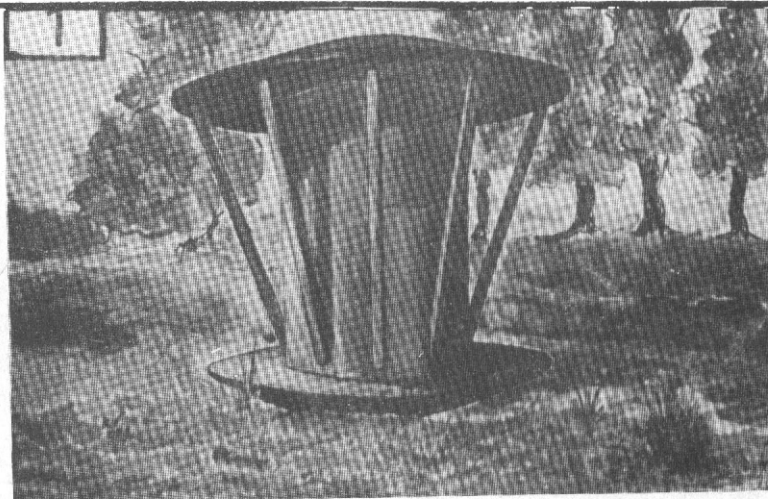
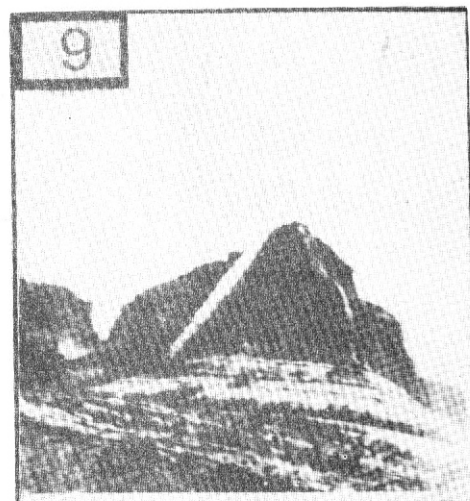
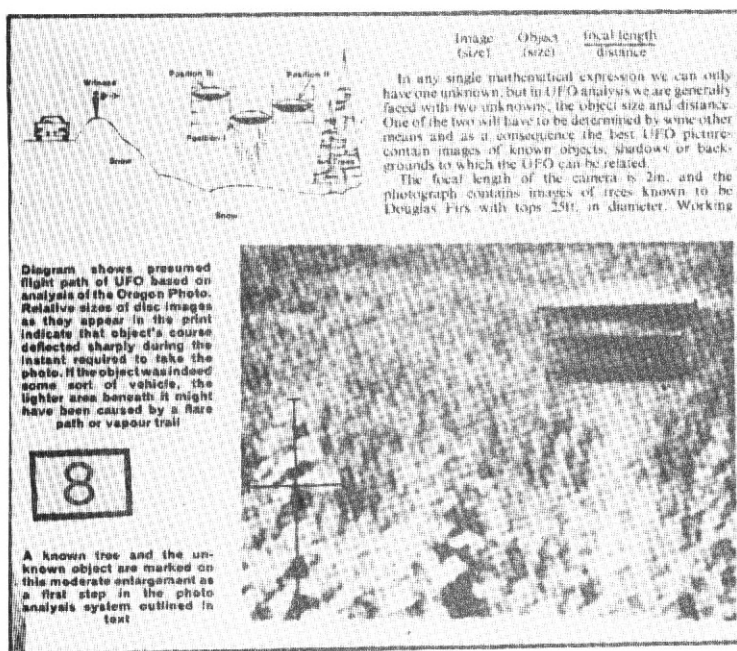
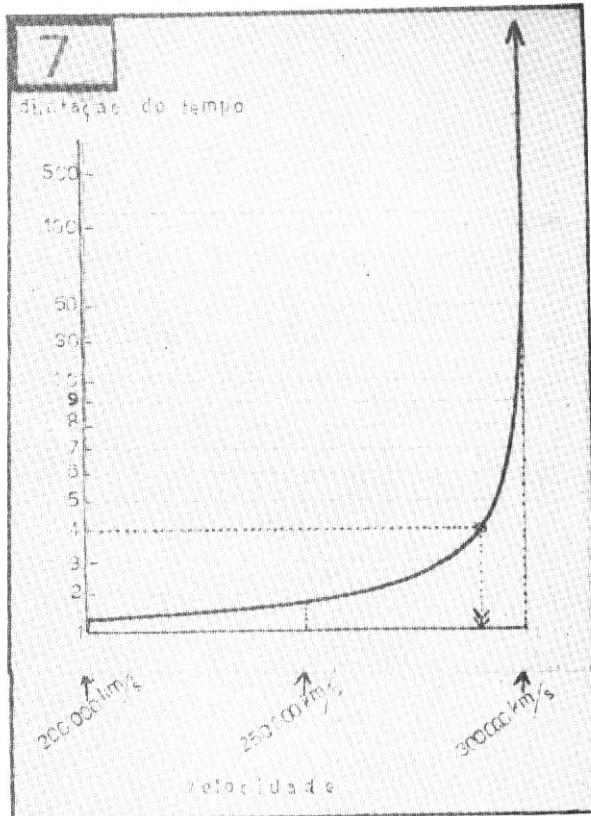




Fig. 6 - Testemunha do Caso "Constantino" - Pesquisa CICCOANI - ver item 2 B.

Fig. 7 - Curva da dilatação do tempo em função da velocidade, conforme a teoria da Relatividade de Einstein - ver item 2 E.-



Figs. 8 e 9 - Fotos e pormenores de locomoção de DV. F. S. R. e APRO Bulletin. Ver item 2 F.



**Fig. 10
Dna. Maria Santos (esq.) •
Dna. Maria Metzler (dir.)
Fig. 11
Dna Barbara
Mina da Silva
(ver item 3)**

CIPEX - Cx.P.24.555
Agência Uberaba
Curitiba - Paraná - Brasil
Cep. 81.570-971
e.mail: cipexbr@yahoo.com

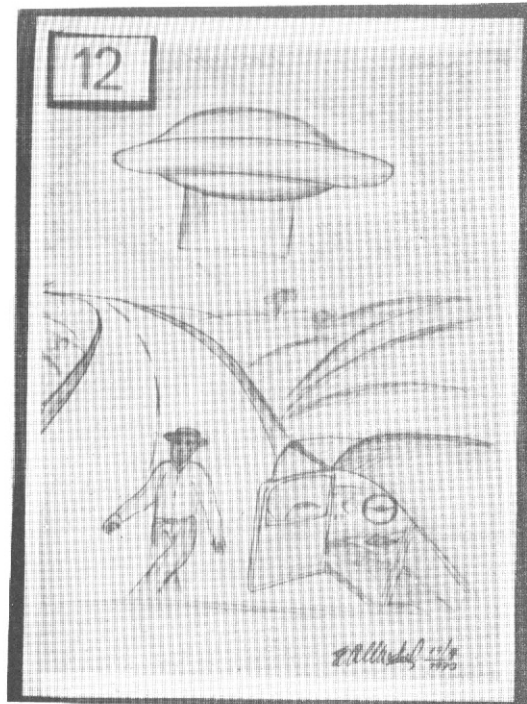


Fig. nr. 12 e 13 - Croquis, resp. do Dr. Chediak e de Onilson, reconstituindo o incidente (Item 8)

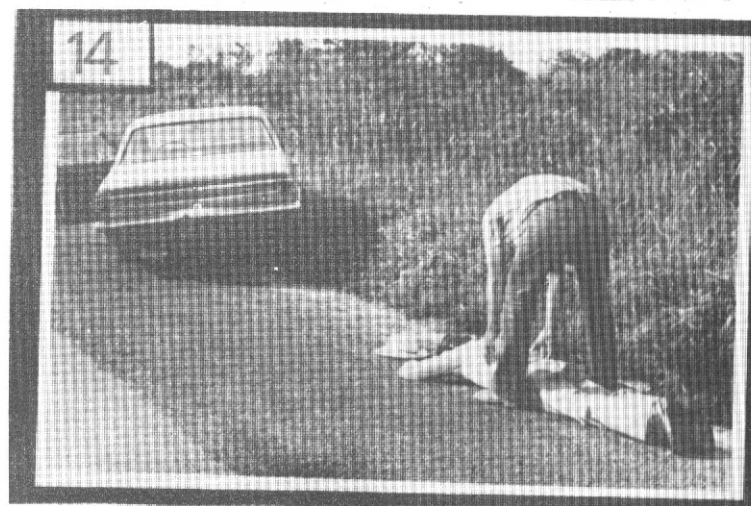
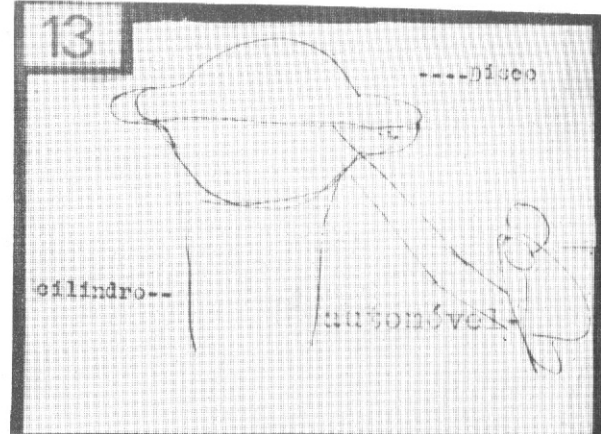


Fig. 14 - O guarda e Onilson reconstituem como o último foi achado (ler item 8).



Fig. 15 - Onilson de perfil. Seta preta: mancha cutânea - Seta branca: local da biópsia - (Item 8).

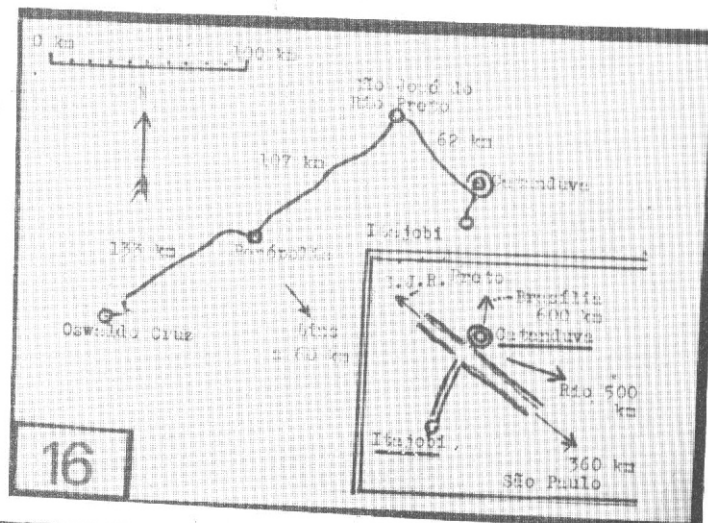


Fig. 16 - Mapa rodoviário do caminho percorrido por Onilson.

Fig. 17 - Da esquerda para a direita: Onilson, Dr. Chediak, o guarda C. Queiros e o radialista J. Antônio, participantes da reconstituição do fato. (item 8).

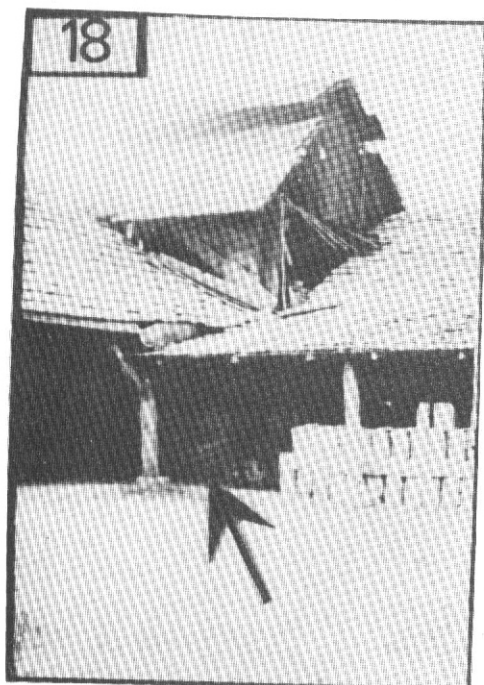


Fig. 18 - Seta aponta forno da Olaria

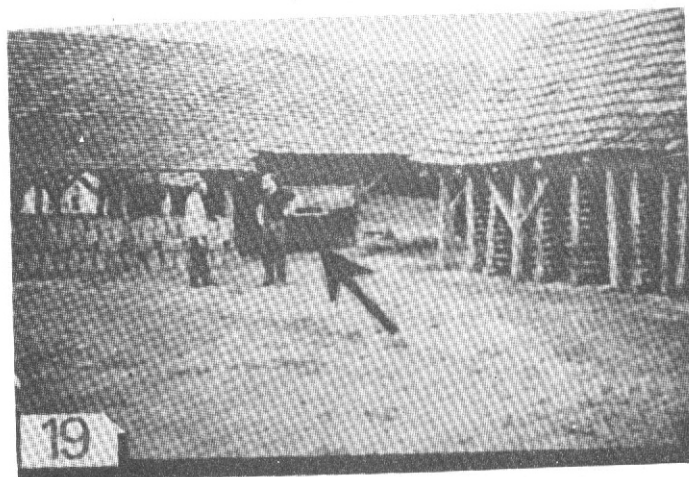


Fig. 19 - Snr. Schneider de costas para o caminhão (seta)

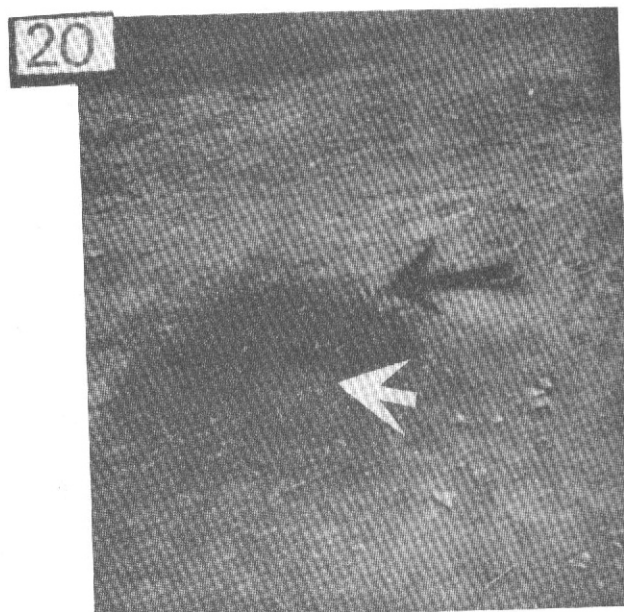


Fig. 20 - Foto do local, no 2º dia após o pouso do DV.

Seta preta: círculo esfumado; Seta branca: depressão no solo. (ler item 9).

CIPEX e GENA
2004

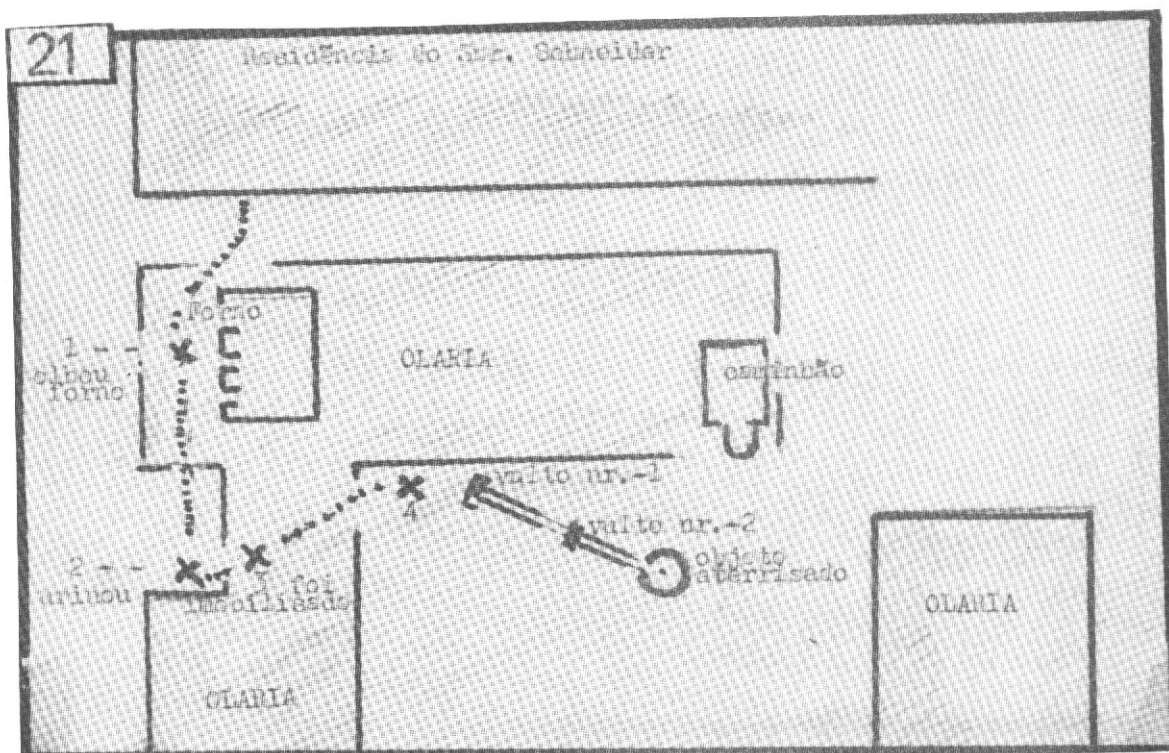


Fig. 21 - Planta de situação da localidade, mostrando itinerário do Snr. Schneider, DV pousado e os 2 vultos (ler item 9).

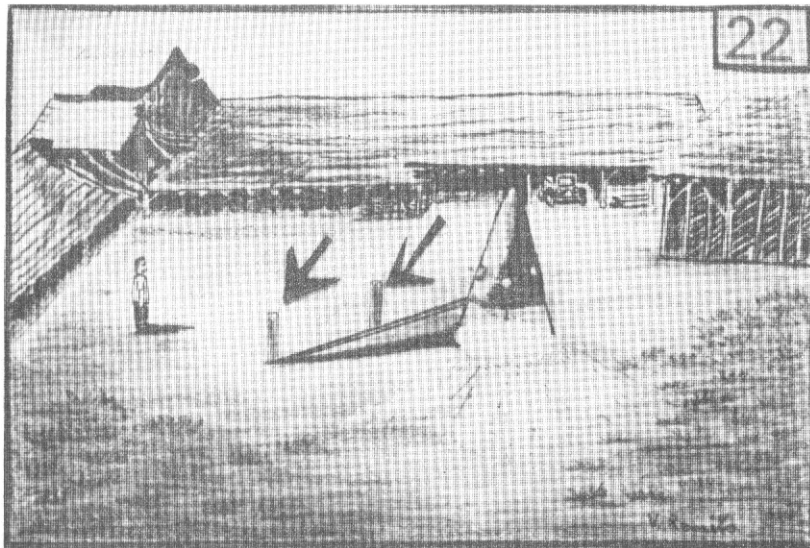


Fig. 22 - Conceção artística de Vila Baumer (item 9), mostrando tripulantes (setas pretas) retangulares

Fig. 23 - Croquis de tripulante triangular (item 10B), conforme cada uma das testemunhas (2 crianças), conforme F.S.R.

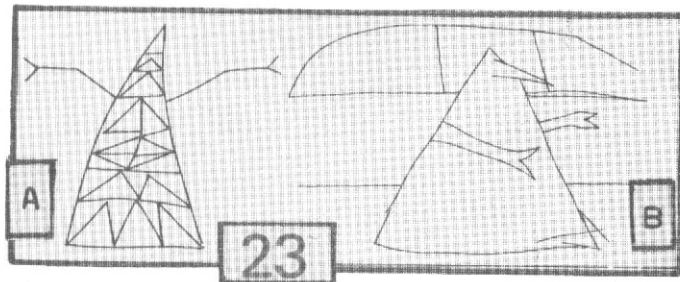


Fig. 24 - Croquis, publicado na F. S.R., de um vulto visto em Natal (Africa) (item 10 D)

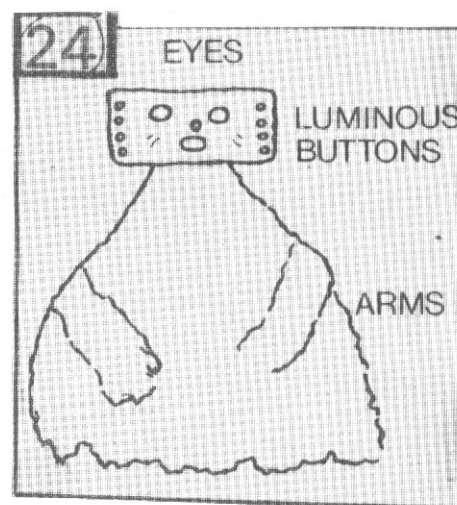


Fig. 25 - Conceção artística da luz que se movia em frente à árvore. Desenho feito de memória, por uma das testemunhas (que à época era criança) - (ler it. 1)

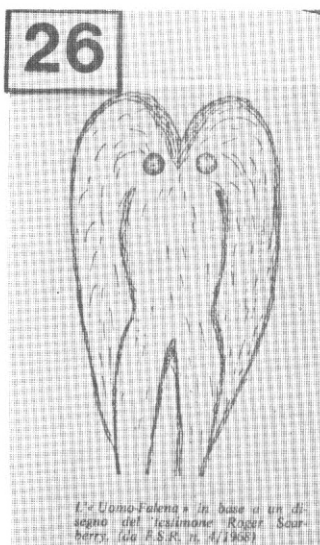
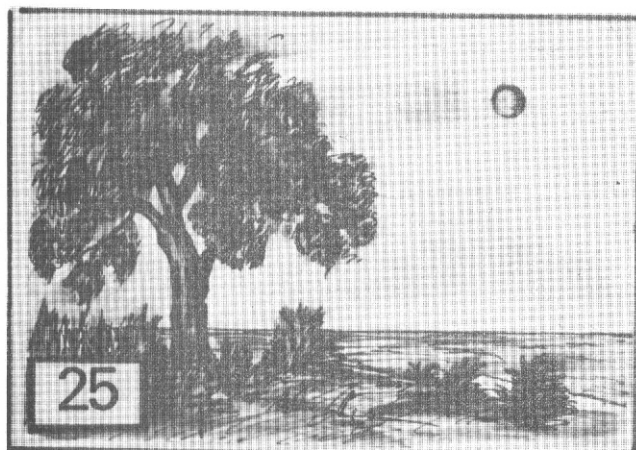


Fig. 26 - Caso de Ufonauta "alado", publicado na F.S.R (Leia item 10F)



Fig. 27 - Homens alados, vistos por um militar na Itália, conforme "Il Giornale dei Misteri" (Leia item 10F)

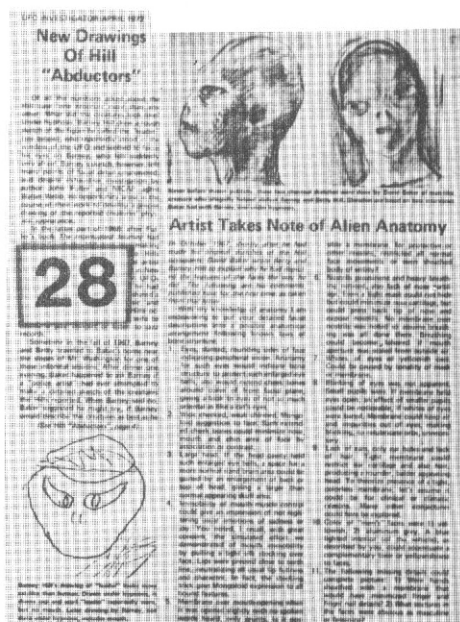
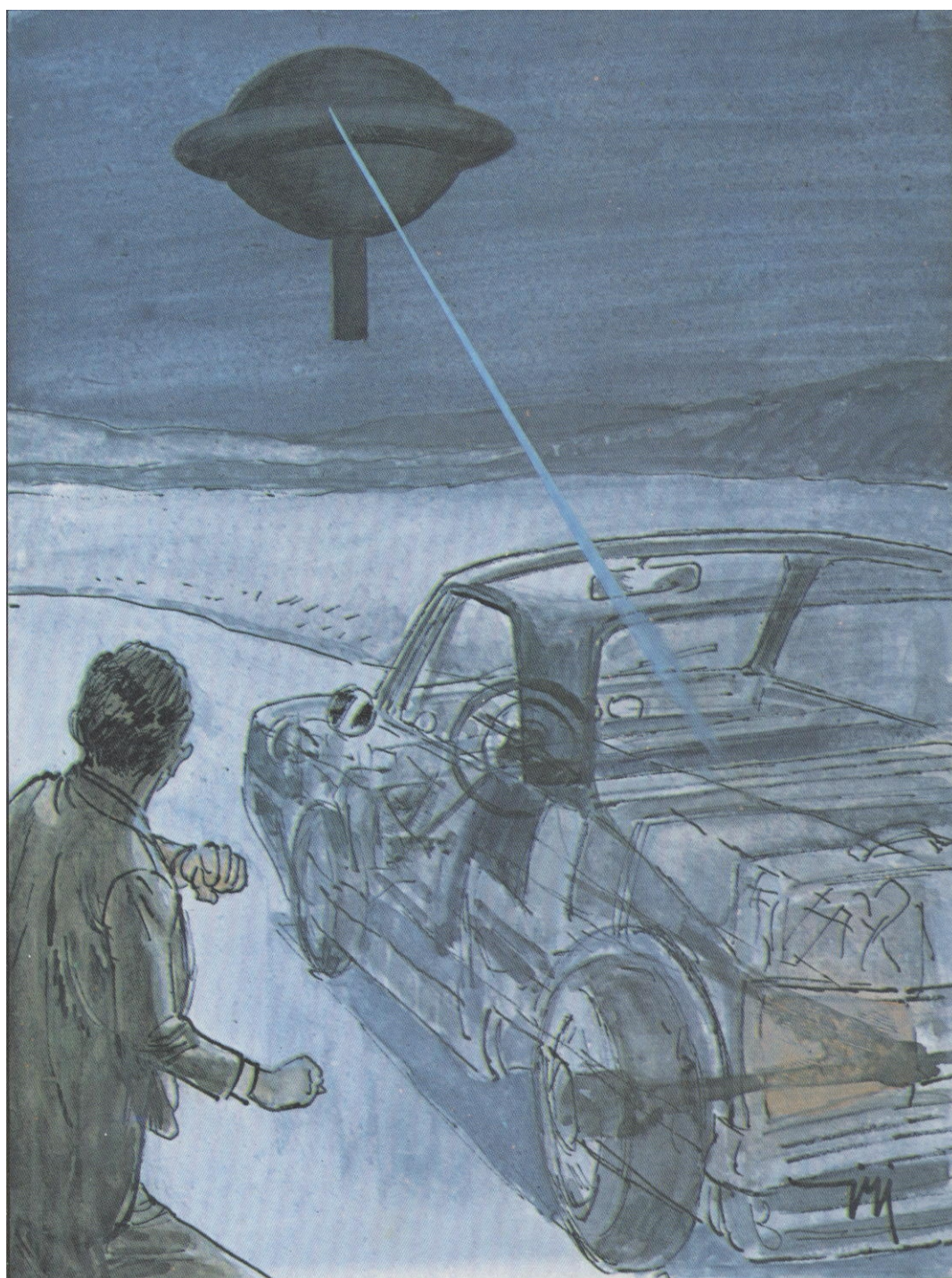
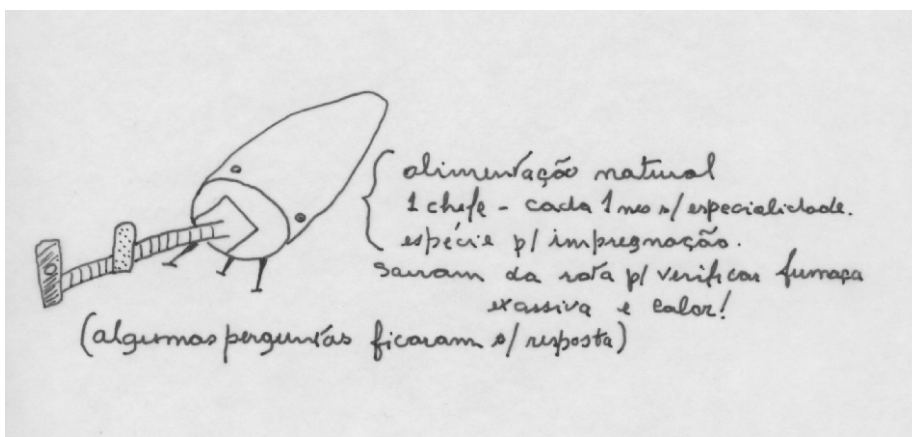


Fig. 28 - Folha do UFO INVESTIGATOR, referente ao aspeto dos tripulantes do caso Hill. Encima, retrato falado; embaixo, desenho feito pela testemunha (Leia it. 10)

Anexo 01



Anexo 02



alimentação natural
1 chefe - cada 1 mo s/ especialidade.
espécie p/ impregnação.
saram da rota p/ verificar fumaça
excessiva e calor!

(algumas perguntas ficaram s/ resposta)



I N D I C E

CIPEX e GENA

2004

	pag.
I - CONSTITUIÇÃO DA DIRETORIA	1
II - CONVERSA COM O LEITOR	1
1 - OBSERVAÇÕES DE DV NO PARÁ	3
2 - CASOS ENVOLVENDO VARIAÇÃO DO TEMPO	
2A - O CASO "BEBEDOURO"	7
2B - COMPLEMENTO DO CASO "BEBEDOURO"	15
2C - COMENTÁRIOS	19
2D - JÁ É POSSÍVEL INTERCÂMBIO COM EXTRA-TERRESTRES ?	20
2E - FOTOS DOCUMENTAM GRANDES VELOCIDADES DE DV	20
2F - OUTRO CASO BRASILEIRO DE "DILATAÇÃO" DO TEMPO	21
2G - CASO ARGENTINO DE "ENCURTAMENTO" DO TEMPO	21
2H - CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA "DILATAÇÃO" DO TEMPO	21
3 - DADOS ADICIONAIS AO CASO TIAGO MACHADO	23
4 - O CASO DOS MATA-FORMIGAS	25
5 - O CASO DA FAZENDA BELA ALIANÇA	26
6 - LEMBRETE DE CONTROLE PARA O UFÓLOGO	28
7 - SOBRE A NECESSIDADE DE EXAMES COMPLEMENTARES	28
8 - O CASO DO AUTOMÓVEL QUE FICOU TRANSPARENTE	
8A - DESCRIÇÃO DO CASO	30
8B - COMENTÁRIOS ADICIONAIS DA TESTEMUNHA	36
8C - OBSERVAÇÕES DA SBEDV	37
8D - QUANTO AO FATO DA TRANSPARÊNCIA DO CARRO	37
8E - OBSERVAÇÕES DO GUARDA	37
8F - SOBRE A NECESSIDADE URGENTE DE INFORMAR O PÚBLICO	38
8G - NOVO ENCONTRO COM UM DV	39
9 - O ESTRANHO CASO DE VILA BAUMER	41
10 - OUTROS CASOS DE TRIPULANTES ESTRANHOS	
10A - TRIPULANTES RETANGULARES	44
10B - TRIPULANTES TRIANGULARES	45
10C - TRIPULANTES EM FORMA DE CONE	45
10D - O ESPECTRO VOADOR DE NATAL	45
10E - OS DEUSES CICLÓPICOS	45
10F - OBSERVAÇÕES DA SBEDV	46
11 - LISTA DE LIVROS E REVISTAS	49
12 - ENGLISH SUMMARY	50

I - DIRETORIA DA SBEDVComponentes eleitos para o biênio 73/74

Presidente: Dr. Walter Karl Bühler

Vice-Presidente: Sr. Orlando Teixeira Fernandes

Secretário: Dr. Guilherme Pereira

Tesoureiro: Prof. José Fortunato Pinto

Conselho Fiscal: Dna. Amanda Alves Pinto; Dra. Helena Paes de Oliveira ;
Sr. José de Alencar.

Suplentes do Cons. Fiscal: Sr. Almiro Baraúna; Sr. Francisco Sá Borges ;
Sr. Otto Erwin Glueck.

CIPEX e GENA
2004

II - CONVERSA COM O LEITOR

Com referência a pinturas em cavernas ao norte de Minas Gerais, em direção à cidade de Januária, recomendamos ao leitor um artigo (revista Manchete - 20/04/74) tendo texto de Fernando Telles e fotos de Gualdo Nicolaevsky. Nessas pinturas são vistas formas humanas sumamente interessantes, que teriam um significado cultural de nosso passado e seriam talvez ligadas à presença de extra-terrestres entre nós, conforme se externou o prefeito da localidade de Montalvão (perto de Manga, a 150 km de Januária).

Aliás, foi o amigo da SBEDV, o finado Dr. Ernani Ebecken de Araujo, que emitiu as mesmas ideias durante as pesquisas que realizou sobre as pinturas encontradas em lapas nas vizinhanças (Varzelândia) de Montes Claros. O Dr. Ebecken sempre expressou a idéia de que deveria existir mais grutas "pintadas" no planalto que se estende de Montes Claros em direção ao norte e à cidade de Januária.

Uma vez que a família do Dr. Ernani teve a fineza de nos incumbir de zelar pelo material de pesquisas, por ele deixado, pretendemos organizar um album em cooperação com o Sr. Almiro Baraúna (que participou como fotógrafo da última excursão do Dr. Ernani). Assim, os vários documentários das lapas pintadas, dessa região, poderão no futuro facilitar as deduções arqueológicas sobre o assunto.

o o o o o

Relativamente ao caso de Antônio Vilas Boas (Boletim 90/93), a SBEDV tem recebido diversas cartas: algumas contendo conceitos elogiosos, e outras, conceitos críticos. Mas, todas bem-vindas, constituindo estímulo para que a Sociedade continue no seu caminho de aprimorar suas pesquisas e a qualidade do seu Boletim. Agradecemos, pois, esta valiosa contribuição de nossos presados leitores.

Assim, julgamos oportuno aduzir algumas explicações no sentido de reafirmar os pontos de vista da SBEDV no caso Vilas Boas: a mulher era "estritamente do tipo encontrado entre as raças terrestres", isto é, do tipo "HOMO SAPIENS" e que, por extensão, poderíamos chamar de "HOMO SAPIENS INTERPLANETARIUS", por se tratar de ser extra-terrestre.

Este conceito foi mesmo endossado por entidades estrangeiras, pois o livro "THE STARLING EVIDENCE OF THE INVASION FROM OUTER SPACE" (Signet Book, 1966) menciona à pag. 69: "... Her blond, nearly white hair, big blue slanted eyes and even features contributed to an unusual beauty..."

Através de citações de Boletins anteriores, relembremos casos de extra-terrestres que se identificam perfeitamente com o tipo humano-terrestre:

- a) - Maria Cintra, atendente do Sanatório Clementino Ferreira, em Lins - S. Paulo atendeu, de madrugada, a uma mulher que lhe pedia água. A funcionária só percebeu que se tratava de ser extra-terrestre quando viu que ela entrava num DV, parado em frente ao portão principal do edifício e que pela escuridão da noite não havia sido notado até então. (Boletim SBEDV nº 66/68, pag. 76).
- b) - Daildo de Oliveira, vigia noturno da CESP, subestação em Baurú, chegou a lutar com pessoas que julgava serem ladrões e que pretendiam invadir a represa. Só verificou o seu engano quando viu que se tratava de tripulantes que entraram num veículo parecido com um furgão Volks, que levantou vôo. (Bol. SBEDV nº 66/68, pag. 72).
- c) - No Congresso ufológico brasileiro em São Paulo, o General Moacir Uchôa relatou um contato que presenciou entre um ser extra-terrestre e o fazendeiro Wilson Plácido Gusmão. Aos presentes, o General fez crer que o tipo observado era igual ao humano-terrestre (Boletim SBEDV nº 69/70, pag. 102)
- d) - Quatro estudantes de Direito, quando viajavam de carro, na estrada Aguaí-Pirasununga, São Paulo, presenciaram seres extra-terrestres enfileirados à margem da estrada, tendo-os confundido com pessoas comuns, e quase pararam o carro para "conversar com eles". (Boletim SBEDV nº 74/79, pag. 34).
- e) - Artur Berlet, de Sarandi, no Rio Grande do Sul, em contato com seres extraterrestres durante várias horas, não percebeu o fato e pensava que se achava entre pessoas comuns (leia-se o livro de Artur Berlet, nas Bibliotecas: Nacional, no Rio; Municipais, em São Paulo e Curitiba).

CIPEX e GENA

2004

Esses fatos, entretanto, a nosso ver, são sumamente traumatizantes para o orgulho "antropocêntrico" da ciência humana, que já vem sendo abalada em seus alicerces desde que a presença de veículos extraterrestres, entre nós, veio atestar um estágio tecnológico superior ao estágio atual da Terra.

A reserva do Dr. Olavo Fontes em tornar público, de imediato, o caso Vilas Boas, se explica, a nosso ver, exatamente por este efeito traumatizante que tal fato despertaria nos seus colegas estudiosos da ciência ufológica. Propunha ele "a espera do aparecimento de um caso igual para sua comprovação" (citação de carta publicada na Flying Saucer Review de Abril de 1966). Anos após, houve o episódio do casal Hill: caso parecido com o de Vilas Boas, pois os tripulantes nesse caso eram "humanoides", isto é "apenas parecidos" com seres terrestres. Veja-se a fig. nº 28, reprodução da pag. 3 do UFO INVESTIGATOR (Abril 1972) da NICAP (National Investigation Committee on Aerial Phenomena - suite 801, 1730 Rhode Island Ave., NW Washington DC 20036, USA), onde está publicada a narrativa do "caso Hill".

o o o o o

1953

.3.

Artigo resultante de entrevista e texto de autoria de Dna. Ester C.L., escritora, viúva de um ilustre brasileiro, categorizado funcionário público e emérito cientista. Ambos diplomados em História Natural, realizaram, durante anos, na Amazônia, uma pesquisa "sui-gêneris" sobre a fauna local, tendo isto culminado num livro que, segundo podemos observar pessoalmente, constitui uma verdadeira joia, no gênero. Trata-se pois de testemunha de alta reputação, merecendo todo o crédito.

Icoaracy, à margem do Rio Guajará, é uma cidadezinha de veraneio do Pará, distante uns 40 ou 50 km de Belém, e da qual, nos dias muito claros, com o auxílio de um binóculo, se pode ver a Ilha de Marajó.

Algumas ordens religiosas têm ali suas casas ou seus sítios de férias. Próximo de minha residência, as Irmãs da Ordem de Santana passavam o fim do ano numa grande propriedade que haviam arrendado ou comprado. Eram dez ou quinze freiras, professoras na maioria, as quais, freqüentemente, eu visitava.

Em 1953, quando ali construí uma bonita casa, bem em frente à praia e nas vizinhanças do Seminário de férias, imaginava habitá-la por longos anos, tal a beleza do lugar que me fascinava.

Inexplicavelmente, porém, os moradores de Icoaracy, lugar quieto e nunca importunado por malfetores, passaram a ser molestados por ladrões, o que me obrigou a contratar um vigia, cabloco forte e espadaúdo, que passava a noite rondando a casa, por vezes repousando no longo terraço, onde havia cadeiras confortáveis, semelhantes às que são usadas nos "decks" de navios estrangeiros.

Interessando-me por discos voadores, há já alguns anos, pedi certa vez, ao vigia, que prestasse atenção ao céu, na esperança de que ele tivesse a oportunidade de ali divisar algo de extraordinário.

- "Que poderei ver no céu, Dona?", indagou-me ele.

- "Não sei bem", respondi-lhe, "talvez como que um avião parado, alguma luz estranha ou diversas luzes..."

- "E avião pára no céu", perguntou-me o vigia.

A pergunta me embarçou, pois eu não podia assustar o homem que não tinha medo de malfetores mas que poderia tê-lo de qualquer coisa que lhe fosse desconhecida ou que representasse novidade para ele.

Os meses se passaram. Diversas casas continuavam a ser visitadas por gatinhos. A minha, no entanto, conservava-se bem vigiada.

Certa noite, pouco antes das vintes e quatro horas, o vigia, que estava no terraço, chamou por mim:

- "Dona, há no céu uma estrela que não parece estrela. Venha ver".

Levantei-me e minha filha, de seis anos, acompanhou-me, porque também acordara. Olhando para o céu, vimos realmente como que uma estrela estranha: grande, azulada, semelhante a uma pequena luz azul, não muito brilhante, de beleza fascinante, que estava à nossa frente, à esquerda de uma frondosa paineira, a que chamamos de "sumaumeira", situada bem no centro da praia. (ver fig. nº 25 - quadro pintado pela filha de Dna. Ester, e agora garbosa moça, estudante de artes).

A noite estava muito escura. Não se via qualquer astro no céu e, por vezes, aquele corpo luminoso, sem que percebêssemos seu deslocamento, mudava de lugar, permanecendo imóvel do lado direito da paineira.

Era um fenômeno esquisito aquele em que não se via o objeto correr ou mudar de direção de maneira perceptível.

Realmente, nada do que presenciávamos era normal e ali permanecemos atônitos com o singular espetáculo, sem compreendermos o que se passava, até que, ao mesmo tempo, começamos, os três, a tremer de frio. Era um tremor excêntrico, porque a noite não estava fria. Minha filha e o vigia começaram a ter medo, dizendo-me este:

- "Dona, deixe-me ir para o meu quarto; não aguento mais o frio e não sei que coisa é aquilo".

Nós duas também nos recolhemos e, pouco depois, dormíamos.

No dia seguinte, minhas amigas, as Freiras, chamaram-me para perguntar-me se eu vira o que de espantoso acontecera na noite anterior; contando-me que:

- "Após o jantar, viemos nos sentar aqui no terraço para conversar ou rezar o Rosário, o que sempre fazemos quando a noite está boa. Já era quase noite quando vimos no céu uma grande bola de fogo que descia bem aqui, frente à nossa casa, dando-nos a impressão de que vinha caindo e de que iria esmagar tudo aqui em baixo, quando, porém, estacionou sobre o rio, a uns três ou quatro metros da superfície da água. Queríamos gritar e chamar as outras companheiras que estavam lá dentro, o que não conseguimos fazer. Nem nos pudemos levantar! O objeto se nos afigurou como um avião redondo com janelinhas em volta, iluminadas, atrás das quais, entretanto, ninguém era visto. A coisa ficou aqui, bem em frente, durante uns quinze ou vinte minutos, não sabemos bem, tornando a subir verticalmente. A uma altura bem elevada, tomou a direção de Marajó, em vôo horizontal. Quase não dormimos, de medo, e fomos para a capela rezar. A Senhora viu?"

- "Não", disse-lhes eu, "a essa hora estávamos jantando, mas quase à meia noite o vigia nos chamou para vermos uma luz estranha no céu".

Em seguida, relatei-lhes o que havíamos presenciado, aproveitando-me do momento para contar-lhes o que já vinha lendo, há uns cinco ou seis anos, sobre discos voadores.

CIPEX e GENA

2004

No dia seguinte, entre quatro e cinco horas da tarde, fui procurada por um caseiro de outra casa vizinha, de propriedade de um ex-Governador do Pará.

Contou-me ele que, pela manhã, passando pela quarta ou quinta rua (pois em Icoaracy assim são designadas as ruas), viu, num armazem, um casal de estrangeiros provocando um esforço inútil no proprietário. Este, apesar de falar diversas línguas, não conseguia compreender o que o casal dizia.

Ambos eram louros e os cabelos da mulher estavam soltos e desciam até abaixo da cintura, o que não era usado pelas mulheres àquela época.

Vestia uma blusa branca e uma saia de cuja cor o caseiro não se recordava.

Como não se fizessem entender, muito embora parecesse que queriam saber os nomes das coisas e das comidas que se encontravam na venda, voltaram e tomaram a direção da terceira rua, em cuja esquina estava situada a minha casa.

O caseiro os seguiu, vendo-os abrir um saco, do qual retiraram algo que comeram. Andavam todos devagar. Ao chegarem à esquina, o casal parou e começou a apontar para a árvore da praia, indicando o céu, de um e do outro lado da sumameira. O caseiro olhava também, mas nada via.

De repente, bem à sua frente, o casal sumiu.

- "Deoclécio", disse-lhe eu, "tu andaste bebendo na venda?"

- "A Senhora sabe que eu não bebo. Eu olhei bem, para um lado, para o outro, e eles não estavam mais na rua, nem na praia! Não foram para lugar nenhum! O que a Senhora acha que isso quer dizer?"

- "Não sei, Deoclécio, mas também acho tudo muito estranho. Vamos ficar atentos".

O caseiro se foi e eu decidi que, no dia seguinte, iria ao Quartel Gene-

ral, em Belém, a fim de ali relatar ao comandante todos os últimos acontecimentos. E le, porém, lá não estava e então resolvi ir a Val de Cãs, para colocar a Base Aérea a par dos fatos.

Quando ali cheguei, declararam-me que o Brigadeiro não me poderia atender porque estava em conferência. Insisti, pedindo ao oficial que informasse ao Brigadeiro que eu ali havia ido para falar sobre um caso de discos voadores. Imediatamente, o Brigadeiro, de cujo nome me esqueci, recebeu-me e eu iniciei, para ele, o relato de todas as histórias.

A seu lado, uma estenógrafa procedia às anotações.

CIPEX e GENA

2004

Finalmente, disse-me ele:

- "Meus soldados também viram esse casal. Por achá-lo muito surpreendente resolveram segui-lo na estrada e, do mesmo modo, o casal repentinamente su miu! Agradeço muito seu depoimento, que nos é valioso, pedindo-lhe que guarde segredo de tudo isso".

Comuniquei-lhe, então, que, antes de chegar à Base Aérea, havia almoçado em casa de amigas, donas de um jornal diário de Belém, e que também se interessavam por discos voadores.

Sabendo de meus propósitos, uma delas me contou o seguinte:

- "No decorrer desta semana, fui à cidade para fazer compras. Ao passar por uma sapataria, observei que o dono da loja não se fazia compreender por uma estrangeira de cabelos soltos. Resolvi, então, servir-lhe de intérprete, supondo que fosse inglesa, americana ou alemã. Quando entrei na loja e cheguei junto a eles, a mulher desapareceu de nossa frente! Não mais estava na loja, nem na rua! Fiquei tão impressionada que voltei imediatamente para casa"...

Recebi do Brigadeiro a incumbência de prestar muita atenção a todos os fenômenos que ocorressem a partir daquela data e de recomendar a meu vigia que me comunicasse prontamente a verificação de qualquer coisa diferente, no céu ou na terra.

Os meses foram-se passando, as casas de veraneio iam sendo assaltadas com mais frequência e a minha residência passou a ser também alvo dos ladrões, tanto que apesar do vigia, o Chefe de Polícia de Belém, que tinha sido amigo de meu marido, mandou que todas as noites dois guardas policiassem minha casa, com a ajuda de uma lanterna de quatro elementos, que por mim fora comprada para projetar luz a grande distância.

Certa vez, durante o dia, tentaram arrancar uma das grades da janela que fica na parte trazeira da casa.

Depois disso, meus amigos, o próprio Chefe de Polícia e o Delegado de Icoaracy me aconselharam a alugar a casa e ir para Belém, pois eu vivia só com a pequena e três empregados, e porque, no tempo da internada, aquele lugar se tornava ermo.

Por volta do ano de 1955, após muito pensar, resolvi que iria para a Europa e que colocaria a menina num bom colégio em Portugal ou na França. Acontece, porém, que era meu desejo realizar, antes, um sonho há muito acalentado: o de passar uma temporada na Ilha da Madeira. Assim resolvendo, comecei a preparar a viagem.

Não faltaram pretendentes para a casa e, finalmente, chegou a véspera da partida.

O dia fora afanoso. Trabalhei, nos preparativos, até às onze horas da noite. O vapor da "Booth Line" deveria partir, levando-nos, no dia seguinte, às dez da manhã.

Deitei-me para repousar um pouco, mas a fadiga era tão grande que logo dormi profundamente, razão por que custou muito ao vigia acordar-me batendo violentamente na portada sala. Já era de madrugada (1/2 hora).

Ao despertar, julgando estar ele suspeitando de ladrões, muni-me de um revólver. Entretanto, quando cheguei ao terraço, verifiquei que os guardas dormiam e o vigia contemplava, no céu, bem distante do lugar onde a vimos pela primeira vez, a pequena lua que, dessa vez, apresentava uma tonalidade verde, tão linda e tão brilhante como a da luz de uma estrela e que provocava nas águas do Guajará um reflexo verde belíssimo!

Fiquei encantada. Como da primeira vez, a pequenita acordara também e estava agarrada ao capote que eu vestira e que levava na viagem.

Perguntei ao vigia como notara a estrela verde, ao que ele me respondeu:

- "Eu estava rondando. Os soldados dormiram depois que comemos a ceia que a Senhora sempre nos fornece, e então eu vim aqui para o lado do Seminário, com a lanterna, porque havia percebido algum barulho. Nesse momento, olhei para o céu e vi a luazinha que vinha do lado de Belém e parou ali".

Assim dizendo, o vigia apontou na direção onde se encontrava o tal objeto, e acendeu a lanterna elétrica: A "lua" sumiu! ordenei-lhe que apagasse a lanterna e, então, a "lua" tornou a brilhar. Como gostássemos da brincadeira, ficamos acendendo e apagando a lanterna até que, de repente, o tal frio se apoderou de nós, fazendo-nos tremer a ponto de batermos os dentes.

Os guardas, que também despertaram, tremiam de medo.

Pedi ao vigia que se fosse deitar. Eu e minha filha fomos para nosso quarto e, a seguir, dormi, embora tivesse desejado apreciar por toda a noite aquele novo espetáculo de tanta beleza.

Não tive tempo de contar ao Brigadeiro o que acontecera.

CIPEX e GENA
2004

Durante os muitos anos que se passaram, guardei segredo de tudo.

De volta, já nesta casa (aqui no Rio de Janeiro), certa noite, em 1968, às 20h 30 min, eu estava em meu quarto, lendo na cama, quando notei que os holofotes não cessavam de percorrer o céu até que, finalmente, pararam focalizando um ponto no espaço.

À vista do que se estava passando, pedi à minha filha que observasse o céu para ver se havia algo de estranho. Pouco depois ela me chamava dizendo:

- "Venha ver que coisa bonita os holofotes focalizaram!"

Não havia dúvidas de que era uma aeronave alongada, com janelinhas. Estava parada. Com nosso binóculo, divisamos melhor a sua forma, que parecia, realmente, a de um charuto com janelas iluminadas.

Pretendíamos chamar todos os vizinhos para dividirmos com eles o prazer da aquela visão, mas, ao mesmo tempo, tínhamos perder o espetáculo para sempre.

Após uns quinze ou vinte minutos, aquele objeto, o que quer que fosse, partiu velozmente na direção de Niterói. Os holofotes acompanharam sua trajetória, e a cutada com uma rapidez extraordinária. Desde aquela ocasião nunca mais vi algo semelhante, mas acredito que um dia um novo episódio dessa natureza me seja apresentado.

Há algum tempo, passei dois meses em Brasília, onde conheci pessoas que hoje são minhas amigas e que têm contato quase diário com habitantes de outros planetas. Um desses extraterrenos, certa vez, evitou um choque violento do automóvel, rigidito por uma dessas minhas amigas, que ia ao encontro de um outro, numa curva. Ela viu quando um de seus amigos extraterrenos fez parar, repentinamente, o automóvel que iria matá-la, porque a batida seria violenta e inevitável se não ocorresse essa interferência poderosa.

Uma ocasião, ainda em Brasília, meus amigos perguntaram àquelas seres se me podiam levar ao local em que costumavam aterrisar com suas naves, obtendo-lhes o consentimento com a exigência de que não se levariam crianças para o local. Uma de nossas amigas lá compareceu acompanhada de quatro filhos e, naquela noite, nada aconteceu.

2 A) - O CASO "BEBEDOURO"CIPEX e GENA
2004

Relator: Húlvio Brant Aleixo. - (CICOANI - Caixa Postal nº 1675 - Belo Horizonte - Minas Gerais).

Ilustrações: Alberto Francisco do Carmo.

Fotos: Alberto F. do Carmo e Walter Buhler.

DATA DA OCORRÊNCIA: de 4 (domingo) a 9 (sexta-feira) de Maio de 1969.HORA E DURAÇÃO: A partir das 15 h do dia 4, até as 04 h do dia 9, totalizando 109 horas (cerca de 4,5 dias).LOCAL - 1) Ponto de partida: localidade denominada BEBEDOURO, à margem do Rio das Velhas, município de Matozinhos, a 50 km de Belo Horizonte (em linha reta), Estado de Minas Gerais, Brasil.

2) Ponto de chegada: a 32 km de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, e a 360 km (em linha reta) de Belo Horizonte.

OBSERVADOR: JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA, 24 anos, solteiro, soldado nº 33930 da Polícia Militar de Minas Gerais e ordenança do então sub-comandante do Batalhão de Guardas da PMMG, Major Célio Ferreira.

Residência: Rua Emídio Germano, Vila Pompéia, Belo Horizonte.

INVESTIGADORES: Húlvio B. Aleixo (presidente do CICOANI), Alberto F. do Carmo, Heros C. Jardim, Roberto C. Aleixo, Maria Irene M. Neves, Walter Buhler (presidente da SBEDV), Wanda M. Santos, Edson A. Moura, Luiz Romaniello e outros membros e colaboradores do CICOANI e da SBEDV.

NOTA: Foram realizadas mais de 20 entrevistas e exames em diversos locais, inclusive em Bebedouro. Estas entrevistas continuam, esporadicamente, para fins de acompanhamento.

RESUMO DAS ENTREVISTAS E EXAMES, INCLUINDO DADOS FORNECIDOS POR TERCEIROSINTRODUÇÃO

Às 7h 25 min da manhã de 10 de maio de 1969 chegou à gare da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Belo Horizonte, o trem NF-32, proveniente da Estação de Pedro Nolasco, Vitória, Espírito Santo.

O Sr. Geraldo Lopes da Silva, agente de segurança da ferrovia, observou, entre os passageiros que desciam dos vagões, a presença de um rapaz mal vestido, com touca de meia na cabeça, trazendo algo embrulhado numa lona. Foi justamente o embrulho que chamou sua atenção sobre o rapaz, porque havia frequentes roubos de fios de cobre da Estrada de Ferro. Interpelando-o, o agente pediu sua identidade. - "Chefe, não tenho identidade, porque me tomaram. Mas sou soldado" - respondeu o rapaz. O agente continuou insistindo e recolheu o rapaz a uma das salas da Estação, onde passou a examinar o conteúdo de sua mochila. Nesta encontrou material de pesca, de alimentação e peças de vestuário. Pressionado pelo agente, José Antônio da Silva disse que tinha uma estória para contar e identificou-se como ordenança do Major Célio Ferreira, sub-comandante do Batalhão de Guardas da Polícia Militar de Minas Gerais.

Após ouvir a estória várias vezes, em busca de contradições, o agente acabou por aceitá-la, apesar de sua estranheza. Chamou então a reportagem da Rádio Guarani e, após rápida entrevista, o soldado foi encaminhado ao seu quartel.

Impressionado com o profundo abatimento físico do rapaz, o Major Célio Ferreira isolou-o em sua própria residência por 24 horas, proporcionando-lhe alimentos, remédios e repouso.

Na manhã do dia 11, domingo, o soldado subiu o morro de sua casa com muita dificuldade, para juntar-se aos seus familiares. Estes o perceberam emagrecido, queimado de sol, barbado e manco de uma perna. Sua ausência de quase uma semana o deixara aflitos, pois José Antônio nunca passara tanto tempo fora de casa, sem aviso. O próprio Major Célio chagara a mobilizar subordinados para irem à sua procura, no dia anterior à sua chegada.

Na noite do dia 11 o CICOANI obteve a primeira entrevista com José Antônio e, a partir desta data, inúmeras outras se sucederam, sem que houvesse variações significativas nos seus relatos ou em seu comportamento. Uma semana após o seu retorno foi feita uma reconstituição de cena no próprio local da ocorrência, Bebedouro

CIPEX e GENA
2004

RAPTADO ENQUANTO PESCAVA

Na tarde de 3 de maio de 1969, sábado, José Antônio da Silva saiu de casa para uma pescaria. Apanhou um ônibus na Estação Rodoviária de Belo Horizonte, com destino a Pedro Leopoldo. Desceu do veículo antes de chegar a essa cidade, seguindo a pé pela estrada Jaguará até o local denominado "Bebedouro", antiga "Fazenda dos Ingleses", no município de Matozinhos. Cerca de meia noite chegou à beira de uma pequena lagoa, retirou seus petrechos da lona que levava a guisa de mochila e com esta montou sua barraca, indo pescar um pouco antes de dormir.

Ao amanhecer de domingo, dia 4, José Antônio acordou, enrolou a lona e continuou a pescaria, sem êxito. Fez uma pausa ao meio dia para alimentar-se com sardinha enlatada e retornou à pesca.

Cerca das 15 horas, olhando para o lado, percebeu vagamente vultos e ruídos às suas costas. Ouviu então um grito "parecendo um gemido, vindo do fundo do peito" e, em seguida, percebeu-se atingido nas pernas por uma "rajada de fogo", vinda da direção de um vulto parcialmente coberto pelo mato. Sentindo caimbra e adormecimento nas pernas, ajoelhou-se automaticamente na beira da lagoa, soltando no solo a vara de pescar.

"A rajada parecia de fogo mas não era, porque não queimou minha perna" -- diz José Antônio. Era um feixe de luz esverdeada no centro e avermelhada nas bordas, abrindo-se um pouco a partir do ponto de origem.

Em questão de segundos viu-se ladeado por dois indivíduos pequenos e mascarados (fig. 2 A), que passaram a levá-lo pelas axilas, arrastando-o pelo mato pantanoso, por onde caminhavam com muita facilidade. Com seus joelhos arrastando-se pelo chão, José Antônio desistiu de reagir ao pensar no que lhe aconteceria se um novo jato de luz fosse disparado contra sua cabeça.

Já a 10 metros da lagoa, percebeu por entre o capim alto um terceiro indivíduo idêntico aos seus dois acompanhantes, que não se moveu à sua passagem, ficando para trás. Todos os três carregavam uma espécie de arma (fig. 3 A), mas José Antônio supõe que o terceiro foi o responsável pelo disparo e também pela emissão do som grave, espécie de gemido.

DESCRIÇÃO DOS RAPTADORES

Nesta altura José Antônio vestia apenas um calção curto de camurça amarela, trazendo um grande Rosário enrolado na cintura e, na cabeça, um gorro de meia de mulher, coberto por outro, de malha preta. (fig. 5) Observou que os homenzinhos tinham cerca de 1,20 m de altura e estavam totalmente cobertos: o corpo, por uma roupa clara, brilhante, dispondo de gomos nas articulações dos cotovelos e dos joelhos; a cabeça por uma máscara de cor cinza fosca, como "alumínio apagado". Esta era redonda na parte de trás e na frente era esquinada, aplainando-se a partir da testa, exceto na altura do nariz, onde havia a saliência correspondente. Na altura dos olhos havia dois orifícios circulares de uns 2 cm de diâmetro. Aparentemente rígida, a máscara descia larga sobre os ombros e não tinha conexão com o vestuário. De sua per

te inferior saía um tubo semelhante a plástico que, passando sobre o peito e sob as axilas, terminava num pequeno bujão fixado às costas de cada homenzinho. Estes tinham proporções humanas, sendo robustos em relação à sua pequena estatura. Suas pernas pareciam grossas. "Eu acho que daria conta de dois deles, se quizesse" - comenta José Antônio. Nesta altura sentia mais curiosidade do que medo.

UM APARELHO NO SOLO

CIPEX e GENA

2004

Tão logo passou pelo terceiro indivíduo, avistou um aparelho, para o qual era levado através do arvoredo. Ele se apoiava, um tanto inclinado, numa pequena esplanada de terra. Era composto por um cilindro vertical ligado pelas bases a duas peças lenticulares ou achatadas, ambas de diâmetro maior do que o cilindro e a de cima maior do que a de baixo. Para descrever esta forma José Antônio recorreu a um copo com a base sobre um pires e com a boca encimada por outro pires maior e emborcado. Das bordas da plataforma superior saíam, a intervalos regulares, hastes que iam se encaixar oblíquamente na base do cilindro (e não nas bordas da plataforma inferior). No cilindro havia uma abertura, semelhante a porta, de aproximadamente 1,30 x 0,60m. Pela parte de fora o aparelho teria uns 2 m de altura total, uns 3 m de diâmetro na plataforma superior e uns 2,5 m na plataforma inferior, apoiada no solo. O cilindro de cor cinza, as duas plataformas pretas (fig. 1).

Introduzido através da porta, José Antônio deparou com um cômodo de forma quadrangular, com cerca de 2 m de lado e de altura. As paredes, o teto e o assoalho eram de cor cinza escura, fazendo lembrar superfícies de pedra, assim como os banquinhos, que não tinham pernas. Junto à parede da porta estava o banco cúbico mais comprido, onde ele e seus dois acompanhantes iriam se sentar. No meio do cômodo, o banco menor, que logo seria ocupado pelo tripulante ainda ausente. Apesar da iluminação ambiente ser intensa e do tipo "vapor de mercúrio", o soldado não conseguiu descobrir os focos de luz, nem aberturas ou saliências nas superfícies lisas.

Uma vez sentado no meio do banco duro, seus acompanhantes adaptaram na sua cabeça um capacete igual ao que levavam, introduzindo-o através de uma abertura trazeira. Também deste capacete saía um tubo que se dirigia às costas, mas José Antônio não percebeu a adaptação, em si, do bujão semelhante aos que iam às costas dos tripulantes. Admite a possibilidade de que esta peça estivesse colocada atrás do seu banco, mas não a percebeu.

Sentando-se cada um de um lado, os dois acompanhantes amarraram-lhes os pés e em seguida sua cintura, com um material "ressecado", áspero. Passaram então a amarrar-se a si próprios, momento em que entrou no cômodo o terceiro tripulante, para sentar-se à sua frente, no banco isolado, e amarrar-se também.

Nesta altura José Antônio só podia enxergar através dos orifícios da pesada máscara, cujas pontas começavam a incomodar-lhe os ombros e a base posterior do pescoço.

V I A G E M

Sentado de face para os três, o tripulante isolado acionou, para o lado, uma pequena alavanca situada no piso, à sua esquerda. Imediatamente José Antônio ouviu um zumbido oriundo da parte superior do aparelho e acompanhado por uma sensação de decolagem. Em seguida, ao ser acionada para cima uma alavanca maior, à direita do piloto, ouviu um zumbido na parte inferior, tendo a impressão de que o aparelho acelerou verticalmente.

Logo após a decolagem os estranhos começaram a falar animadamente entre si, olhando frequentemente para José Antônio, que nada entendia. Língua ininteligível, nela predominava o fonema "r" no final de muitas palavras, que eram pronunciadas de forma "rompante", com voz grave e gutural.

À medida que o aparelho lhe parecia mais alto, a respiração do soldado se fazia mais difícil. A certa altura, além do abatimento moral, sentiu o organismo cansado, quase paralisado. Sua posição foi se tornando cada vez mais incômoda, devido à dureza e tamanho do banco, ao adormecimento das pernas e ao peso do capacete, cujas quinas machucavam-lhe os ombros e a nuca.

Após muito tempo de viagem, que lhe pareceu interminável, percebeu que a claridade no interior do cômodo se tornava cada vez mais forte e pulsava, obrigando-o a fechar os olhos, dentro do capacete. Após mais ou menos uma hora, percebeu que a claridade diminuía, podendo reabrir os olhos.

A viagem continuou sem novidades até o momento em que o aparelho pareceu girar 90 graus sobre seu eixo lateral. Para ilustrar essa manobra, José Antonio pegou um copo - representando o cilindro central -, colocando-o deitado. As cadeiras se adaptaram à nova situação do aparelho, "parecendo terem virado também". Muito tempo depois o aparelho normalizou sua posição, assim como as cadeiras. Decorrido outro prazo, o aparelho apoiou-se em algum lugar. "Senti o arranco" - diz José Antônio.

CIPEX e GENA

2004

EM LOCAL NÃO IDENTIFICADO

Os homenzinhos se desamarraram e, em seguida, também a ele. Vedaram-lhe os orifícios da máscara, de modo que agora ele podia apenas escutar. Os indivíduos, até então muito falantes e parecendo alegres, calaram-se e o pegaram pelas axilas, carregando-o de pernas encolhidas, os joelhos arrastando-se pelo chão. As pernas continuavam dormentes, mas José Antônio julga que já conseguiria ficar de pé, se pudesse tentar. Os homens tinham muita força, para seu reduzido tamanho.

À medida que avançava na escuridão, sempre carregado, José Antônio ouvia ruídos de passos e de muita conversa. Tinha vontade de enxergar e, nesta altura, chegou a sentir-se alegre. Em todas as vozes que ouvia, distinguia o mesmo idioma estranho de seus acompanhantes, que agora estavam calados; algumas vozes eram mais graves, outras menos. Nenhuma, entretanto, lhe pareceu de origem feminina.

Percebeu que o sentaram num banco sem encosto. Em seguida tiraram a venda dos orifícios de sua máscara, mas esta continuou. Através dos orifícios, viu-se num salão muito grande, quadrangular, com cerca de 10 a 15 m de lado. Imediatamente chamou-lhe a atenção uma figura que estava de pé, à sua frente, a uns 5 m de distância, e focalizando-o com o olhar.

OS URÂNIDAS SEM MÁSCARA

Era um indivíduo pouco maior (cerca de 1,25 m) que os demais e também mais robusto, sem máscara e sem uniforme de vôo, que olhava para José Antônio com aparente satisfação. Neste momento os seus três acompanhantes estavam retirando as respectivas máscaras, conversando muito animadamente com aquele que, a José Antônio, pareceu ser o chefe. Este era, como os demais, muito cabeludo: cabelos longos, ondulados e avermelhados, ultrapassando os ombros por trás até a cintura; barba espessa e comprida, chegando à altura do abdomen; sobrancelhas separadas, da espessura de dois dedos, cobrindo quase toda a testa. Pele clara, bem pálida. Olhos arredondados, de tamanho superior ao comum, de cor verde semelhante à da folha que começa a murchar. Cavidades orbitais fundas, esclerótica mais escura do que a pele, pupilas escuras. Os olhos quase não piscam. Nem deu para reparar os cílios.

José Antônio diz: "Rezei na hora em que o vi. Imaginei que não voltaria mais". O nariz, afilado e comprido, "maior do que os nossos". As orelhas, também maiores, eram iguais às nossas na parte de baixo, mas eram despontadas na parte superior. A boca era larga, com alguma semelhança às nossas, mas "pareciam boca de peixe". "Eu não vi dentes nelas; se eles abrem a boca, eu não vi".

O homenzinho, cercado pelos companheiros de viagem de José Antônio, parecia muito alegre e fazia gestos com as mãos, ao falar. O medo do soldado foi-se atenuando porque "o homem parecia bom". Surgindo de sua retaguarda, José Antônio percebeu que outros indivíduos de aspecto físico semelhante vieram rodear aquele que parecia ser o chefe, chegando a 10 ou 12 o número de homenzinhos presentes, em certo momento. Ao surgirem ou desaparecerem de seu limitado campo de visão, faziam-no na direção de suas costas, onde José Antônio supõe haver uma parede com porta. Não viu essa parede, porque sua posição e a máscara não deixavam. Percebeu apenas três paredes do salão e o piso, mas não reparou o teto, em virtude de sua posição inclinada, com as pernas estendidas: o banco era muito baixo.

José Antônio ficou surpreso e amedrontado quando percebeu a seu lado e junto à parede lateral esquerda, uma espécie de estrado baixo, aparentemente de pedra, onde jaziam quatro homens enfileirados, lado a lado (fig. 4). Estavam em decúbito dorsal, desnudos e sem máscara, e pareciam mortos, olhos fechados, com rigidez cadavérica. Um deles era escuro "preto mesmo", outro moreno claro, ambos bem robustos. Os outros dois eram mais claros e franzinos, sendo um destes bem louro, "como estrangeiro". Eram semelhantes a nós e não apresentavam qualquer ferimento visível. "Só se havia nas costas, que eu não pude ver". Os homenzinhos não davam qualquer atenção aos cadáveres, que no José Antônio despertavam pensamentos tétricos e pessimistas quanto a eventual retorno. Ainda assim, ele não julga que os homenzinhos tenham matado aqueles homens. "Talvês eles não tenham resistido ou tirado a máscara" - pensa José Antônio.

CIPEX e GENA

2004

O SALÃO (descrição do ambiente)

As paredes e o piso do grande salão pareciam-lhe de pedra, devido ao tom cinza uniforme. A iluminação era também uniforme e intensa, do tipo vapor de mercúrio, mas não tinha focos aparentes. Nenhuma janela ou abertura visível. Na parede da esquerda - junto à qual estava o estrado com os cadáveres - viam-se desenhos coloridos de muitas coisas familiares ou conhecidas por José Antônio: bichos como onça, macaco, elefante, girafa; casas e uma cidade pequena; árvores, florestas, mar; veículos: caminhões como o FNM (Alfa Romeo), avião bimotor a hélice, automóvel. Tais figuras, isoladas umas das outras, cobriam apenas uma parede: as da frente e da direita nada continham.

Apoiado no piso, um pouco à direita, estava um aparelho estranho que fez lembrar, a José Antônio, um carro de corrida: uma estrutura mais ou menos cilíndrica, com 2 metros de comprimento e 0,80 m de altura, toda fechada e repousando sobre o piso; de um lado e de outro, nas posições correspondentes às das rodas de um carro, havia quatro saliências arredondadas que não tocavam o chão e fizeram-lhe lembrar turbinas. Apesar de ter-se esforçado, não conseguiu ter nenhuma idéia sobre a utilidade e o funcionamento daquele aparelho.

Cerca de 5 metros à sua frente havia um pequeno banco de forma cúbica e sem pernas, onde o "chefe" se sentava de vez em quando. Do lado direito desse banco e quase no nível do piso havia um outro estrado, com vários metros de comprimento e superfície branca. Parecia ter 3 metros, sendo utilizado depois como lousa, para desenhos.

No meio da confusão provocada pelo entrar e sair dos homenzinhos, da gesticulação acompanhada de linguagem estranha, da animação transparente nas fisionomias dos estranhos, José Antônio chegou a supor que eles estavam muito satisfeitos com sua presença ali. Os indivíduos se assemelhavam muito uns aos outros, apesar de variações envolvendo tamanhos, fisionomias, tons de pele, comprimento de barba e cores dos olhos. (fig. 4)

EXAME DOS PERTENCES

José Antônio ficou surpreso ao perceber que um dos indivíduos estava a desamarrar cuidadosamente o embrulho de lona onde trazia seus petrechos de pesca.

Ao ser capturado na beira da lagoa, essa lona estava aberta numa pequena clareira e os objetos espalhados em torno. Ele não sabe quem a teria enrolado com os objetos dentro e levado àquele salão. Supõe, agora, que isso teria sido obra do terceiro tripulante, que ficara para trás no matagal, enquanto ele era carregado para o aparelho.

De qualquer forma, ali estavam os homenzinhos retirando e examinando, com muita animação, um a um dos pertences contidos pela lona. De mão em mão passavam as suas coleções de anzol, machadinha, escavadeira, facões, caixas de fósforo, lata de sardinha e outros alimentos, assim como as peças de roupa. Enquanto isso, José Antônio sentia frio, apesar de estar respirando melhor: continuava apenas de calção. Percebeu que, logo após detido exame das peças, era separado um exemplar de cada objeto do qual houvesse duplicata. Assim, os homenzinhos se apossaram de um exemplar de cada tipo de anzol; de um exemplar dos três facões; de uma caixa de fósforo, uma

das duas mudas de roupa e uma nota de 100 cruzeiros (antigos), dentre os 35 mil e 100 cruzeiros que encontraram num dos bolsos. As peças de que não havia duplicata - como a lata de sardinha, por exemplo - foram todas devolvidas ao envoltório de lona e este foi de novo enrolado e amarrado cuidadosamente. A exceção ocorreu com sua carteira de identidade, encontrada também num dos bolsos e exibida para todos. Não devolveram sua carteira (única) e isto lhe causou grandes preocupações, após o retorno.

José Antônio julga que os homenzinhos identificaram, através de sua carteira, sua condição de militar.

EXIBIÇÃO DE ARMAS

Porque logo um dos homens, apontando sua arma para a parede, disparou um jato de luz que resultou na descoloração da área atingida. E, além disso, a parte inicial de sua "conversa" com o chefe viria a girar sobre armas.

As armas portadas pelos homenzinhos eram padronizadas, apesar de suas variadas dimensões. Bem menores do que um fuzil, apresentavam canos bem mais largos e curtos e, formando uma peça única, continuavam se alargando para formar as coronhas. Na parte intermediária superior de cada arma havia uma espécie de gatilho que, acionado para trás, provocava a ejeção de um feixe luminoso do tipo que o atingiu antes de ser capturado.

CIPEX e GENA

2004

TENTATIVAS DE COMUNICAÇÃO

Um dos indivíduos passou, aos dedos curtos e grossos do "chefe", um pequeno objeto cilíndrico e negro que, a seguir, seria por ele utilizado como lápis, na lousa clara e lisa a seu lado. Voltado diretamente para José Antônio o líder fazia gestos, acompanhando-os sempre com sua linguagem incompreensível. Apontava para o soldado, depois para cima, para baixo, para seus companheiros e, para cada conjunto de gestos e palavras, parecia aguardar uma resposta de José Antônio. À medida que as tentativas se sucediam, este passou a entender alguma coisa, como: sinal "para baixo", igual a "sua terra"; sinal "para cima", igual a "este salão" ou "nossa terra", e assim por diante. O entendimento foi aumentando a partir das ilustrações, feitas pelo líder, em forma de desenhos toscos, na lousa branca e em acompanhamento às palavras e gestos.

No primeiro desenho José Antônio julgou perceber "um quartel": era um círculo com figuras armadas em torno, como sentinelas. O líder apontou para as armas do desenho, depois para o soldado, em seguida para baixo e finalmente para cima, tendo José Antônio entendido que ele desejava possuir armas das nossas, por seu intermédio. O soldado gesticulou negativamente e, pelo modo com que o líder insistia em temas desse tipo, começou a perder toda a esperança de retornar a salvo. (José Antônio tem se negado repetidamente a revelar outros trechos da "conversa" que envolveu este tema).

ALIMENTO ?

Carregando com as duas mãos um cubo, aparentemente pesado e de pedra, aproximou-se do soldado um dos homenzinhos. O cubo era escavado na parte superior (fig. 38) e continha um líquido de cor verde-escura. O líder fez sinal para que ele o tomasse, enquanto um dos subordinados afrouxava-lhe a máscara por detrás, chegando a suspendê-la com certa violência. José Antônio resistiu e fez sinal negativo. Vendo, em seguida, que um dos próprios homenzinhos tomava o líquido, resolveu tomar também, porque se sentia fraco e sem alimento. O líquido tinha um sabor amargo e era contido numa cavidade piramidal do cubo. A partir desse instante começou a sentir-se melhor, mais animado. Além disso, julga que passou a entender melhor o que o líder queria dizer.

PROPOSTA DO LÍDER

Dentre todos os aspectos abordados nas tentativas de comunicação, José Antônio não tem dúvidas sobre o seguinte: aqueles indivíduos estavam insistindo para que ele os auxiliasse em seus propósitos relacionados com nossa sociedade.

Manipulando o "lápis" grosso sobre a lousa horizontal, o líder traçou, pacientemente, dois grandes círculos, lado a lado. Em seguida enegreceu um deles, deixando branco o outro. Apontando sucessivamente para os dois círculos, depois para José Antônio e para baixo, o soldado acabou compreendendo que o círculo branco era correspondente ao dia terrestre e, o preto, à noite. Decorrido muito tempo até ter chegado a esta conclusão, José Antônio fez sinal afirmativo com a cabeça e o líder prosseguiu em seus desenhos. Passou a esboçar uma série enorme de pequenos círculos de interior branco, relacionando-os, através de gestos, com o círculo branco maior. Pelo abandono da referência ao círculo enegrecido, o soldado compreendeu que os pequenos círculos correspondiam a "dias". Ao fazer cada círculo pequeno, o homenzinho fazia uma pausa e chamava, por gestos, a atenção de José Antônio, que começou a contá-los. Com muita paciência, o líder completou um grande aglomerado de pequenos círculos brancos, circunscrevendo-os, em seguida, noutro círculo maior. José Antônio perdeu a conta quando ultrapassou de trezentos o número de círculos pequenos, mas concluiu que o grande conjunto significava "um ano", ou seja, trezentos e sessenta e cinco dias. Depois de fazer ao líder um sinal afirmativo, este prosseguiu desenhando mais nove aglomerados de pequenos círculos, relacionando-os por gestos com o primeiro e chamando a atenção de José Antônio, que compreendeu tratar-se de um conjunto de "dez anos", pois cada aglomerado estava circunscrito por outro círculo maior. Em seguida o homenzinho traçou um risco grosso que separava três aglomerados dos sete restantes e passou a apontar, sucessivamente, para o conjunto de três, para José Antônio e para baixo. Depois apontou de novo para o soldado, para cima e para o conjunto de sete grandes aglomerados, fazendo ainda outros gestos e levando José Antônio a entender a sequência da seguinte maneira: "Ele está propondo me levar a Terra, onde ficarei por três anos, colhendo informações para ele; em seguida mandará me buscar para junto deles, onde ficarei estudando por sete anos; finalmente, descerão à Terra, tendo em mim um guia para eles".

Como resposta a isto, José Antônio fez sinal negativo, para indicar a sua recusa. Nesta altura já estava manipulando o Rosário que trouxera enrolado à cintura, e fazia suas orações em voz alta. Quando atingiu o quarto "mistério" do primeiro "terço", o líder avançou em sua direção e, demonstrando irritação pela primeira vez, agarrou o cruxifixo, arrancando-o. Uma das contas rolou pelo piso e foi apanhada por um dos homenzinhos, que a exibiu aos demais. Da mesma forma foi exibido o cruxifixo, que despertou a curiosidade de todos.

CIPEX e GENA

2004

UMA VISÃO E UM SEGREDO

Subitamente, e enquanto os homenzinhos se ocupavam com um longo debate, José Antônio vê surgir quase à sua frente, como se tivesse vindo do nada, uma figura humana que ali se manteve imóvel, com atitude firme e amigável, olhando e falando para ele em português muito claro. Logo José Antônio concluiu que aquela visão era exclusiva dele pois, apesar de sua posição favorável, não era aparentemente percebida pelos homenzinhos, que continuavam discutindo entre si cada vez mais irritados.

Apesar da forma pela qual surgiu, a figura era nitidamente a de um homem tendo aproximadamente 1,70 m de altura, magro, barba e cabelos compridos, alourados. Pele clara e corada, olhos claros. Sua roupa escura descia até os pés descalços; tinha mangas largas, gola revirada e uma espécie de corda branca e grossa na cintura, com um nó e duas extremidades pendentes, como batina de frade.

José Antônio, que até aquele momento se sentia angustiado e sem esperança, sentiu alívio com a presença daquele que identificou como "pessoa boa, um dos nossos" e, principalmente, viu-se animado com certas revelações oriundas daquela visão. Tais revelações não poderiam ser transmitidas a ninguém, segundo José Antônio, antes de receber novas instruções e isto demoraria, talvez, dois ou três anos.

Sobre esta visão, houve uma enorme resistência do soldado em abordá-la, principalmente no que se refere à mensagem recebida, que considera secreta. Mesmo os dados sobre a descrição física do indivíduo foram fornecidos com muita relutância, pois ele alega que esses dados poderiam ser suficientes para a identificação da pessoa.

Perguntamos-lhe como se poderia descobrir o segredo mediante a simples descrição de traços de alguém que não conhecíamos nem iríamos jamais encontrar. Ele deu a entender que seria possível reconhecer essa pessoa e que não seria impossível encontrá-la. Inquirido sobre se a visão era de Jesus, respondeu prontamente que não. Se era de algum santo ele não quis responder, apenas sorrindo e desviando a conversa.

14.
Após repetidas entrevistas conseguimos obter algumas indicações sobre o conteúdo da mensagem (ver complemento deste relatório, no item 2 B).

VIAGEM DE RETORNO

Da mesma forma como surgiu no salão, o indivíduo alto desapareceu. Coincidentemente, pela primeira vez os homenzinhos pareciam irritados uns com os outros. O líder dirigiu-se aos seus guardas, que jamais saíram do lado de José Antônio (o qual teve, a seguir, vendados os orifícios de sua máscara). Da mesma forma como viera, o soldado foi suspenso pelas axilas e carregado para um local que depois, uma vez desvendados os olhos, descobriu ser o interior do aparelho que o trouxera.

Iniciou-se então a longa viagem de volta, com a presença de três tripulantes e os mesmos incidentes da ida: aparelho variando de posição e luz aumentando e pulsando por certo período.

CIPEX e GENA

2004

CHEGADA AO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Logo após ter sentido o baque correspondente ao pouso do aparelho, seus acompanhantes afrouxaram e, em seguida, retiraram sua máscara. Então perdeu quase totalmente a consciência, percebendo vagamente que o arrastavam para a escuridão. Calcula que ficou neste estado de semi-consciência cerca de uma hora, percebendo depois os primeiros albos do dia que ia nascer. Nesta altura percebeu também o ruído da água próxima e, movido por uma sede intensa, arrastou-se até encontrar um ribeirão com uma corredeira. A seu lado estava a mochila, de onde retirou o cantil; enchendo-o por duas vezes, calcula ter tomado um litro e meio de água, sem ter a sede totalmente saciada. Em seguida preparou seu material de pesca e conseguiu apanhar pequenos peixes, de que se alimentou.

Quando o sol deitou pôde reparar melhor a paisagem, que lhe era completamente estranha. Tinha sido deixado sobre uma pequena pedreira, ao lado de um córrego. Começando a caminhar trôpego, confuso, abatido e barbado, logo encontrou uma rodovia asfaltada e aí abordou um transeunte. Perguntando-lhe que local era aquele, foi informado estar a 32 km de Vitória, Capital do Espírito Santo, justamente na rodovia que a liga ao Estado de Minas. Demonstrando espanto ante essa informação, perguntou que dia era aquele. Desta vez quem se espantou foi o transeunte desconhecido, que lhe respondeu ser 9 de maio, sexta-feira.

QUATRO DIAS E MEIO DE AUSÊNCIA

Fazendo mentalmente os cálculos, José Antônio concluiu, com preocupação, que sua ausência demorara quatro dias e meio. Informando-se a respeito da direção de Minas Gerais, passou a caminhar pela estrada, absorto em seus pensamentos. Chegou à conclusão de que não devia voltar a Minas, porque não poderia justificar sua ausência: ninguém iria dar crédito ao seu relato. Em consequência, preferia embrenhar-se no mato e tentar sobreviver consumindo frutas e peixes. Tinha particular receio de ser abordado pela polícia do Espírito Santo, à qual não tinha mais cartão de identidade para apresentar.

Apesar dessas idéias, sua caminhada foi aproximando-o cada vez mais da divisa do Estado de Minas. Em várias oportunidades rejeitou "caronas" de motociclistas que paravam, ao perceberem a dificuldade de seu andar. A perna direita estava mais afetada e parecia inchada na altura do joelho. Além disso, havia três feridas abertas nos ombros e abaixo da nuca, provocadas pela fricção do capacete. Finalmente foi vencido pelo cansaço e aceitou uma "carona", que o deixou perto da cidade de Colatina. Mas continuou evitando cuidadosamente revelar sua estória e pretextava estar "cumprindo uma promessa", quando lhe perguntavam algo.

Voltando a caminhar, encontrou-se com um grupo de meninos e com eles se informou sobre o atalho que o levaria à mais próxima estação da ferrovia Vitória-Minas. Queixa-se de que os meninos, após indicar-lhe o caminho, atiraram-lhe chacoalhas e pedras, talvez devido à sua esquisita aparência. Seguindo pelos trilhos da ferrovia, finalmente deparou com uma pequena estação, que não era ainda a de Colatina. Ali parou, informando-se com o agente sobre o próximo trem para Belo Horizonte, pois já mudara de idéia, resolvendo voltar e enfrentar as consequências.

Como o trem demoraria muito, ficou na estação conversando com o agente, com quem fez camaradagem, chegando depois a visitar a casa deste, onde conheceu sua esposa e filhos e onde se alimentou. Encontrou-se também com um sitiante vizinho que lhe ofereceu serviço, que não aceitou. Grato pelo tratamento que recebera, deu ao agente um dos dois facões que lhe sobraram. Além disso, financiou a passagem de um jovem que não tinha dinheiro para pagar. Os homenzinhos tinham devolvido ao bolso de sua calça 35 mil cruzeiros (antigos), do total de 35 mil e cem.

DE NOVO EM BELO HORIZONTE

As 7 h 25 min de sábado desembarcou na gare da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Belo Horizonte, onde foi abordado pelo agente de segurança, sr. Geraldo Lopes da Silva, a quem acabou contando sua estória e por quem foi encaminhado ao Quartel, de onde seguiu para a residência do Major Célio Ferreira.

Durante suas entrevistas, José Antônio insistiu muito para que fôssemos com ele ao local de pouso porque ali, provavelmente, acharíamos ainda um peixinho na dardo entre rochas, nas quais ficara preso quando ele, já saciada a fome, o devolveu à água. Disse também que o agente ferroviário o reconheceria e nos mostraria o facão recebido de presente.

CIPEX e GENA
2004

2 B - COMPLEMENTO DO CASO BEBEDOURO

Relator:: Húlvio B. Aleixo - CICOANI

DADOS PESSOAIS SOBRE O OBSERVADOR

Do conjunto de entrevistas foram coligidos muitos dados de interesse sobre José Antônio da Silva, dos quais faremos um breve resumo:

Idade, 24 anos. Solteiro, 11 irmãos (1 falecido), é o 2º em idade. Pai vivo, mãe falecida há dois anos. Nível de instrução: curso primário incompleto. Ocupação: há 5 anos, praça da Polícia Militar de Minas Gerais. Há 2 anos, ordenança do sub-comandante do Batalhão de Guardas. Aparência e constituição saudável. Nível sócio-econômico modesto, reside com a família numa casa suburbana que ajudou a construir e cujo terreno doou aos irmãos. Gastando muito pouco consigo mesmo, conseguiu adquirir outros 3 terrenos suburbanos, doando mais dois aos irmãos.

Em casa, toma iniciativas e resolve a maior parte dos problemas da família. Seus familiares e superiores o tratam como pessoa digna de confiança. Além do trabalho, que aprecia, tem poucas distrações. É muito religioso, mas não procura converter os outros. Não pertence a nenhuma confraria ou associação religiosa, mas pratica a religião com fidelidade.

Seu pai reconhece que ele toma as iniciativas em casa e elogia sua conduta, afirmando que ele mantém boas relações com todos e não apresenta vícios.

SINTOMAS NO OBSERVADOR, APÓS RETORNO

Além das três marcas nos ombros e na nuca e da leve inchação no joelho direito, sintomas já referidos, o observador apresentou outros. No dia em que ele retornou, seus familiares e superiores notaram-no emagrecido, queimado de sol, barba por fazer, abatido. Notaram também dificuldade no seu caminhar, inapetência e ouviram suas queixas sobre prisão de ventre, que perdurou uma semana. Durante o mês subsequente ao 1º relato também nós ouvimos suas queixas relativas a ardência na vista e diminuição da acuidade visual. Depois passou a referir-se a dores abdominais intermitentes, abrangendo uma definida faixa transversal inferior do ventre. A manifestação desse sintoma era acompanhada de dor de cabeça na região frontal e de acentuação da ardência nos olhos, que chegavam a lacrimejar. Disse ele que tal sensação nos olhos era semelhante à que sentiu dentro do aparelho, quando a sua luz interna

tornou-se mais intensa, pulsando. José Antônio está convencido de que não está enxergando normalmente, após sua experiência. Parece um tanto alarmado com estes sintomas, dizendo que, anteriormente, nada disso lhe ocorria. A família concorda em que sua saúde era normal, antes da ocorrência. Quando sugerimos que ele se deixasse examinar no Hospital Militar, respondeu que não tomaria essa providência para evitar que fosse interpretado como desejoso de faltar ao trabalho. Com o correr do tempo, todos os sintomas foram se atenuando e desaparecendo.

CIPEX e GENA

2004

RECONSTITUIÇÃO DO INCIDENTE NO LOCAL

Na manhã de 26 de maio dirigimo-nos a Bebedouro, local do incidente, acompanhados por José Antônio. O CICOANI estava representado por Húlvio B. Aleixo e Luiz Romaniello.. Da Polícia Militar compareceram o coronel Praxedes, o major Célio e o capitão Edem. Os dois primeiros eram, respectivamente, comandante e sub-comandante do Batalhão de Guardas. A CIOANI estava representada pelo Tenente Vitorino.

Feito o levantamento do local, com cobertura fotográfica, o incidente foi reconstituído pelo soldado, desde o episódio inicial do rapto, à margem da lagoa, até sua introdução forçada no aparelho estranho. Em todas as circunstâncias da reconstituição as reações do soldado foram consideradas firmes e coerentes com o relato feito anteriormente.

No pouco tempo restante, aproveitamos a oportunidade para sondar superficialmente, entre os raros habitantes da área que encontrávamos pelo caminho, sobre a presença de objetos aéreos estranhos. O resultado foi positivo. Um dos breves relatos, feito por um menino, referiu-se a um aparelho que, a grande altura, parecia um guarda-chuva deslocando-se em silêncio.

No trajeto de retorno, ao notarmos em José Antônio uma aparência taciturna, procuramos saber dele os motivos de sua preocupação. Após muita resistência ele respondeu que se preocupava com a possibilidade de o líquido verde, ingerido no salão, tê-lo colocado sob o domínio dos homenzinhos. Porque estes o procuraram de novo, no quintal de sua residência. Acrescentou que, cerca da meia noite de 21 de maio, já estava deitado quando teve o súbito impulso de dirigir-se ao quintal, para cuidar de suas cabras. Teve então a surpresa de ver os 3 homenzinhos em seus uniformes de vôo, imóveis no quintal, a olhar para ele. Numa reação automática, entrou em casa e trancou a porta, sem nada falar ou ouvir. Quando lhe perguntamos por que reagiu desta forma, José Antônio respondeu: "Então o senhor acha que eu vou trabalhar contra a minha gente?" Em seguida deu a entender que os homenzinhos poderiam representar uma ameaça para todos, no futuro. Mas, como não estava certo de que o perigo se ligava a esse tipo de indivíduos ou a outros tipos desconhecidos, estava disposto, agora, a encontrar-se de novo com eles, para tentar esclarecer o assunto. De qualquer forma, estava certo de que o mundo corria grande perigo, sem saber de onde este partiria. Esse perigo lhe fora revelado pelo indivíduo louro, de aparência anormal, que lhe surgiu misteriosamente no salão, à revelia dos homenzinhos. O perigo envolvia toda a humanidade e, possivelmente, incluía a intervenção de seres desconhecidos, além de outras calamidades. Entretanto, esse risco poderia ser afastado, se a humanidade mudasse o seu comportamento atual. Notamos que, ao tocar nesse assunto, José Antônio mostrava extrema discreção e resistência, como que desejando manter um segredo.

NOVA APARIÇÃO DE O.A.N.I.

Numa de nossas entrevistas posteriores, tão logo chegamos à casa de José Antônio, ele tomou a iniciativa da conversa, nos seguintes termos: "Professor, até hoje o senhor me tem feito perguntas e eu tenho respondido. Hoje sou eu quem precisa fazer perguntas, para o senhor responder". Reagindo ao meu sinal afirmativo e demonstrando dificuldade em encontrar as palavras adequadas, ele perguntou: "Existe aparelho que não é aparelho?" Pedi-lhe para reformular a pergunta, para que a pudéssemos compreender. Ele tentou e não conseguiu. Pedimos-lhe, então, para dizer o que tinha em mente ao fazer tal pergunta. Respondeu que, numa das noites anteriores, aproximadamente às 22 horas, sentiu desejo de caminhar pelo morro onde se situa a sua casa, a fim de meditar. Após caminhar alguns minutos pela crista do morro, a uns 300 m das casas mais próximas, um foco de luz amarelada chamou sua atenção. Essa luz vinha descendo obliquamente do lado da Serra do Curral - sul de Belo Horizonte-, em sua direção. Sem fazer ruído, diminuiu sua marcha e parou a uns 10 m de distân-

cia, passando a fazer pequenos movimentos verticais e laterais, a alguns metros do solo. Tinha forma esférica, diâmetro aproximado de 30 cm e parecia estar dirigida por alguém, apesar de não ser um aparelho como o que vira antes e no qual viajara. Após alguns minutos a bola luminosa se afastou, subindo para a mesma direção de onde viera. .17.

José Antônio insistia em obter nossa explicação porque estava perplexo ante a existência de uma bola de luz que, revelando controle de seus movimentos, não apresentava qualquer estrutura que a identificasse como aparelho. Nós nos limitamos a responder que existiam inúmeros relatos sobre esse tipo de fenômeno, mas ainda não havia explicação para ele.

CIPEX e GENA

2004

EXPEDIÇÃO A BEBEDOURO

Dentre os inúmeros comunicados sobre fenômenos aéreos estranhos que o CICOANI continuava a receber em maio de 1969, chegavam insistentes rumores sobre a atividade de OANI na área compreendida pelos municípios de Matozinhos, Pedro Leopoldo, Jaboticatubas, Jequitibá e Baldim, todos ao norte de Belo Horizonte. Alguns se referiam, inclusive, à presença de tripulantes.

Como o caso do soldado José Antônio da Silva tinha tido muita divulgação em princípio de maio, e ele se referia à região de Bebedouro - norte do município de Matozinhos -, os rumores sobre OANI na área foram por nós recebidos com muita reserva inicial, pois havia forte possibilidade de serem efeitos psico-sociais da própria divulgação, apesar de esta ter sido incorreta.

Mas, ainda que imprecisas, as notícias continuavam se avolumando. No início de junho/69, um jovem acadêmico de Química, da Universidade Federal de Minas Gerais, liderando um grupo de colegas seus, veio à nossa presença. Esse estudante mostrava grande interesse pelo problema, a partir de uma tentativa de contato telepático que - segundo nos revelara anteriormente - resultou na aproximação de um OANI no bairro de Santo Antônio. Agora ele vinha buscar nossa colaboração para efetuar, com seu grupo, uma expedição à área de Bebedouro, de onde havia obtido informações fidedignas sobre atividades de OANI.

Como o então comandante do Batalhão de Guardas, coronel Jacy Praxedes, havia demonstrado interesse no acompanhamento do caso de seu comandado José Antônio, julgamos conveniente colocá-lo a par dos novos comunicados recebidos dos arredores de Bebedouro. Tivemos, entretanto, a surpresa de encontrá-lo já informado sobre tais ocorrências, pois um conhecido seu, o prof. Ângelo Heleodoro dos Santos - que nos foi apresentado na ocasião - realizara recentemente uma expedição àquele sítio, acompanhado de oficial do Batalhão de Guardas e de outras pessoas.

Alguns dias depois, atendendo à nossa solicitação, o prof. Ângelo compareceu à sede do CICOANI, com seu grupo, para expor-nos os resultados de sua experiência e exibir o filme que captara um ponto luminoso estranho em movimento. No relatório que nos dirigiu em 9 de junho de 1969 o prof. Ângelo começa dizendo que "informações de diversas fontes indicavam a ocorrência de fenômenos estranhos na área em que, no mês anterior (maio), o soldado José Antônio da Silva alegara ter sido capturado por tripulantes de um Objeto Aéreo Não Identificado. Em seguida, refere-se a vários casos ocorridos na região e às observações visuais que o próprio grupo pôde fazer, durante a noite em que permaneceu no local. O filme, que nos foi apresentado, mostrava, em alguns quadros, um ponto luminoso em movimento.

NOVA EXPEDIÇÃO A BEBEDOURO

Incentivados pelos resultados da coleta efetuada nessa expedição e, principalmente, pelo filme acima referido, o CICOANI passou a coordenar uma 2a. expedição à área de Bebedouro, nas proximidades de Fidalgo. O relatório de Alberto Francisco do Carmo, do CICOANI, assinala uma série de observações de focos luminosos de comportamento estranho, percebidos pelo grupo nas madrugadas de 14 e 15 de junho. As aparições se sucederam, sempre à distância, até os primeiros clarões do sol no horizonte do dia 15, quando se encerraram com a passagem distante de um aparelho de forma oblonga, cor cinza-azulada, do tamanho de um avião DC-3, em vôo sereno e silencioso. Quanto aos pontos luminosos, o autor do relatório conseguiu captar a imagem de um deles em seu filme Fujikrome de 100 ASA.

Além das observações efetuadas pelo próprio grupo, coletaram-se, entre os habitantes da região, várias informações que indicavam, claramente, a repetida presença de objetos aéreos não identificados, a baixa altura.

TODA UMA REGIÃO ENVOLVIDA

Com o passar dos dias, foram-se avolumando na sede do CICOANI os comunicados relativos à atividade de OANI em vários municípios vizinhos ao de Matozinhos. As notícias provenientes de Jaboticatubas eram tão numerosas e aparentemente fidedignas que, a 17 de agosto daquele ano, mobilizamos um pequeno grupo para a 1ª expedição a aquele município. As próprias observações do grupo e a riqueza dos dados ali encontrados provocaram mais de 20 novas expedições do CICOANI ao local, e estas expedições continuam se realizando esporadicamente. Foram entrevistadas mais de uma centena de pessoas cujos relatos se referiam, na maior parte, a aproximação e pouso de OANI. Esses relatos, gravados em fita magnética, serão divulgados, juntamente com outros, num livro intitulado "Discos Voadores no Rio das Velhas".

CIPEX e GENA

2004

O CASO "CONSTANTINO"

Dentre todos esses relatos de Jaboticatubas importa-nos mencionar aqui, especialmente, o caso "Constantino", devido à estreita correlação que ele parece ter com o caso "Bebedouro". Ocorreu na mesma época que este, na Fazenda Constantino, situada à margem direita do Rio das Velhas, aproximadamente a 20 km de Bebedouro. Envolve, como observador, um surdo-mudo de nome Antônio Rodrigues, de 60 anos (fig.6), que através de mímica e desenhos revelou espontaneamente ao dono da Fazenda e, posteriormente a nós e ao Dr. Walter Buhler (da SIEDV), um incidente relativo a homenzinhos barbudos e atarracados, que desembarcaram de aparelho descido do céu. De acordo com seus gestos, muito expressivos, os homenzinhos, já no solo, fizeram-lhe um aceno para que se aproximasse e o surdo-mudo, amedrontado, afastou-se correndo da margem do rio Vermelho, onde pescava. Entrementes, os desconhecidos passaram a perseguí-lo e um deles, acionando algo retirado da cintura, atingiu-o na perna direita, provocando sua queda. Em torno do surdo-mudo reuniram-se os indivíduos, falando uns com os outros. Um deles chegou a apalpar o braço do homem caído, abanando a cabeça e afastando-se em seguida para o aparelho, com seus companheiros. O surdo-mudo reproduziu em gestos, com suficiente nitidez, a entrada dos desconhecidos no aparelho e a subida vertical deste.

Numa das entrevistas que tivemos com Antônio Rodrigues, através de mímica, ele reproduziu em gestos todos os detalhes do incidente que nos havia sido anteriormente sumariado na sede de Jaboticatubas. E, colocado de surpresa face a desenhos de tripulantes dos casos "Baleia", "Sagrada Família" e "Bebedouro", que levamos a fim de testar sua reação, ele mostrou-se muitíssimo excitado diante do cartaz onde se reproduzia o retrato falado dos homenzinhos barbudos descritos pelo soldado José Antônio. O surdo-mudo fez gestos incisivos que o senhor Edsel Marcus Duarte, presente à entrevista e familiarizado com sua mímica, interpretou como significando: "Cuidado com este!"

Os detalhes coincidentes entre os casos "Bebedouro" e "Constantino" ganham realce quando se leva em consideração o isolamento cultural do surdo-mudo que, além de suas deficiências sensoriais, reside em pleno mato, tendo pouquíssimo contato com a civilização e, especificamente, com os meios de comunicação.

Ainda que lhe fossem acessíveis os meios de comunicação e ele tivesse conhecimento prévio do caso do soldado, isto não explicaria as coincidências porque a imprensa divulgou o caso do soldado de modo falho e completamente errôneo. Somente agora publicamos o caso "Bebedouro" em todos os seus detalhes, cujo conhecimento permaneceu restrito às pessoas mais diretamente ligadas à investigação. Com esta medida queríamos nos certificar de que os casos coincidentes que porventura o sucedessem não seriam inspirados pelos relatos da imprensa.

MAIS COINCIDÊNCIAS

O "Diário da Noite", de São Paulo, em sua edição matutina de 17 de junho de 1969 reproduziu, em página inteira, o caso do sr. Adelino Roque, lavrador da loca

lidade de Itauçu, Estado de Goiás. No dia 20 de abril daquele ano o sr. Adelino, em viagem noturna pela zona rural, percebeu a aproximação de uma luz e sentiu-se imobilizado, perdendo a consciência a seguir. Quando voltou a si, viu-se à beira de um rio, sentado sobre uma pedra, sem conseguir reconhecer o local onde se encontrava. Achado por um carroceiro, este lhe revelou que estava à margem do rio Paranaíba, município de Itumbiara, a um dia de viagem de Itauçu, de onde partira.

Além da coincidência básica dos casos "Itauçu" e "Bebedouros", há uma outra, mais específica: José Antônio revelara que, ao recobrar plena consciência após seu retorno de local não identificado, percebeu-se colocado sobre uma pedreira, ao lado de um córrego, do qual retirou um litro e meio de água para beber sofregamente.

CIPEX e GENA

2004

2C - COMENTÁRIOS

Em relação à pesquisa propriamente dita, do CICOANI, sob a orientação do Prof. Húlvio Brant Aleixo e sr. Alberto do Carmo, com a parte da reconstituição gráfica dos acontecimentos, só nos cabe tecer elogios, porquanto tivemos oportunidade de acompanhar de perto alguns dos exaustivos interrogatórios do soldado. Entretanto, alguns lances da experiência desse militar constituem fatos novos na pesquisa, como o oferecimento, por parte dos extraterrestres, à testemunha, de proporcionar-lhe um estágio de sete anos junto a eles. Esse fato, que nos parece de transcendental importância, tem o seu merecido comentário no item 2 D.

Por outro lado, foi observada pela testemunha uma discordância, aparentemente, do tempo gasto durante a sua estada junto aos extraterrestres (24 a 28 horas), em relação ao tempo transcorrido na Terra (4 dias e meio), como lhe foi dado observar na sua volta ao seu Estado (MG).

É verdade que, dentro da nave, sob grande tensão de nervos, seja pelo pânico ou devido à ingestão de drogas psicotrópicas (o líquido verde, por exemplo), poderia ter havido um engano da mente do soldado, referente à percepção do tempo.

Outra tentativa de explicar esse fato seria a "dilatação do tempo", devido à grande velocidade desenvolvida pela nave que o transportou, segundo a Teoria da Relatividade, de Einstein. Isto está focalizado mais adiante, no item 2 E.

OBS.: Ahamos justo lembrar aqui o nosso amigo recentemente falecido (ver Boletim SBEDV nº 90/93 - pág. 4), o químico Dr. Ernani Ebeken de Araújo, que foi o autor do livro "Os DV e a Teoria da Relatividade do Dr. Einstein". Foram os longos debates com o Dr. Ernani que nos conduziram a procurar penetrar mais nos meandros de novas percepções da Física.

Ahamos ainda oportuno lembrar o caso semelhante, de dilatação de tempo, publicado em Boletim da SBEDV nº 60/61 - pág. 15 e inserir uma ocorrência acontecida na Argentina e divulgada pela Flyng Saucer Review. Nesse caso, houve um encurtamento do caminho paralelamente à dilatação do tempo (ver itens 2 G e 2 H, adiante).

Com esses relatos paralelos não queremos por enquanto construir nenhuma explicação, mas apenas estimular nossos leitores a raciocinar e associá-los a outros fatos que poderão surgir no futuro.

Finalmente, vamos transcrever, de outros famosos Boletins, observações fotográficas que atestam a forma estranha de energia - aceleração enorme e desaceleração "instantânea" - observada na locomoção de naves interplanetárias fortuitamente surpreendidas pela objetiva de um fotógrafo, em duas oportunidades (leia no item 2 F adiante) e que, porventura, possam estar implicadas na problemática da "dilatação do tempo".

2D - JÁ É POSSÍVEL INTERCÂMBIO COM EXTRATERRESTRES ?

- No caso do soldado, pela interpretação desse militar, ele seria levado para um estágio de 7 anos no mundo dos extraterrestres, após o que, voltaria para o seu habitat, com novas instruções. Aparentemente, demonstraram os estranhos seriedade nas suas intenções, porquanto, algum tempo depois do primeiro contato, apareceram os tripulantes em frente à casa da testemunha, como a lembrá-lo da proposta, sem, contudo, forçá-lo a uma resolução.

Poder-se-ia argumentar que o soldado correria grandes riscos... Isso, porém, seria problema dele, cuja resolução dependeria do seu espírito aventureiro. Não seria argumento válido, também, dizer que o militar, em contato com os extraterrestres, poderia revelar-lhes graves segredos nossos: primeiro, porque um soldado raso não conhece graves segredos militares nem tão pouco as deficiências das nossas forças de mar, terra e ar; segundo, pouca coisa ou quase nada poderia o homem de Bebedouro informar aos extraterrestres, que eles ainda não soubessem. Por outro lado, seriam de valor inestimável para nós as informações que o soldado traria, ao voltar, das civilizações de mundos evoluídos que houvesse visitado. Também não estaria fora de cogitações que, posteriormente, esse contato pudesse ser estendido aos superiores hierárquicos do soldado, em nível governamental.

Só assim se poderia justificar o pagamento do soldo aos seus familiares, na sua ausência da Terra, já que ainda continuava na sua corporação, embora destacado para outra missão oficial e diferente, mas importante, em outros mundos...

(Tudo isso, porém, não poderá tornar-se realidade, por enquanto, porque a real existência do problema DV não foi ainda "reconhecida politicamente".)

CIPEX e GENA
2004

2E - FOTOS ("INSTANTÂNEOS") DOCUMENTAM GRANDES VELOCIDADES DE DV.

Uma testemunha fotografou o que lhe parecia um tanque de transporte de líquido, em local inacessível, aproximadamente a 1.200 m da estrada. No entanto, a foto revelada mostrou uma coluna composta de umas 15 a 20 imagens, provavelmente representando o objeto em ascensão (fig. nº 9), que acendia e apagava a sua luz alternadamente, ou que interrompia e continuava a sua ascensão em movimento intermitente. Uma vez que a exposição de tempo foi calculada em 29 milissegundos, e que o caminho percorrido foi de 700 pés, isso corresponderia a uma velocidade média de 16.000 milhas por hora, com acelerações e desacelerações ainda mais fantásticas antes e depois das paradas do objeto no seu trajeto (condensado do APRO Bull. Março/Abril 1973, pag. 5, sob o título "O DV de Sedona-Arizona-USA").

Sob o título "A FOTO DE OREGON", a "Flying Saucer Review" - Londres (Março/Abril 1973) analisa um artigo de Janeiro 1973, publicado no "Petersen's Photographic Magazine" a respeito de uma foto de um DV feita com uma exposição de aproximadamente 1/30 de segundo.

Embora o fotógrafo só tivesse visto um único DV, na foto aparecem nitidamente 3 imagens, em diversas alturas, sendo menor a imagem nº 2, daí tirando-se a conclusão de que o objeto estivesse mais afastado do que nas fotos nºs 1 e 3 (veja fig. nº 8). Disto se pode argumentar que, durante o tempo de exposição (aproximadamente 1/30 seg.), o objeto se movimentou provavelmente a uma espantosa velocidade e também só se tornou visível à película nas 3 ocasiões em que aparece na mesma.

O fato de o observador ter visto apenas 1 disco deve-se a que o olho humano é incapaz de distinguir duas imagens que se apresentam com um intervalo de tempo inferior a 1/20 de segundo (este fenômeno é denominado "persistência visual").

2F -- OUTRO CASO BRASILEIRO DE "DILATAÇÃO DO TEMPO"

No Boletim SBEDV nº 60/61, pag. 15, referente a uma pesquisa em torno de uma experiência de Mario Restier - Volta Redonda - Estado do Rio de Janeiro -cita-se o seguinte: "O Sr. Mário surpreendeu-se com a atitude de seu pai que então o verbe-rou com palavras veementes pelo fato de se ter "afastado por um longo período de 4 meses ... sem ao menos ter avisado a alguém da família ..., porquanto aquele era o dia 14 de abril de 1950 . Ao Sr. Mário, porém, a ausência parecia ter sido de 3 dias, no máximo!"

CIPEX e GENA
2004

2G - CASO ARGENTINO DE "ENCURTAMENTO" DE TEMPO

DATA :

Um caso de encurtamento de tempo foi divulgado pela "Flying Saucer Review" de maio/junho 1973, na pag. 6, sob o título "UM NOVO TELETRANSPORTE PERTO DE CÓRDOBA ARGENTINA", pesquisado por Oscar A. Galindez. Diz o pesquisador que duas pessoas, regressando da cidade de Balenária, para Córdoba, num automóvel Ford Falcon, em marcha suave, fizeram em 1 hora todo o percurso de 185 km, quando o máximo que o carro poderia dar seria de 115 km/hora. Acresce ainda a circunstância de que o gasto de combustível foi demasiadamente baixo: 12,5 litros. Há outros detalhes que aumentam o mistério, como o fato de as testemunhas não se lembrarem de haver percorrido um trecho de 81 km, da estrada, inclusive a passagem por cidades que não poderiam deixar de ser percebidas.

Antes de alcançarem o trecho da rodovia, que falta na sua memória, as duas pessoas viram no céu um fenômeno luminoso, como um relâmpago que iluminou toda a região "como se fosse dia" e, em seguida, notaram, a uns 50 m da estrada, uma cadeia de luzes retangulares como se fosse um trem (comboio), de uns 50 m de comprimento, "mas com as suas janelas de dimensões maiores do que as comuns". Os relógios de ambos funcionavam normalmente.

Uma das testemunhas disse que, no dia seguinte ao da ocorrência, notou na região dorso-lombar direita uma espécie de anestesia, numa área circular de aproximadamente 1,5 cm, e que, durante 4 dias, coçava umas 4 ou 5 vezes por dia.

2H - CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA "DILATAÇÃO DO TEMPO"

Os itens 2A até 2G apresentam casos envolvendo fenômenos ligados à "dilação" do fator tempo.

Queremos, na oportunidade, lembrar algo que talvez possa dar explicação para os fenômenos relatados: trata-se de teoria de Einstein, a respeito da Relatividade.

Para tanto, contamos com a colaboração prestimosa do nosso amigo Dr. Arnold Ende, engenheiro civil, já aposentado porém possuidor de um espírito jovem e aberto às coisas novas, e que, referindo-se à revista "Ciência Ilustrada" nº 67, teve para nós as considerações a seguir expostas, apesar de ter sido submetido recentemente a uma delicada operação cardíaca:

... " Einstein propõe, em sua Teoria da Relatividade, que o tempo depende da velocidade: quanto mais depressa se anda, mais devagar passa o tempo; ou então, que o tempo mensurável depende da velocidade com que se desloca aquele que a mede em relação à Terra, às estrelas e aos demais corpos celestes.

Para ilustrar sua Teoria, Einstein cita um exemplo: um homem que viaje num foguete, durante 20 anos, numa velocidade próxima à da luz, terá envelhecido 20 anos ao voltar à Terra, mas aqui se terão passado milhares de anos.

Segundo Einstein, a expressão matemática, que traduz o fenômeno citado, é a seguinte:

$$t = t_0 / \sqrt{1 - v^2/c^2} = t_0 \cdot B$$

t_0 = tempo relativo ao corpo que está parado em relação ao referencial empregado.

t = tempo "dilatado", relativo ao corpo que está em movimento em relação ao referencial empregado.

v = velocidade de corpo, em relação ao referencial.

c = velocidade da luz no vácuo (aprox. 300.000 km/s).

B = fator de "dilatação" do tempo.

CIPEX e GENA
2004

A partir desta expressão construíram-se a tabela anexa e a curva (em papel semi-logarítmico) da fig. nº 7, ambas relacionando a velocidade com o fator de dilatação do tempo, e onde se pode verificar que o tempo somente sofrerá uma dilatação razoavelmente apreciável a partir da velocidade de uns ... 220.000 km/s (quando a dilatação será de aproximadamente 1 vez e meia). Também se pode observar que à velocidade aproximada de 290.000 km/s, a dilatação será de 4 vezes, o que corresponderia ao caso do soldado de Bebedouro (item nº 2A/2B, deste Boletim).

Uma comprovação moderna da validade dessa Teoria seria dada pela variação de "meia-vida" do meson μ (partícula nuclear instável que, ao se produzir, desintegra-se formando um elétron e um par neutrino/antineutrino). A meia vida dessa partícula, quando parada em relação ao observador, é da ordem de 10 milionésimos de bilionésimo de segundo.

Se, porém, é observada em movimento (o que se dá na grande maioria das experiências), com velocidade pouco inferior à luz, sua meia vida passa a ser de um milionésimo de segundo, valor este 100 milhões de vezes maior que o observado quando ela se encontra em repouso.

Ainda com respeito ao "Caso Bebedouro", queremos lembrar que um dos aspectos mais interessantes, foi o fato de que, nos 4 dias e meio da sua aventura, o soldado ingeriu, apenas e uma única vez, um pouco de um líquido verde e, segundo as suas declarações aos pesquisadores do CICOANI, bem como em conversa privada com o representante da SBEDV, pareceu-lhe que havia transcorrido apenas 1 dia ou, no máximo, 48 horas. Trata-se pois de um caso que poderá estar relacionado com o problema da "dilatação do tempo".

- A propósito da sucinta referência à Teoria da Relatividade, de Einstein que aqui apresentamos, queremos frisar que isto não constitui, de forma alguma, um

Tabela de relacionamento entre
velocidade e tempo

V (km/s)	B (fator dilatação)
0	1
75.000	1,032
150.000	1,155
200.000	1,342
220.000	1,47
240.000	1,67
259.800	2.
282.843	3.
290.474	4.
293.940	5.
295.804	6.
296.923	7.
297.653	8.
298.142	9.
298.496	10.
299.833	30.
299.940	50.
299.985	100
299.996	200
299.999	500
300.000	∞

compromisso de nossa parte como explicação definitiva do caso "Bebedouro" (e de tantos outros de mesma natureza, envolvendo discrepâncias de fator tempo). Queremos deixar claro que, face às grandes limitações do nosso atual conhecimento, a citada Teoria - t a l v e z - possa conter algum esclarecimento, mesmo que parcial, para certos casos com os quais vêm se deparando os estudiosos do fenômeno Disco Voador. Mesmo porque esta Teoria ainda não se transformou em lei (da Física), por não ter sido ainda possível a sua confirmação total, havendo além disto, entre os especialistas de renome, muitos que não a aceitam, estando pois a questão "em aberto", até agora, o que entretanto não desmerece o gênio do famoso Albert Einstein, à guisa do que já aconteceu com inúmeros outros mestres da ciência.

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

3 - DADOS ADICIONAIS AO CASO TIAGO MACHADO

EXPLICAÇÃO

Uma explicação se faz necessária inicialmente. Queremos hoje salientar o testemunho do médico Dr. Henrique Reis, de Pirassununga, sobre o contato com tripulantes de DV, do jovem Tiago Machado, do bairro Pinheiros daquela cidade, o qual em 06/02/69 às 7 horas da manhã, num serrado próximo, observou os movimentos de subir e descer daquilo que parecia ser um balão. O fato foi relatado sob o título "TRIPULANTE ACEITA MAÇO DE CIGARROS, EM PIRASSUNUNGA-ESTADO DE SÃO PAULO", no Bol. SBEDV nº 66/68.

Ao término do contato com os tripulantes, Tiago foi imobilizado por um raio luminoso, e em seguida perdeu a consciência.

Quando acordou estava meio abobalhado, e esclareceu que, possivelmente, a razão do seu padecimento era a perna, atingida pelo raio, que apresentava um vergão branco (que foi visto pelos presentes naquela hora). Entretanto, quando mais tarde foi examinado pelo médico, nada mais pôde ser observado.

Este fato criou um problema psicológico para a família de Tiago, que se viu cercada de incredibilidade. Isto dificultou a pesquisa da SBEDV naquela ocasião, contribuindo para que não fosse realizada uma entrevista com o médico, então necessária, o que foi feito agora.

Mas a deficiência foi então compensada por outras pesquisas realizadas na mesma ocasião: ROBOTS NA CIDADE DE LEME (Bol. nº 66/68, pág. 78) ou pelo menos iniciadas: "OS BRIGÕES EXTRATERRESTRES-PIRASSUNUNGA" e "EXTRATERRESTRES TENTAM CONTATO COM TERRESTRES-PIRASSUNUNGA-SÃO PAULO" (Bol. nº 74/79 pags. nºs. 30 e 34).

Agora, entretanto, narraremos a seguir como os fatos realmente se passaram:

FALA O MÉDICO

No dia 19 de maio de 1973, três anos após à ocorrência, o pesquisador da SBEDV conseguiu entrevistar o médico que atendeu Tiago Machado logo após sua aventura com um disco voador. O Dr. Henrique Reis, conceituado médico e membro de tradicional família de Pirassununga, relatou o seguinte:

Naquele dia, estava ele almoçando em sua casa quando, mais ou menos às 12 horas, recebeu chamada urgente da Santa Casa para atender um caso de acidente. Imediatamente rumou para lá, informando-se, então, do que se tratava. Examinou Tiago, dos pés à cabeça, nada encontrando de objetivo, nem na perna e nem no corpo. Pulso, pressão, respiração... tudo estava normal.

Entretanto, notara que o rapaz estava com todo o corpo duro e piscava mui-

to, o que interpretou como pítialismo, diagnóstico que julgou confirmado quando, ao mandar o rapaz se levantar, este o fizera imediatamente, obedecendo à ordem, sem relutância.

Essê exame durou uma hora, mais ou menos.

CIPEX e GENA

2004

Às 16 horas, foi procurado por alguns elementos da Aeronáutica, procedentes de Lins, onde também estiveram realizando exames de casos relacionados com discos voadores. Esses elementos o informaram de que haviam examinado o local da aterragem, ali em Pirassununga, constatando estar o capim amassado, numa área circular, por um objeto de formato mais ou menos idêntico ao descrito por Tiago Machado, haver do ainda, no chão, três marcas profundas e equidistantes, formando os vértices de um triângulo.

Aduziu, ainda, o Dr. Reis, que, durante algum tempo, o local da ocorrência fora isclado pela FAB, para exames e levantamentos posteriores, frisando que, por sinal, o primeiro helicóptero que para lá fora destacado sofrera pane.

O Dr. Henrique Reis não soube informar se Tiago Machado fora submetido a algum exame comparativo pelo contador Geiger, de radioatividade (irradiação eletromagnética ou corpuscular), mas, a posteriori, achou que realmente teria havido, com o rapaz, algum episódio ligado a discos voadores. Mas acha também que o jovem se comportara muito como vedete (procedimento exibicionista), depois da ocorrência, embora admita que histerismo em homem é muito mais raro do que no sexo feminino.

Ao mencionar a revolta de Tiago e seus amigos, quando divulgou, a bem da verdade, o laudo médico assegurando que nada encontrara de anormal no rapaz, o pesquisador da SEEDV pediu licença, ao Dr. Reis, para esclarecer os seguintes fatores que poderiam ter causado essa reação psicológica:

10 - As forças energéticas emanadas dos discos voadores frequentemente atingem o sistema nervoso central, fazendo sentir o seu efeito em forma de reações psicológicas não bem compreendidas ainda, como foi dado observar na cegueira temporária de Almiro de Freitas no incidente da Barragem do Funil (Bol. SBEDV nº 74/79, pág. 17), e na amnésia definitiva no caso de Benedito Miranda (Bol. SBEDV nº 85/79, pág. 7).

20 - A testemunha envolvida em incidentes com discos voadores geralmente documenta sua aventura perante um ambiente psicológico hostil; e o médico constitui, sem dúvida, um peão válido neste jogo, porque, principalmente nas cidades do interior, sua idoneidade está acima de qualquer suspeita. Mas parece que o "vergon", causado pelo raio do tripulante do DV, na coxa de Tiago, já não era mais visível na ocasião do exame médico, 4 ou 5 horas após o incidente.

DECLARAÇÕES DA VIZINHA

No mesmo dia, a SBEDV entrevistou também a vizinha de Tiago, Da. Maria dos Santos (fig. nº 10), uma das testemunhas do caso. Dissê ela que estava preparando seu filho para ir à escola quando, às 8 h 30 min daquele dia, olhando para fora, a viu um objeto muito reluzente, semelhante a uma bacia emborcada, subindo e descendo, acima dos arbustos de alecrim do Instituto Zootécnico de Industria e Pecuária (IZIP), além do vale do bairro Pinheiro. Pela altura dos pés de alecrim, calculo que o aparelho estava a uns 2 ou 3 metros do chão.

Curiosa, chamou sua mãe (Dna. Maria Madalena - agora já falecida) e o Sr. Cairo (esposo de Dna. Maria Machado Metzler e padrasto de Tiago). Tiago, que estava com uma camisa vermelha, entrou no IZIP à procura do objeto. Durante algum tempo, os observadores viam-no bem, por causa da cor da camisa, movimentar-se no mato, até que desapareceu na espessa vegetação.

Após uns 30 ou 40 minutos, surgiu do IZIP um menino correndo, esbaforido para avisar à mãe de Tiago que este estava morrendo lá no mato. Dna. Maria dos Santos e outra vizinha, Ana Maria Creonice, acompanharam a Sra. Maria Machado, mató dentro, seguindo o garoto, e lá adiante encontraram Tiago caído no chão, de olhos abertos, mas "todo abobalhado", pálido, quando espertamente a repetinda sem parar:

- Água, água, água...

- Não se agüentando em pé, foi arrastado, pelas três senhoras, para a casa do Sr. Francisco Hanse, que estava mais próxima. Alí, ele começou a balbuciar algumas palavras referentes a ferimento na coxa e, então ela, Dna. Maria dos Santos, rasgou suas calças na perna direita e viu um vergão esbranquiçado, como se fosse produzido por uma chibatada, horizontalmente. Deram-lhe água e ele bebeu todo o conteúdo de uma garrafa.

Alguém mandou chamar a Polícia, que compareceu com dois elementos: um escrivão e um policial de cor, os quais levaram Tiago no carro oficial, para a Santa Casa. Nessa altura dos acontecimentos já eram 11 horas. Lá no hospital, o Dr. Henrique Reis, que deveria examinar o acidentado, vendo-o com as roupas rasgadas, "teve uma impressão errônea" e mandou o paciente embora após proceder ao exame de rotina. Assim opinaram as senhoras que acompanharam Tiago.

O transporte da vítima para sua própria casa foi feito por automóvel de amigos, porquanto "ele continuava ainda meio abobalhado".

Às 17 horas, elementos da Escola de Aperfeiçoamento da Aeronáutica, sediada na Base de Pirassununga, chegaram à casa de Dna. Maria Machado. Eram eles o capitão Renato, o tenente Sfoggia, um outro tenente e mais um oficial desenhista que, seguindo as indicações de Tiago, fez vários desenhos. Saíram logo depois, mas voltaram, às 17h 30 min ou às 18 horas, com o Dr. Henrique Reis que, fechando-se no quarto com o acidentado, procedeu a rigoroso exame.

Até às 20 horas, a casa esteve cheia de gente; uns entravam, outros saíam. Todos queriam conhecer pormenores do caso, e algumas pessoas viram descer um helicóptero da Aeronáutica, no local da ocorrência, naquele e nos dias subsequentes.

As três senhoras (as primeiras pessoas que tiveram contato com Tiago Machado), logo após o acontecimento, também perderam o apetite, durante 3 dias, só tomando água, nervosas e com muita insônia. Maria dos Santos foi a que mais sofreu, e nem água podia tomar, pois vomitava imediatamente, tal o estado de nervos. Mas também eram solicitadas as suas informações por grande número de pessoas, de dia e noite a dentro.

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

4 - O CASO DOS MATA-FORMIGAS TRIP.

OBS.: - Este relato não faz parte do "Caso Tiago Machado". Entretanto o leitor poderá relacioná-lo com o episódio de Tiago.

Voltando a Pirassununga, em 19/04/73, a fim de colher dados adicionais ao Caso Tiago Machado, o pesquisador da SBEDV soube que alguns trabalhadores rurais tiveram, na mesma ocasião, oportunidade de ver um disco voador.

A Sra. Bárbara Mina da Silva (fig. 11), que atualmente reside no bairro Risca-Faca e trabalha no IZIP (Instituto Zootécnico de Indústria e Pecuária), visita da pelo pesquisador, assim relatou sua aventura:

S. PAULO

Naquele dia (6 de fevereiro de 1969), pela manhã, trabalhava na capina de arroz, no local chamado "Chacara do Moraes", que fica meia hora a pé da sua atual residência, quando dois meninos, João Batista da Silva, de 9 anos, e Benedito Paulino Ramos, de 13, chamaram sua atenção para uma "barraquinha reluzente" que se achava a uns 500 metros de distância.

Ela olhou e viu a tal "barraca", a qual lhe pareceu branca, mas não reluzente como diziam os garotos.

- Tinha a forma triangular e pensei que fosse uma daquelas usadas pelos

mata-formigas, ainda mais porque, andando ali por perto, estavam três homens, com capacete, parecidos com os que eu já vira antes dando combate às formigas saúvas...

Os rapazinhos diziam-lhe que a roupa daquela gente estava brilhando, com grande luminosidade, mas para Dna. Bárbara parecia apenas cor de cinza.

Indiferente, a campezina continuou seu trabalho. De repente, os meninos gritaram:

- Olha! A barraquinha desapareceu!

Ela constatou que, realmente, não se viam mais nem os mata-formigas nem a "barraca"; porém, não se interessou pelo fato e prosseguiu capinando. Logo depois, os jovens chamaram sua atenção para uma bola luminosa "do tamanho do Sol", imóvel pouco acima do mato. Ela viu a bola, mas não ligou à excitação dos meninos, que lhe perguntavam repetidamente o que era aquilo.

Após meia hora, mais ou menos, a luz desapareceu e, em seguida, uma aeronave (helicóptero ?) da FAB desceu perto (a uns 2 km) do local da ocorrência (onde não existe campo de aviação). Nos dias seguintes, foi vista essa aeronave, repetidas vezes, sobrevoando esse mesmo local, conforme informou a testemunha.

A FAB pesquisou intensamente aquela região.

Somente algum tempo depois, quando teve conhecimento do caso ocorrido com Tiago Machado (e que se deu no mesmo dia e perto do local da sua primeira experiência), foi que pensou na coincidência e, então, admitiu que vira um disco voador e três de seus tripulantes.

OBS.: - O local do incidente de Tiago (que ocorreu naquele dia de madrugada) ficava exatamente na direção do lugar onde desceram os helicópteros vistos pelas testemunhas.

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

5 -

O CASO DA FAZENDA BELA ALIANÇA

TRIP-

No ano de 1969 ocorreram em Pirassununga (Estado de São Paulo) vários casos de sobrevoos e aterrissagens de discos voadores. Além do episódio de Tiago Machado, conhecido e comentado em inúmeras publicações internacionais (e também no Bol. - SBEDV nº 66/68), vamos relatar aqui outra não menos importante ocorrência, pesquisada pela SBEDV em 9 de dezembro de 1969.

No dia 6 de fevereiro desse ano, o Sr. José Antônio Fioco, administrador da "Fazenda Bela Aliança", que fica a 8 km do centro de Pirassununga, ouviu, ao escurecer, grunhidos dos porcos no chiqueiro. Ao se dirigir para lá, assistiu, a uns 200 m de distância, ao lado da casa, a aterrissagem de uma estranha nave, com cerca de 5 m de altura por uns 4 m de largura, que se apoiava num tripé de pés largos, com 1,50 m de altura, mais ou menos. Por uma abertura, que surgiu no aparelho, saíram três homens, mas não desceram. Ficaram postados em uma balaustrada que circundava a nave, ali permanecendo por uns 3 minutos.

Tinham aproximadamente 1,60 m de altura, usavam sapatos de material parecido com alumínio, roupa inteiriça apresentando três botões grandes (de uns 3 cm de diâmetro), na frente, à altura do peito. Não tinham barba. Apesar da distância, José Antônio distinguiu os olhos dos estranhos seres.

Cada um parecia ter uma função diferente - disse Fioco. Um deles segurava um tubo de uns 35 cm de comprimento por duas polegadas de diâmetro, do qual saía, por uma das extremidades, um fecho de luz que iluminou perfeitamente o galinheiro (que se achava distante uns 250 m), podendo-se distinguir claramente as galinhas nos poleiros. Outro tripulante olhava através de um aparelho que parecia máquina fotogr

fica tipo caixão. O terceiro personagem portava um bastão semelhante ao do primeiro "homem", porém um pouco maior e mais grosso. Este último indivíduo olhava constantemente, ao redor do disco voador, sempre alerta.

Fioco pensou em chamar alguém da família, para testemunhar a ocorrência, e então saiu, recuando cautelosamente em direção à sua casa. Porém, ao abrir a porta, esta rangeu nos gonzos e possivelmente isso assustou os tripulantes, porque imediatamente a nave levantou vôo, desaparecendo em poucos segundos.

... E ELES VOLTARAM

Posteriormente, José Antônio Fioco voltou a ver discos voadores. Duas vezes durante o dia, a uns 1.000 m de altura, brilhando intensamente, e duas à noite, quando houve aterrissagens.

Cerca de um mês após sua primeira aventura, num sábado, às 22 h, Fioco viu um aparelho luminoso descer num algodoal, a uns 150 m de sua casa. Desta vez, o objeto foi visto por umas 15 pessoas que, no dia seguinte, examinaram o local da aterrissagem e não encontraram marcas deixadas pelo artefato. Mas no chão, arado recentemente, havia pegadas humanas, de calçados compridos, tendo bico fino e com uns 5 cm de largura.

Um mês após à segunda aterrissagem, ocorreu uma terceira, num canavial, quando o aparelho permaneceu uns três minutos pousado no chão. José Antônio viu "gente andando" e para lá se dirigiu, levando uns 3 minutos para chegar ao local. Ali, numa área circular, havia canas quebradas e outras arrancadas. No solo, algumas pegadas humanas.

CIPEX e GENA

2004

INTERFERÊNCIA NA TV

O Sr. Fioco informou ainda que, na época, houve diversas interferências estranhas no seu receptor de TV, quando os programas do Canal 4, de São Paulo, eram substituídos por outras imagens que representavam mulheres com roupagens esquisitas, compridas até aos pés, tendo gola preta em torno do rosto, e homens com capacetes, todos de porte pequeno. E ouviu sua conversa, em voz grave, baixa, notando que eles pronunciavam as palavras "aos arrancos", num linguajar desconhecido, parecido com o idioma "de um húngaro que morou algum tempo na fazenda, mas as palavras eram mais curtas, de poucas sílabas". Não era inglês, nem japonês e nem russo, línguas estas familiares à testemunha.

As imagens pareciam inseguras "como se estivessem sendo vistas através de uma camada de água". Sua esposa, Dna. Sebastiana, que também estava ali assistindo televisão, com o marido, pediu-lhe para desligar o televisor, com receio de que o mesmo se queimasse.

De outra vez, o Sr. Fioco e quatro de seus cinco filhos viam televisão quando, de repente, entrou a interferência estranha, sendo observada por todos os presentes. Também Dna. Sebastiana, um dia, estava sozinha na sala quando apareceram na TV as imagens fantasmagóricas...

Quando prestou estas declarações ao pesquisador da SBEDV, em 1969, o Sr. José Antônio Fioco, que tinha 53 anos de idade, era administrador da Fazenda "Bela Aliança", mas, em 29 de abril de 1973, quando esta sociedade procurou estabelecer novo contato com ele, para complementar o relato das ocorrências, soube que a testemunha havia deixado a administração da estância e transferido sua residência.

6 - LEMBRETE DE CONTROLE, PARA O UFÓLOGO, NA PESQUISA DE UM CASO DE CONTATOA) - NÃO ESQUECER DE ANOTAR:

- Data da pesquisa; localidade; hora; nome de todas as testemunhas, seus endereços e telefones (se houver)
- Dados da testemunha: idade; peso e altura; profissões (atual e anteriores); - grau de escolaridade; estado de saúde no presente e no passado; vícios; vida familiar e estado de saúde de seus familiares; formação filosófica (ou religiosa); sua maneira de encarar a vida; seus conhecimentos da literatura ufológica anterior ao episódio; os seus passatempos.
- Eventualmente: nomes e endereços de familiares, amigos ou conhecidos da testemunha, possibilitando um levantamento adicional de croquis psicológico da pessoa, se isto se fizer necessário.
- Nomes e respectivos relatos (mesmo sendo divergentes) de eventuais outras testemunhas do episódio, se possível com as suas assinaturas.

B) - DEIXAR ENCAMINHADAS AS PESQUISAS SECUNDÁRIAS AO EPISÓDIO:

- Combinar, com as pessoas envolvidas, a reconstituição do episódio.
- Fazer croquis e plantas baixas.
- Conseguir um bom desenhista, para confeccionar eventualmente um retrato falado.
- Conseguir interessar um químico para as análises, eventualmente necessárias, de fragmentos, traços ou artefatos deixados no chão.
- Entrar em contato com um médico ou laboratório, para análises complementares do sangue, urina e pele da testemunha.
- Preparar máquina fotográfica para documentação eventual (em preto e branco ou em cor).
- Se uma foto ufológica foi feita de noite, será bom tirar outra de dia, do mesmo local, sob o mesmo ângulo e com a mesma máquina (para comparação topográfica da respectiva região).

C) - LEVANTAR FENÔMENOS UFOLÓGICOS ANTERIORES E/OU CONTEMPORÂNEOS AO EPISÓDIO:

- Nomes e endereços de observadores de outros casos (de discos voadores) na localidade e suas imediações; esboços (croquis) de tudo que se possa relacionar com os fenômenos; coleta de fragmentos ou resíduos; reconstituição das ocorrências.

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

7 - SOBRE A NECESSIDADE DO USO DE EXAMES COMPLEMENTARES PARA A COMPROVAÇÃO DE MODIFICAÇÕES FISIOLÓGICAS PROVOCADAS POR FENÔMENOS UFOLÓGICOS

Nos Boletins SBEDV n.ºs. 48/50 (pag. 6), n.º 54 (pag. 19), n.º 66/68 (pag. 90), n.º 74/79 (pag. 25), n.º 80 (pag. 222) e n.º 85/89 (pag. 9 e 22), citamos teorias a respeito dos fenômenos, no campo da neurologia, provocados pela influência de energias emanadas de Discos Voadores ou de artefatos manipulados pelos seus tripulantes.

Hoje voltamos ao assunto, pretendendo focalizar, entretanto, o aparelho endócrino humano, dirigido em grande parte pelo sistema neurônico hipotálamo-hipofisário. Os hormônios por ele secretados, como por exemplo o ACTH, obedecem possível

mente a três tipos de estímulos:

- a) estímulo físico à distância (trauma, por exemplo);
- b) estímulo psíquico (por exemplo: angústia e medo)
- c) talvez um estímulo direto, que poderia ser representado por raios ou energias emanadas de Discos Voadores e cuja natureza, talvez de ordem eletro-magnética ou gravitacional, é ainda campo de pesquisa e de especulação.

Neste ínterim, o laboratório médico poderia entretanto constituir-se num valioso auxiliar, no intuito de comprovar as modificações encontradas no sangue. Tais alterações podem talvez causar fenômenos neuro-vegetativos, frequentemente vistos em pessoas que se aproximam em demasia de um DV ainda com a energia motriz em pleno funcionamento, ou então em indivíduos expostos a raios projetados de bordo da nave ou de instrumentos manipulados pelos tripulantes.

Uma vez que o sistema hipotálamo-hipofisário governa quase totalmente as glândulas endócrinas, como por exemplo as suprarrenais e as paratireóides, poderiam ser feitas determinações simples de alguns eletrólitos (foto-colorimetria) ligados a esta patologia, ou mesmo dosagens mais complicadas, de ordem biológica ou rádio-imunológica, de alguns dos hormônios produzidos por estas glândulas.

Isto pressupõe o interesse antecipado, de médicos, pelos fenômenos ufológicos, felizmente já bastante grande no Brasil. Entretanto, os exames são afetos a especialistas, que às vezes estão distantes do local da ocorrência. Então, no intuito de facilitar a tarefa, e para que não sejam perdidas as raras oportunidades que surgem de um episódio ufológico, lembramos aqui o seguinte:

- a) - colher sempre o sangue da testemunha, logo que for possível, em frascos ou tubos de vidro, limpos, secos, arrolhados, com alguns cris-
tais de heparina Evans, para evitar a coagulação.
- b) - realizar os exames imediatamente, ou, então, dentro do prazo de 24 horas, ficando o sangue guardado num congelador ou em uma garrafa térmica, provida de gelo.
- c) - na síndrome hipotálamo-hipofisária poderão ser encontrados hiponatremia no sangue e alta densidade da urina, acompanhadas de astenia, câimbras, torpor, náuseas, vômitos, dores abdominais e cefaléia.
- d) - outros hormônios podem ser pesquisados, conforme os sintomas, para a região do aparelho urinário (hormônio antidiurético e cortisol) ou do genital (gonadotropinas).
- e) - manifestações de muita sede (polidipsia), micções frequentes (poliúria), fraqueza, inapetência, sonolência e prisão de ventre justificam uma dosagem de cálcio sanguíneo, porquanto o seu aumento, no distúrbio da glândula para-tireoide, pode estar ligado a isto.

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

(Com as contribuições dos Médicos Drs. Elías Azis Chediek e Max Berezovski, e também, da testemunha Onilson Patero e da SBEDV).

8A - DESCRIÇÃO DO CASO

O EPISÓDIO

caso Onilson Patero

Na noite de 21 para 22 de maio de 1973, na estrada de Itajobi, ao norte do Estado de São Paulo, o comerciante Onilson Patero voltava para seu lar (em Catanduva). Às três horas da madrugada, teve seu carro paralisado por um engenho aéreo. Do acontecimento, o que mais o assustou foram as manobras técnicas postas em prática, uma das quais consistiu no exame de seu carro por intermédio de um "spy-beam" (leia também o Boletim SBEDV nº 18 pág. 31). Depois de ter sido submetido a esse exame, feito a grande distância, o automóvel tornou-se transparente, como um vidro, por força dos efeitos de um raio emitido pelo engenho.

Nos dias subsequentes à observação desse episódio, começaram a aparecer, na pele de seu protagonista, manchas parecidas com as que se seguem a pequenas contusões, causadas por ligeiras efusões sanguíneas subcutâneas.

O caso foi noticiado sob títulos sóbrios, em 06/06/73 pela revista "Veja" ("Ei-los que voltam"); em 29/05/73, pelo "Estado de São Paulo", jornal de grande penetração ("Disco é visto em Catanduva" e "Disco é visto em Rio Preto"); pelo jornal "Última Hora", de São Paulo, em 30/05/73, ("Disco Voador faz Onilson desmaiar e ficar doente"); e pelo jornal "O Dia", do Rio, a 29/05/73, merecendo os seguintes títulos sensacionalistas: ("Atacado pelo Disco Voador" e "Queimado pelos raios de objeto desconhecido").

CIPEX e GENA

2004

A PESQUISA

A SBEDV dirigiu-se, então, para Catanduva e lá entrou em contato com o médico Eliaz Aziz Chediek que, por possuir o espírito de pesquisador e a curiosidade a berta para o desconhecido, considerou objetivo acompanhar de perto o surgimento das seqüelas deixadas pelo fenômeno, na pele da testemunha, bem como, de participar, de maneira interessada, dos interrogatórios e exames aos quais a testemunha foi submetida pelos grupos de estudo ufológico que se deslocaram para Catanduva (um do Ministério da Aeronáutica, outro dirigido pelo médico Max Berezovsky, de São Paulo, e, finalmente, o pesquisador da SBEDV).

Além de toda a ajuda oferecida aos investigadores provenientes de várias localidades e, inclusive, ao da SBEDV, antecipando declarações sobre o caso, as quais foram confirmadas pela testemunha, o jovem médico, de 31 anos, foi brilhante em sua atuação durante a reconstituição do episódio, feita no local da ocorrência, procedendo, ainda, de maneira ativa e independente, a pesquisas junto aos mais importantes participantes do caso: o próprio Onilson Patero e um guarda rodoviário que o socorreu.

Vale, ainda, registrar-se que o Dr. Chediek é assistente da Cadeira de Clínica Médica da Faculdade local e conceituado ex-residente do Hospital dos Serviços Públicos do Estado de São Paulo, tendo feito curso de pós-graduação num Centro de Tratamento Intensivo, e em moléstias tropicais, tendo também editado um original sobre "Toxiplasmose adquirida".

O RELATO

A 10 de junho de 1973, pela manhã, fomos com o Dr. Chediek à casa do Sr. Onilson, que nos recebeu amavelmente.

Junto à sua família, contou-nos que, no dia 21/05/73, uma segunda feira, deixou a cidade de Oswaldo Cruz, onde tinha ido conferenciar com seus chefes, uma vez que trabalha numa firma que vende e instala bibliotecas públicas em prefeituras. É o homem de relações públicas da empresa, junto ao Estado de São Paulo, motivo pelo qual empreende constantes viagens em seu carro, um "Opala" azul, comprado há seis meses, já com 30.000 km rodados.

A distância de Oswaldo Cruz (de onde partiu às 23 horas), até Catanduva é de, aproximadamente 280 km. Ao passar pela ponte perto do "Salto" (usina hidro-elétrica) de Avanhandava, ainda a uns 150 km de Catanduva, aceitou como carona um rapaz que também pretendia ir a esta última cidade.

Estabeleceu-se entre ambos uma conversa muito animada, no decorrer da qual o desconhecido formulou várias perguntas acerca do grau de instrução do Sr. Onilson e de sua forma de vida.

Na auto-estrada Washington Luiz, à entrada para Catanduva, porém, de maneira estranha, o desconhecido, de repente, lembrou-se de que seu destino não era propriamente aquela localidade, mas Itajobi, que ficava ainda a uns 18 km de distância (ver fig. 16).

Pela falta de meios de transporte, àquela hora da madrugada, e pela chuva que começara a cair momentos antes, o Sr. Onilson resolveu levar o carona até Itajobi, onde o deixou na praça principal. Naquele momento, recusou-se a receber o dinheiro que lhe foi oferecido pelo companheiro de viagem. Não obstante sua oposição, este lhe colocou, no bolso pequeno do blusão, uma nota que, somente ao chegar em casa, verificou ser de 50 cruzeiros.

CIPEX e GENA

2004

A 7 KM DE CATANDUVA

O Sr. Onilson sabia que eram, aproximadamente, 3 horas da manhã, pois havia consultado o relógio momentos antes, e faltavam ainda 7 km para finalizar a viagem, quando se sucederam sete episódios que, inicialmente, não lhe pareceram ter uma interligação mas que, depois, se lhe afiguraram como diversas fases de um mesmo acontecimento que alcançaria mais tarde seu ponto culminante, envolvendo-o como um personagem escolhido para um encontro com um engenho aéreo não terrestre, ou com sua tripulação.

Esse fato vai ser narrado, separadamente, nas sete fases cronológicas em que aconteceu, para que fique bem especificado:

Fase nº 1: O Sr. Onilson começou a perceber a ocorrência de interferência no rádio do seu automóvel, diminuindo, então, o volume de seu som. O motor do carro - que, até então, desenvolvia uma velocidade que variava entre 90 a 100 km/h-, começou a falhar.

Fase nº 2: De repente, notou o aparecimento de um foco de luz azul, muito bonita (um "colosso", conforme sua expressão), com uns 20 cm de diâmetro, colocado no painel, à sua frente.

Em seguida, aquela luz se deslocou para a sua direita, à mesma altura, dirigindo-se, depois, para o assento vazio à sua direita. Encaminhou-se para seus pés, em movimento contrário, da direita para a esquerda, colocando-se perto dos pedais de aceleração, de freios e de embreagem, e, finalmente, sumiu.

Ainda pôde comprovar que a tal luz, onde batia, fazia o efeito de tornar transparente as paredes metálicas permitindo a Onilson a verificação do funcionamento do motor à sua frente, o rodar do virabrequim, o comando das válvulas e bielas. Via até a passagem do asfalto da estrada por baixo do carro quando o foco de luz bateu no piso, ao passar pelos pedais.

Após o desaparecimento da luz, o Sr. Onilson procurou olhar o céu, através do para-brisa, julgando que a luz fosse reflexo de algum raio de luar, efeito de um curto-circuito ou de outro estranho fenômeno elétrico.

A noite, porém, estava escura. O céu, encoberto por nuvens. A chuva, que

caía miúda, já começava a engrossar.

Fase nº 3: Como o motor de seu carro continuasse cada vez pior, foi obrigado a passá-lo para a segunda marcha na ascensão de uma lombada, a fim de que a pudesse vencer.

A uns 500 m de distância, viu, então, uma luz forte que, como um filete de um raio reto, prolongou-se em sua direção.

Ao alcançar, pela estrada, ao cume de uma colina, o rastro daquela luz chegou, bem de frente, até seu rosto. Era tal sua intensidade que, para não cegar, teve que proteger os olhos com o braço esquerdo.

Pensou que se tratasse de um carro, com farol fortíssimo, que viesse em sua direção. Para alertar seu motorista, usou quatro vezes o pisca-pisca, de farol alto e baixo, alternadamente, apagando-o, finalmente, na expectativa de obter algum resultado. Tudo, porém, foi feito em vão, porque nenhuma influência exerceu sobre a tal luz, ou suposto farol.

No topo de outra lombada, as falhas do motor de seu automóvel começaram a se intensificar de tal modo que foi obrigado a passá-lo para a primeira marcha.

Temendo chocar-se com o "carro de farol alto" que a ele se dirigia, desviou-se lentamente, em 1ª. marcha, para fora da estrada, buscando o acostamento, onde parou numa posição um tanto atravessada, não sabendo se ainda estava na pista ou fora dela, de tão cegante que era a luz.

Fase nº 4: Em seguida, percebeu que toda a instalação elétrica do carro - farol, rádio e painel - não estavam funcionando. A esta altura, tirou os óculos dos olhos, protegendo estes com o braço, para livrá-los de maiores danos na possível colisão que acabaria por sofrer contra o que ele julgava fosse um veículo que, desabuscadamente, vinha a seu encontro, sempre com o farol extraforte assestado para seu rosto, o que contrariava todas as regras de bons costumes entre motoristas e as leis do Departamento de Estradas de Rodagem.

Fase nº 5: Permaneceu nessa posição por alguns minutos, aguardando o cho que ou a passagem de um "caminhão malcriado", o que não aconteceu.

Assim, resolveu abaixar o braço que lhe cobria os olhos. O que viu foi um corpo opaco, de forma circular, medindo de 4 a 5 m de diâmetro, formado por duas abóbodas superpostas, suspenso no ar, a uns 10 m de distância e a uns 10 m acima do chão da estrada (ver figuras 13 e 12, que representam, respectivamente, um esboço feito pelo próprio protagonista e um desenho "falado" feito pelo Dr. Chediek).

Ficou olhando para o mesmo durante vários minutos, esfregando constantemente os olhos, para certificar-se de que não estava sonhando.

Indagou a si mesmo se não estaria vendo um helicóptero, cujos tripulantes, em dificuldades, necessitando aterrisar, desejassem aproveitar parte do campo iluminado pelo farol do automóvel.

Logo abandonou essa hipótese, por considerá-la inconsistente, tendo em vista que observou a existência de um círculo luminoso, 10 m de diâmetro, situado abaixo do aparelho, e que, provavelmente, era oriundo deste, apesar de sua aparência opaca.

Naquele instante, Onilson lamentou não ter um revólver com o qual, certamente, alvejaria o estranho veículo (leia item 8E).

Fase nº 6: Sentado dentro do carro, começou a sentir grande calor. Assim, abriu-lhe a porta e colocou um pé no chão e outro em seu estribo, ocasião em que notou que o engenho aéreo foi sendo totalmente envolvido por uma cortina elástica e transparente, que corria da direita para a esquerda, olhado o objeto da posição em que se encontrava Onilson. Essa providência, tomada pelos que comandavam aquela aeronave, foi tida pelo protagonista do episódio como um gesto de proteção à sua pessoa, visto que, a seguir, a temperatura tornou-se mais amena, voltando à normalidade.

de, o que o fez desistir da idéia de fuga, que lhe havia ocupado a mente.

Observou o aparelho durante cerca de um minuto. Deste partia um zumbido semelhante ao que é produzido pela turbina de um engenho de açúcar. "Alguma coisa girava, no aparelho".

Fase nº 7: Iniciou-se, em seguida, a projeção lenta de um cilindro que, saindo da parte inferior do engenho, tomava quase que totalmente a largura da cúpula ali existente. Seu diâmetro media cerca de 1,5 m. Esse cilindro, como um telescópio, foi-se dirigindo lentamente em direção à terra, dando um evidente sinal de que era manobrado por inteligências que, segundo era de se crer, haviam espionado o carro do Sr. Onilson, por intermédio daquela luz azul, tinham provocado a paralização do automóvel, com sua aproximação e, naquele instante, vinham a seu encontro através, tal vez, de suas formas físicas.

Esta não é a interpretação do Sr. Onilson, mas sim da SBEDV, para a qual ele traduziu todo o pavor que teve no momento em que viu o cilindro alcançar uns 3 m de extensão, comunicando que: "Aí pensei - meu Deus, isso é um disco voador... certamente vão-me levar embora... vou correr para o lado da cidade!..."

"Entretanto", explicou-nos o Sr. Onilson, "teria, nesse caso, que passar por baixo do cilindro, o que queria evitar. Desse modo, retrocedi, correndo em direção à cidade de Itajobi, com o objetivo de me embrenhar num dos bosques existentes à beira da estrada e, de lá, dirigir-me a Catanduva". (na fig. 12 - retrato "falado", feito pelo Dr. Chediek).

Assim, já havia corrido uns 30 m quando - segundo bem se lembra -, sentiu-se puxado pelas costas por qualquer coisa que se assemelhava a uma borracha fina. Passou as mãos nas costas mas nada pôde perceber que justificasse aquela sensação, que permanecia e se intensificava. Resolveu, então, virar-se para verificar o que acontecia, nada vendo, porém, a seu redor. Para seu espanto, verificou que o engenho, agora perto de seu carro, projetava sobre o mesmo um raio luminoso de cerca de 30 cm de largura, cilíndrico, tornando-o, conseqüentemente, transparente, como vidro, o que fazia com que ele pudesse ver todo o conteúdo da mala do carro, toda a sua carroceria, as engrenagens das rodas, o interior do painel e o motor, estando o automóvel com a frente voltada em direção a Catanduva. Vendo o seu carro todo transparente, Onilson interpretou que o mesmo se estivesse derretendo, o que lhe causou sofrimento atroz, uma vez que ainda não estava totalmente pago. Lembrou-se que não mais podia prosseguir em sua fuga e que, pouco depois, devia ter desmaiado, pois, de nada mais se recordava.

Foi achado pelo guarda rodoviário, Sr. Clóvis Queiroz (figs. 14 e 17), que se encontrava em sua guarita, no entrocamento Catanduva-Presidente Washington Luiz, o qual, às 5 h da manhã, foi procurado por dois rapazes, residentes naquela cidade (Celso Aparecido Pin e Waldomiro Barcoso Sal), que lhe comunicaram haver passado com sua kombi por um homem caído, de bruços, ao lado de um automóvel abandonado, no acostamento, com uma porta aberta e os faróis acesos.

Informaram-lhe, ainda, que a pessoa parecia morta por violência, ou por afogamento, de vez que a enxurrada, provocada pelas águas da chuva, batia em sua cabeça.

Essa descoberta fora feita a uns 7 km, na estrada Itajobi/Catanduva.

CIPEX e GENA
2004

OS ACHADOS DO GUARDA

Imediatamente, o guarda, em seu carro, um corcel, rumou para o lugar indicado, onde, de fato, se deparou com o quadro descrito por aqueles dois rapazes (ver fig. 14, da reconstituição pelo guarda). Eram 5 h da manhã.

Ao chegar, sua primeira providência foi a de iluminar o homem, com os faróis de seu carro. Em seguida, tentou desvirá-lo, a fim de se cientificar de seu real estado, uma vez que viu os dedos do mesmo se mexerem.

Para sua surpresa, o desconhecido começou a se mover e tentou levantar-

-se, procurando desvencilhar-se de suas mãos. Logo após, respondendo a uma pergunta do guarda, que lhe indagava sobre o acontecido, o homem, que era o Sr. Onilson, disse-lhe: "Eles me querem pegar..."

Por solicitação do guarda, identificou-se e lhe relatou todos os fatos de que fora vítima, fazendo-o sob forte tensão e sempre manifestando o desejo de abandonar aquele lugar.

Nessa oportunidade, o guarda resolveu testá-lo psicologicamente. Assim, fez parar um caminhão que por ali trafegava, transportando pintinhos, e conseguiu que o motorista saltasse, depois das explicações que lhe deu.

Voltou-se, então, para o Sr. Onilson dizendo: "Estamos aqui, agora, nós três... Eu o desafio a dizer onde estão os "caras" que, segundo me informou, querem pegá-lo". Como a única reação do Sr. Onilson fosse a manifestação de afastar-se dali, o mais depressa possível ("O negócio aqui é sério; não é brincadeira não..." foi a resposta de Onilson ao guarda), o guarda passou a considerá-lo como um doente que, provavelmente, tivera um ataque epilético na estrada, motivo pelo qual achou que seria melhor encaminhá-lo a um hospital, para tratamento.

Nesse caso, cuidou de deixar em ordem o carro do Sr. Onilson, apagando seu faróis e fechando a porta que estava aberta.

Ao ver um mapa rodoviário aberto e estendido na frente do veículo, quiz saber se ele havia sido consultado pelo Sr. Onilson, antes do desmaio. Este, negando a consulta, disse que o mapa era seu, mas que deveria estar dentro da malinha que se encontrava no assento a seu lado.

CIPEX e GENA
2004

OS PRIMEIROS INDÍCIOS OBJETIVOS DE UM EPISÓDIO EXTRAORDINÁRIO

1º indício: Olhando para dentro do carro, os dois homens verificaram que a mala estava no assento ao lado do volante, na frente. Fôra aberta e os papéis que guardava estavam em desalinho, espelhados pelo assento e pelo chão do automóvel, embora a chave da malinha, que antes estava trancada, continuasse no bolso do Sr. Onilson. Diante do que via, este continuava afirmando que tinha consciência de que não havia aberto a mala e de que, com muita certeza, não retirara de seu interior o mapa rodoviário e, muito especialmente, de que não espalhara pelo chão do carro os papéis, entre os quais se encontravam muitos cheques. Preocupado, o Sr. Onilson verificou que nenhum de seus papéis e cheques fôra retirado.

2º indício: Depois de tomar todas as providências referentes ao automóvel do Sr. Onilson, o guarda o transportou para o serviço de emergência da Santa Casa de Catanduva, onde ele foi atendido pelo médico de plantão, o Dr. Chedieck. Submetido a exames clínicos e a testes neurológicos e psicológicos, o Sr. Onilson nada mostrou de anormal.

O que de estranho ficou evidenciado era que toda a sua roupa estava encharcada pela água da chuva, à exceção das costas de sua blusa que, apesar de expostas à inclemência do tempo, durante duas horas, continuavam estranhamente secas.

3º indício: Indo ao hospital para visitar o marido, informar-se sobre seu estado de saúde e levar-lhe roupas, a esposa de Onilson declarou, alarmada, que misteriosamente os cabelos deste estavam pretos, quando sua cor normal era castanha. Entretanto, nos 3 a 4 dias subsequentes, voltaram quase à sua cor primitiva. (OBS. Em visita que nos fez, aqui no Rio, em princípios de 1974, confirmando todo o episódio, o Sr. Onilson disse-nos que, até à ocasião, os seus cabelos ainda não haviam chegado à cor original, que era mais clara.

4º indício: O Sr. Onilson começou a sentir uma comichão pelo corpo, e sua esposa o ajudava a se coçar.

O médico lhe deu alta e lhe prescreveu um sedativo, a título de medicação

sintomática, recomendando-lhe a volta ao hospital nos dias seguintes, para que fosse completada a observação de seu caso, ou verificada uma eventual evolução dos sintomas que vinha apresentando.

O caso teve realmente um epílogo, na forma do aparecimento de manchas cutâneas no Sr. Onilson. O Dr. Chedieck fez à SBEDV as seguintes declarações, diversas das quais relacionando as manchas, com todos os fenômenos ligados à ocorrência:

- 1 - que havia principalmente no tronco e, generalizadas, por todo o corpo do Sr. Onilson, manchas parecidas com efusões sangüíneas, e que seguiram a seguinte evolução:
 - 1.1 - estavam ausentes quando da entrada do cliente no hospital;
 - 1.2 - apareceram cinco a seis dias mais tarde, com menor incidência, porém, na parede anterior do tórax;
 - 1.3 - doze a treze dias depois da entrada no hospital, o Sr. Onilson tinha todo o corpo coberto de manchas;
 - 2 - as manchas apresentavam forma irregular e diferenças entre si;
 - 4 - na mesma lesão, a cor não tinha tonalidade uniforme;
 - 5 - era porém mais ou menos idêntico o ciclo evolutivo das manchas que, inicialmente de cor marrom, passavam para o verde e, em seguida, para o amarelo, como costuma acontecer às efusões sangüíneas subcutâneas;
 - 6 - havia um discreto prurido em vários pontos;
 - 7 - não havia lesão de continuidade do epitélio;
 - 8 - os exames clínicos realizados nada revelaram de anormal;
 - 9 - que, apesar de exposta à chuva, durante muito tempo, a blusa do Sr. Onilson se mantivera seca na parte que cobria a região de seu tórax;
 - 10 - por ocasião da entrevista que manteve com o grupo de pesquisa ufológica da Aeronáutica, o Sr. Onilson, às perguntas a ele feitas, informou que havia um "carro forte" parado nas vizinhanças do local em que dera carona ao rapaz que tomara lugar em seu carro, perto do Salto de Avanhandava. Por coincidência, ou não, afirmou o Sr. Onilson que um "carro forte" idêntico ao descrito, passara por ele no instante em que deixara o carona em Itajobi, às altas horas da madrugada, quando o movimento da estrada é reduzidíssimo.
- Nesse momento, o Sr. Onilson se recordou de que durante a viagem oferecera cigarros ao carona que, segurando uma caixinha de metal semelhante a um porta-cigarros, declarou que não fumava.

CIPEX e GENA
2004

DADOS ADICIONAIS SOBRE A TESTEMUNHA

Encerrando este relato, informamos que o Sr. Onilson Patero, com 40 anos de idade à época do incidente, é casado desde os 25 anos e possui duas filhas.

Antes de ser admitido na firma para a qual trabalha, atuou durante oito anos numa usina de açúcar, exerceu, por cinco ou seis anos, atividade de corretagem e emprestou seus serviços a uma fábrica de balas, por quatro anos, gozando, sempre, de saúde perfeita. Frequentou a escola até à quarta série do curso primário. É pessoa de bom desembaraço mental, sabendo se expressar corretamente, tendo respondido, às nossas perguntas, de maneira clara e objetiva, jamais caindo em contradição. Anteriormente ao incidente de que foi protagonista, nunca tomou conhecimento do assunto, desconhecendo a literatura especializada, e portanto não sabendo de pormenores, semelhantes aos do seu caso, já ocorridos em outras oportunidades.

P.S.: Publicamos, a seguir, o endereço completo do Dr. Elias Azis Chediek, que se dispõe entrar em contato e prestar qualquer informação sobre o caso de Onilson, àqueles que o desejarem:

Rua Matro Grosso, 360 - 15.800 - Catanduva - S.P. - Brasil.

CIPEX e GENA
2004

8 B - COMENTÁRIOS ADICIONAIS DE ONILSON

Acrescentou Onilson que, na manhã que se seguiu ao episódio, seu irmão foi ao local do incidente, em companhia do guarda rodoviário, para buscar seu Opala azul.

Com relação ao "carona" que levou no seu carro, em vista das indagações dos diversos pesquisadores, lembrou e respeito os seguintes dados:

A fisionomia - "Era um moço de aproximadamente 1,75 m de altura, de ombros largos, porte atlético, rosto oval e cabelos louros, amarelos, curtos, bem aparados em torno das orelhas, que eram pequeninas. O nariz era pequeno também, mas os olhos, azuis e redondos, eram grandes.

O comportamento - O moço denotava firmeza e se impunha na conversa, que só consistia em algumas esparsas perguntas, que intercalava na constante fala de Onilson, a quem fitava firmemente durante o percurso.

Seu primeiro pensamento foi de que o moço fosse conhecido do posto policial rodoviário de Avandava, em cujas proximidades se encontrava quando pegou a carona. Assim, depois de apresentar-se pelo seu nome, Onilson escutou o moço dizer que se chamava Alex (ou coisa parecida), e dispensou a carteira de identidade deste, (que esboçara um gesto de querer apresentá-la).

Quando Onilson lhe ofereceu cigarros, ele recusou, dizendo: "não costumo fumar quando estou viajando de automóvel", entretanto, o tempo todo, o moço mantinha uma caixinha aparentemente de metal dourado, do formato de uma cigarreira, ora na mão direita, ora na esquerda, mas sempre perto do seu corpo.

As perguntas que o estranho fez a Onilson foram: "Quanto tempo mora em Catanduva?", "Qual é seu grau de instrução?", Qual é o ramo de sua atividade?". Depois de responder a esta última pergunta, Onilson retrucou:

- E você, mexe com que?

Mas logo se arrependeu pela maneira indelicada com que havia interpelado o moço quando este respondeu:

- Eu também negócio; meu ramo é negócio".

A memória do estranho era fabulosa pois, uma hora e meia depois da superficial apresentação em Avandava, em uma de suas perguntas a Onilson, o moço pronunciou seu nome claramente, o que parecia estranho. Também fugazmente, no início da conversa, ele, Onilson, havia mencionado o nome da rua e o número da sua residência em Catanduva e, mais estranho ainda, ao se despedir, em Itajobi, agradecendo-lhe e desejando-lhe boa viagem, o estranho ajuntou:

- "Qualquer dia destes vou lhe fazer uma visita em sua casa, lá na Rua tal, número tal, repetindo exatamente o endereço.

O paradeiro do estranho em Itajobi constitui também um enigma, porquanto, 15 dias após o episódio, o próprio Onilson, curioso, procurou se informar da presença daquele indivíduo na cidade, mas ninguém deu notícias da estada ou da passagem, de um moço louro, de porte atlético, naquela pequena localidade, o que não teria passado despercebido, pois ali todos se conhecem e o número de habitantes é muito limitado. Além disso, todos já haviam tomado conhecimento do episódio pela grande difusão que teve, não só pelos jornais, como também pelo noticiário de rádio. E para Onilson era fácil colher qualquer informação em Itajobi, onde conhece muita gente, inclusive o Prefeito (Sr. Anderley Stefanini) e o seu primo Elias Provezana, Diretor do Ginásio local.

Na ocasião, soube que o pesquisador Dr. Max Berezovski também havia feito uma investigação no mesmo sentido.

Testemunhas secundárias - Aproximadamente 15 dias após o incidente, procurei também falar com os dois moços, moradores em Itajobi, e que primeiro o haviam percebido estendido na estrada, na noite da ocorrência. Um deles era conhecido pelo nome de Piu e o outro era Waldomiro Barcoso Sal. Este último, que acabava de sair de sua residência, numa "perua" VW, cruzou com o carro de Onilson e, reconhecendo o Opa la azul que havia visto na estrada, após o incidente, pensou acertadamente que o protagonista da aventura talvez estivesse à sua procura. Assim, manobrou o carro e voltou para casa, onde encontrou Onilson já conversando com seu pai (de Waldomiro).

CIPEX e GENA
2004

8 C - OBSERVAÇÕES DA SBEDV

Com relação ao caso do Sr. Onilson, a boa qualidade da pesquisa feita pelo médico (de São Paulo) Dr. Max Berezovski, foi grandemente propiciada pelos préstimos do colega médico Dr. Elias Aziz Chedieck, possuidor de mente aberta e curiosidade de um verdadeiro pesquisador. Por isto fizemos a observação logo abaixo do título (item 8) neste Boletim.

A pesquisa do Dr. Max foi publicada, sob merecido destaque, nas seguintes revistas estrangeiras especializadas: "APRO BULLETIN" (maio/junho 1973: "Close Encounter in Brazil"); "GEPA" (setembro 1973) e "INFORESpace".

Aliás, devemos agradecer ao Dr. Max o seu gesto de cooperação, de ter mandado, à SBEDV, cópia de parte dos seus relatórios, por meio de um amigo em comum, Prof. Guilherme Wirz.

Dos exames complementares e de laboratório, providenciados pelo Dr. Max, aqui transcrevemos só parte do exame anátomo-patológico de biópsia, (localizada em uma das manchas polierômicas), por considerarmos mais meritório: "Pele com espessamento fibroso do derma (dois fragmentos)".

Em relação à hipnose regressiva, executada em Onilson, pelo Dr. Max na presença do Prof. Wirz, apenas soubemos que "foram bons os resultados" e que "foram obtidas informações a respeito do período em que o paciente permanecera inconsciente". Informou-nos o Prof. Wirz que Onilson, em estado de hipnose, teria citado um nome bíblico, a respeito do incidente que protagonizou.

8 D - QUANTO AO FATO DE O AUTOMÓVEL FICAR TRANSPARENTE...

Em relação à transparência do carro de Onilson, lembramos caso similar relatado no Boletim SBEDV nº 85/89, pag.40, sob o título: "Feixe energético do DV torna transparente parede metálica":

"Quando D.W.Fry fez uma viagem num DV teleguiado, um feixe energético do DV tornou transparente uma porta metálica do aparelho (de "THE WHITE SANDS INCIDENTE", pag. 36 - New Age Publishing Co. - 1542, Glendale Boulevard, Los Angeles - Calif. U.S.A.)"

8 E - OBSERVAÇÕES DO GUARDA QUEIROZ

Em 26/02/74, meses após o episódio, fomos apresentados pelo Sr. Onilson ao guarda Clovis Queiroz.

Informou-nos o guarda que, naquela noite, chegando ao quilômetro 7, real-

mente viu estendido no chão um cidadão, conforme o aviso dos rapazes, julgando tratar-se de um cadáver, porquanto, o corpo, emborcado, estava ilhado pelas águas da chuva que corriam pelos bordos da estrada. Então pensou: "Estou enrolado agora até a manhã toda, com um cadáver, até que o pessoal de São José do Rio Preto (cidade maior) chegue ao local".

No entanto, ficando parado com as pernas abertas em cima do corpo (de Onilson), após estacionar o seu próprio carro, e inclinando-se para baixo, percebeu algum movimento em uma das mãos de Onilson. Então, resolveu virá-lo, pegando-o por baixo dos braços.

Qual não foi entretanto a sua surpresa, quando o estendido levantou-se com um pulo, querendo fugir. Segurando-o, gritou: "Calma meu nego — aqui é a polícia!" Informou o guarda que Onilson o mirou lentamente de cima a baixo. Depois de Onilson ter contado a sua história, Clovis achou tratar-se de um louco e procurava não contrariá-lo, "porquanto louco é um problema clínico!"

O guarda disse a Onilson - "Isto não é nada! Vamos pegar o negócio à unha! O senhor me ajuda?"

A resposta foi: "Sim, ajudo, mas me leve embora daqui!" e ao mesmo tempo olhava sempre irrequieto ao seu redor, como que temesse o aparecimento de alguma coisa.

Clovis estranhou entretanto, quando "o louco" entrou em seu carro logo ao primeiro convite, o que não lhe parecia feito de louco. Também Onilson aceitou um cigarro de Clovis, segurando-o na mão, sem fuma-lo, o que também diferia do comportamento dos loucos que tinha visto no sanatório, todos sempre ávidos de fumar os seus cigarros. E foi assim que levou Onilson em direção ao hospital, à procura de socorro, às três horas da manhã.

CIPEX e GENA

2004

8 F - SOBRE A NECESSIDADE URGENTE DE TRANSMITIR AMPLAS INFORMAÇÕES AO PÚBLICO, EM RELAÇÃO AOS DV

Diante de fatos conturbadores, a atitude lógica dos governos e suas agências especializadas é de esclarecer o público e prepará-lo psicologicamente, a fim de evitar certas reações impensadas e incontroláveis, que possam degenerar em pânico geral.

Como exemplo desses fatos, podemos citar: Conturbações por elementos naturais (terremoto, furacão); conturbação política (iminência de invasão hostil de um país); conturbação na ciência (passagem da teoria à prática, no campo da física nuclear, na deflagração da primeira bomba atômica).

No caso específico dos DV, fator conturbador para os cientistas, políticos e religiosos, era de se esperar um semelhante preparo das massas, o que infelizmente nunca foi tentado. Muito pelo contrário, têm sido feitos lançamentos de vários filmes, livros e revistas (até para crianças!), que mostram os extraterrestres como sendo nossos invasores dotados de maus instintos. Pelo menos, das chamadas "autoridades religiosas", seria razoável um pronunciamento oficial contra tal procedimento, o que entretanto não acontece (motivos políticos?). Além disto, diversos "especialistas" deformam o assunto por meio de lançamento de rumores infundados. Em várias partes das vezes, sobre acontecimentos não pesquisados ou mal pesquisados.

A propósito citamos, em nosso Boletim nº 74/79, o caso do guarda de segurança, Almiro Martins Ferreira que, no conjunto hidro-elétrico do Funil (Muroá), acionou 3 vezes o seu revólver em direção a uma nave desconhecida, tendo disto resultado para ele um estado de cegueira (psicológica?) que durou vários dias.

Quanto ao caso de Onilson, tempos mais tarde o guarda Queiroz disse ao pesquisador da SBEDV: "Se na ocasião do incidente, eu soubesse a respeito dos DV o que sei agora, teria dado uma outra consideração do caso do Onilson". Como resposta, lhe foi argumentado que infelizmente ainda hoje é muito grande o número de pessoas que desconhecem o assunto e então não podem agir corretamente em casos semelhantes.

8 G - NOVO ENCONTRO COM UM DV

Já estavam quase prontas as matrizes para impressão do presente Boletim, quando tomamos conhecimento de um segundo incidente envolvendo Onilson, com a notícia de que ele havia sido encontrado na cidade de Colatina (ES), enquanto seu carro, abandonado na estrada, havia sido encontrado por um fazendeiro, nas proximidades de Guarantã (S.P.), e recolhido pela Delegacia de Polícia daquela cidade.

Então, nos dirigimos a Colatina e nos foi contado o seguinte:

Na manhã de 26 de abril último, uma 6ª feira, Onilson deixou sua casa, em Catanduva, e se dirigiu, a serviço, à cidade de Júlio de Mesquita, tendo avisado à família que retornaria naquele mesmo dia.

Entretanto, isto não aconteceu e ele permaneceu seis dias ausente, sem dar notícias. A família aflita, procurava-o, em vão, pela imediações.

Eis que no dia 2 de maio, o fazendeiro Cesar Menelli, residente em Colatina, se dirigiu à sua fazenda distante 12 km, mais ou menos às 5 horas da manhã, e lá chegando encaminhou-se para perto do curral. Foi quando percebeu gritos de socorro, que partiram de uns morros próximos, e que se foram aproximando até que apareceu um homem, molhado pela chuva que caía durante a noite, com a roupa coberta de carrapichos; estava limpando os óculos e perguntava em que lugar se encontrava; afirmava também que era um "homem de bem". Disse que desejava comunicar-se com sua família, em Catanduva, através de rádio amador ou até mesmo por intermédio da polícia, pois estava desprovido de recursos que lhe permitissem tomar qualquer iniciativa.

Foi então que o fazendeiro o convidou para ir à sua casa, o que foi aceito. Lá chegando, Onilson tornou-se o centro de atenção e curiosidade do povo, pois que a notícia se espalhara e isto levou o delegado local a oferecer-lhe um quarto tranquilo na Delegacia o que, sendo aceito, lhe proporcionou descanso até que seus parentes fossem buscá-lo.

CIPEX e GENA
2004

Vejamos o que aconteceu a Onilson:

Naquele dia 26 de abril, quando retornava da cidade de Júlio de Mesquita, para Catanduva, aproximadamente às 23 h 30 min, à altura da cidade de Guarantã, o seu carro foi interceptado por um raio de luz emitido por DV, o que o obrigou a parar no acostamento à direita da estrada. Viu logo em frente, parado, o DV, igual àquele que fora visto anteriormente (no 1º encontro, descrito neste Boletim).

Seu primeiro impulso foi fugir e, assim pensando, foi saindo do carro. Mas, o DV, mais rápido, lançou como que uma esteira, em sua direção, de maneira que seus pés, em vez de pousarem no chão, pisaram naquela esteira que suave e rapidamente o conduziu ao interior da nave.

Lá se viu diante do moço já seu conhecido, que usava um vistoso blusão, e ao qual já havia dado carona anteriormente (no 1º encontro com o DV).

Onilson lembra que, além daquela sala em que esteve ao ser introduzido no DV, conheceu mais duas outras; não sabe explicar como passava de uma para outra. Conta que na última sala ficou sentado numa cadeira e foi observado por três pessoas en capuçadas, que lhe pareceram médicos, e cada um tendo aparentemente uma função. Enquanto um o observava, outro permanecia diante de um ecran, e o terceiro parecia atento ao desfile de quatro pessoas com aspecto de seres da Terra, que, isoladamente, passavam em frente a ele, que se conservava sentado. Essas pessoas pareciam ser terrestres, e uma delas era sua própria imagem (de Onilson). Isto o assustou; percebeu no seu sócio um movimento de pálpebras (daí julgando-o pessoa viva); este vestia aquela roupa e os óculos que Onilson usava na primeira experiência e que havia deixado em Catanduva.

A mesma esteira que o conduziu ao DV deixou-o às 3 horas da manhã (o relógio-calendário de Onilson continuava em funcionamento), no campinzal, no morro, de onde viu um clarão lá embaixo (ao longe) e ouvia buzinas, percebendo tráfego de carros. Uma cidade e uma rodovia, naturalmente, pensou ele, e para cuja direção caminhou.

E foi assim que se encontrou com o fazendeiro Cesar Menelli.

No próximo Boletim relataremos pormenorizadamente este segundo contato, pois isto foi apenas uma nota prévia, para não perdermos a ocasião.

Uma vez que no seu 2º encontro com o DV, teve contato de novo com os seus tripulantes, enquadrar-se-ia o Sr. Onilson nos casos de "contatos repetidos com tripulantes amigáveis".

Isto, entretanto, é contra os parâmetros da ufologia política e oficializada, a qual, na pessoa do seu "expert", Prof. Allan Hynek, diz no seu livro "The UFO Experience" (Abelard-Schuman, Londres), pag. 29, que tais casos "deviam ser eliminados de saída, (stopped at the gate) da pesquisa ufológica..."

A testemunha Onilson Patero possui fortes trunfos de indício da veracidade do seu relato, como sejam: a) seu carro foi achado, pela polícia de Guarantã, abandonado na estrada; b) Onilson foi encontrado 6 dias depois, a 900 km de distância, numa chuvosa madrugada, no alto de um morro de difícil acesso, pelo fazendeiro Cesar Menelli.

Além disto, do ponto de vista psicológico, temos de considerar os seguintes fatores referentes a Onilson: a) não possui o suficiente preparo tecnológico para inventar os pormenores descritos nas suas aventuras; b) não é pessoa egocêntrica que procura por-se em evidência, mas, pelo contrário, demonstra um gênio retraído; c) possui um passado psiquiátrico sadio e não tem demonstrado idéias paranóicas; d) mantém uma convivência harmoniosa com a sua família.

Apesar de tudo isto, a nossa experiência específica nos autoriza a alertar que o grupo da ufologia política fará tentativas desesperadas para desacreditar a testemunha em foco.

Muito naturalmente, seriam bem mais razoáveis e promissores os contatos que tivéssemos com extra-terrestres iguais ou bem semelhantes a nós, como no caso do Sr. Onilson, por exemplo.

Disto provavelmente resulta a especial prevenção com que a ufologia política age contra os tripulantes (de DV) que se parecem com os terrestres.

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

Nota: Em vista de os DV já terem dado suficiente demonstração de uma tecnologia superior à terrestre, seria errôneo querer usar padrões terrestres para querer aferir a verdade de um episódio ufológico. Isto se encontra comprovado no item nº 6 do Decálogo da SBEDV: "A Sociedade não critica nem rebate os relatos aparentemente fantasiosos, pois parte do princípio de que aquilo que parece ser, hoje, fantasia, pode tornar-se realidade, amanhã".

9 -

O ESTRANHO CASO DA VILA BAUMER

(do pesquisador Carlos Varassin - Curitiba)

OBS. da SBEDV: Uma pesquisa exige que os relatos, embora aceitos em princípio, sejam analisados com cautela, especialmente quando são observados fatos que fogem à rotina.

Muitas vezes estes aspectos são considerados mais como efeitos psicológicos, e portanto relegados a um segundo plano. Daí a necessidade de um outro pesquisador, desvinculado da observação direta do fato, ter a obrigação de pesquisá-lo novamente, analisá-lo e explicá-lo por mais desconcertante que ele pareça: isto não implica em falta de confiança - é cuidado necessário numa pesquisa.

Assim procedemos com relação ao caso de rapto de Rivalino Maffra - Diamantina-Minas Gerais (leia Bol. SBEDV nº 30, pag. 8) e no caso de João Prestes - Araçariguama - São Paulo (leia Bol. da SBEDV nº 90/93, pag. 2). A SBEDV pesquisou esses 2 casos, após a pesquisa inicial de terceiros; como consequência, aceitamos o 1º mas não o 2º.

Assim, esperamos que a CBPCOANI, de São Paulo, tenha sucesso com a pesquisa sobre o caso Ignácio de Souza (pseudônimo), largamente divulgado há alguns anos, em versão diferente da citada no Jornal do Brasil de 11 de maio de 1969, (primeiro clichê, pag. 24, logo em seguida substituído).

No caso em epígrafe (Vila Baumer), o que exigiu maior atenção foi a morfologia - retangular - do tripulante do DV, que foge à concepção dos seres vivos terrestres e da teoria da nossa evolução. A pesquisa se deve ao nosso companheiro Carlos Varassin (de Curitiba-Paraná), pioneiro, no Brasil, em pesquisa deste tipo de tripulante.

CIPEX e GENA

2004

O RELATO

TRIP cont. Telep.

Em outubro de 1971, chegando ao seu conhecimento um caso de aterrisagem de um DV no Estado de Santa Catarina, o pesquisador Carlos Varassin dirigiu-se para Joinville, onde realizou "in loco" uma pesquisa muito bem orientada sobre a ocorrência, que relatou, sob o título em epígrafe, e que, em linhas gerais, se resume no seguinte:

Na madrugada do dia 26 ou 27 de setembro de 1968, o Sr. Henrique Schneider Júnior, químico industrial, residente em Vila Baumer, a uns 3 km do centro de Joinville, no Estado de Santa Catarina, levantou-se e foi verificar o fogo do forno da olaria ao lado, de sua propriedade, fogo esse que precisa permanecer aceso constantemente, mantendo o forno a determinada temperatura (veja fig. nº 21 e seta preta na fig. nº 18).

Após constatar que tudo estava em ordem, caminhou mais alguns passos, parou, urinou e, quando se voltou para acender um cigarro, deparou com um estranho objeto no pátio da olaria, a uns 3 m de distância de onde se encontrava. Assustou-se, mas não se atemorizou. Todavia, sentiu-se paralisado, não podendo se movimentar (veja na fig. nº 21 a trajetória do Sr. Schneider, e na fig. nº 22 a situação concebida pela desenhista Wilma Romito).

A COISA

Era um artefato de forma afunilada, medindo cerca de 4 m de altura por 2,50 m de diâmetro em sua base (assentada num tripé, a uns 80 cm ou pouco mais, do solo). Da parte inferior, algo como uma luz bruxoleante iluminava o chão.

Havia uma entrada retangular por onde descia uma espécie de esteira rolante que não chegava a tocar o solo, apesar de parecer sólida. Na extremidade inferior dessa esteira, e como se fizesse parte integrante da mesma, havia um "vulto" (que parecia uma tela, mas não tinha aspecto "humanóide") de forma geométrica, retangular, medindo mais ou menos 1,50 m de altura por 0,50 m de largura. Atrás do primeiro vulto, a uns 3,50 m em linha reta, na mesma esteira, havia outro, também imóvel; ambos sem nenhuma abertura nem luminosidade (veja setas pretas na fig. 22). A extremidade inferior da esteira estava a cerca de 3 m do observador, que pensou em perguntar o que faziam ali, mas não conseguiu falar.

CIPEX e GENA

2004

TELEPATIA

Todavia, como se respondessem ao seu pensamento, sem que fosse emitido qualquer som, a resposta entrou-lhe no cérebro, como que vindo do vulto à sua frente:

- Verificar a causa do calor e da fumaça neste local.

Na ocasião queimavam-se alguns pneus velhos, o que produzia intenso calor (temperatura próxima de uns 700°C) e espesso rolo de fumaça que se elevava alta no céu.

Durante cerca de 10 minutos em que os vultos estiveram à vista, Schneider formulou inúmeras perguntas, mentalmente, e, a todas, recebia imediatamente respostas nítidas, porém breves, que pareciam provir do vulto mais próximo. Entre outras muitas, o observador se lembra de ter havido as seguintes perguntas e respostas:

P. - Como vivem e se alimentam?

R. - Por impregnação. Alimentação natural. Energia. Não é como vocês.

P. - Como é movido o aparelho?

R. - Por atração. 36.000 (ou 360.000 - o observador não se lembra) rotações por segundo.

Eles vinham do espaço, de um astro cujo nome Schneider não se recorda com precisão... Era algo parecido com a palavra "MERS". Eram governados por um chefe e cada qual tinha uma função específica, "como aquele que estava dentro do aparelho e que não podia sair de lá". Viajavam numa rota certa, determinada, da qual saíram para verificar o que estava provocando aquele calor na Terra. Prometeram voltar a estabelecer novo contato.

Durante todo o tempo em que o vulto esteve à sua vista, Schneider parecia não poder tirar os olhos dele e, à medida que a esteira ia recolhendo-o, sem qualquer ruído, o observador também se adiantava, porém guardando sempre a mesma distância. Não podia avançar mais, nem recuar e nem parar. Entretanto, de soslaio, pôde perceber, naquela nave, três pontos de luz azulada, como se fossem janelas, mas que não eram orifícios. Através de um desses pontos podia ver os outros dois. Não sabe explicar como isto era possível. No interior havia um terceiro vulto próximo a um objeto que parecia uma caixa.

O DV não era luminoso - exceto as três janelas e a luz por baixo - e estava iluminado apenas por meio da luz proveniente da lâmpada de um poste de iluminação pública. Tanto a nave como a esteira e os "vultos" pareciam ser acinzentados, da cor do alumínio.

A PARTIDA

Logo que a esteira foi recolhida inteiramente, fechou-se a entrada, com um ligeiro ruído (como de faísca elétrica) seguido de um leve som que lembrava o que faz a porta de um refrigerador doméstico ao ser fechada.

Imediatamente o aparelho ergueu-se rápido e verticalmente no ar, ouvindo-se, somente então, um sibilar agudo (som comparado ao de uma furadeira elétrica ao ser acionada). No centro da parte inferior, a testemunha pôde ver intensa luz azulada, "como dos aparelhos de soldar", e algo como anéis concêntricos, também azulados, que pareciam girar. Não pôde precisar, devido à forte luminosidade, se era parte interna, ou a externa, que girava.

Após elevar-se uns 10 m, inclinou-se para o Sul e, em poucos segundos, tornou-se apenas um ponto de luz azulada no céu. Ao subir deixou uma condensação de vapor, algo semelhante ao rastro produzido por certos tipos de aviões a jato. Essa condensação tinha odor que lembrava alguma coisa queimada. A ascensão do objeto produziu uma sucção violenta, de ar, que puxou o espectador em direção ao local onde se encontrava a nave. Ao se aproximar, sentiu que forte calor dali se emanava e um pronunciado cheiro de querosene queimado impregnava o ar. (OBS. da SBEDV: ozona?)

CIPEX e GENA

2004

VESTÍGIOS

No dia seguinte, Schneider viu que, no local do pouso, onde havia grama, num círculo de aproximadamente 65 cm de diâmetro, a mesma estava queimada (ver seta preta na fig. 20). Concêntrico ao maior, havia um círculo menor, onde a terra estava como que prensada (ver seta branca na fig. 20) e apresentando uma depressão de uns 10 cm. Havia também marcas de um tripé, tendo cada marca uns 10 cm de diâmetro.

(OBS. da SBEDV: Com base nas depressões que os pés do objeto deixaram no chão, poderia ser feito um cálculo aproximado do peso do "Disco").

Oito ou dez telhas da olaria, no ponto mais próximo da aterrissagem, estavam foram do lugar, como se houvessem sido levantadas por ventania. Uma delas chegou a desprender-se e quebrar-se. Um velho caminhão (ver seta preta na fig. 19), em condições de uso, e que se achava estacionado perto, apresentou vários defeitos: bateria descarregada; platinado e distribuidor enguiçados; dínamo e motor de arranque afetados.

FOTOS

Três ou quatro dias depois, o Dr. Udo Schmidt, advogado em Joinville, tomando conhecimento do caso, foi ao local, em companhia dos Srs. Karl Sliva comerciante, e Paulo Mertens, quando pôde fotografar a depressão dentro do círculo de grama queimada e constatar, também, o cheiro peculiar de queimado, odor este que ainda era claramente perceptível e que perdurou por 4 ou 5 meses. Durante esse tempo a vegetação não cresceu dentro daquele círculo. Até hoje não existe capim no exato local do pouso, embora alguns tufos de grama cresçam ao redor.

E "ELES" VOLTARAM...

Dezembro de 1968

Cerca de 3 meses depois, o Sr. Henrique Schneider Júnior viu um objeto luminoso curzar o céu rapidamente. Nessa noite, sem motivo aparente, Schneider saiu de casa e "sentiu" que devia olhar para o céu. Foi então que viu o objeto. Teve tempo de chamar outras pessoas que também o viram, entre elas, seu filho Amaury e o casal vizinho (Sra. Maria Carvalho e seu marido).

O protagonista da ocorrência, Sr. Henrique Schneider Junior é pessoa respeitabilíssima naquela cidade, tendo sido vereador por diversas vezes. Seu relato foi bastante sóbrio. Não deu à imprensa o conhecimento do ocorrido e, conforme cons-

tatamos, em Joinville somente um reduzido número de pessoas sabe do caso. O Dr. Udo Schmidt, que fotografou o local 3 ou 4 dias após, é que difundiu o caso entre alguns amigos (graças a que tomamos conhecimento do incidente). O Sr. Paulo Mertens, vizinho do Sr. Schneider, teria sido a primeira pessoa - além dos familiares - a quem este contou o fato. Tudo indica ter ficado o caso no conhecimento de apenas essas pessoas.

Muitos detalhes escaparam, uma vez que o fato se deu há alguns anos e também por que a idade do Sr. Schneider (65 anos na ocasião da entrevista dada ao pesquisador Carlos Varassin) interferiu na sua memória, fazendo-lhe omitir detalhes significantes, conforme afirmaram os seus amigos Sliva, Mertens e Schmidt.

COMENTÁRIO DO PESQUISADOR

Excetuando-se a parte da possível comunicação telepática havida, não factível de comprovação objetiva por sua própria natureza, e também pequenas divergências quanto a detalhes, constatamos serem coerentes os relatos das pessoas envolvidas.

Face à provas materiais e à idoneidade dos informantes, não pomos em dúvida os relatos.

P.S.: - Em carta de 22/02/72, dirigida ao pesquisador Carlos Varassin, o protagonista Sr. Henrique Schneider Junior declarou que o relato feito pelo Sr. Varassin, e do qual tomou conhecimento, "é fiel aos fatos".

CIPEX e GENA

2004

o o o o o

10 - OUTROS CASOS DE TRIPULANTES DE FORMAS ESTRANHAS

10 A - TRIPULANTES RETANGULARES

Às 18h 30 min do dia 12 de março de 1969 soou o alarme da aparelhagem de retransmissão de rádio e televisão de Trejorningsjö, ao nordeste de Angermanland (na Escandinávia), apesar de tudo estar funcionando normalmente. Obedecendo a um impulso, K. Måslund, técnico da estação, abriu a porta do prédio, e viu, à distância de uns 15 metros, suspenso no ar, um objeto com um diâmetro de uns 150 m e altura de 5 a 6 metros. Esse objeto apresentava um túnel, com iluminação cinza azulada clara, onde se viam flutuando seres em forma de caixas com as dimensões de 1,30 a 1,35 m de comprimento e 30 a 40 cm de largura. Eram 10 ao todo. Sete ou oito passaram a centímetros de distância de Måslund, penetrando na estação, sem que ele, imobilizado, pudesse tocar naquela formas.

Após 5 a 10 min, todas aquelas formas se voltaram para o túnel, que se fechou, tendo a nave levantado vôo rumo ao norte, quando os movimentos de Måslund se normalizaram e ele pôde comunicar-se com a polícia.

Måslund relatou também que teve a impressão de que os tripulantes dentro dos caixotes não queriam ser reconhecidos na sua verdadeira forma.

O caso foi publicado no nº 5/6 de 1972, da revista Fakta, e chegou ao nosso conhecimento pelo Boletim dinamarquês, "UFO CONTACT" de outubro de 1973.

10 B - TRIPULANTES TRIANGULARES

Este caso foi relatado na separata "CASE HISTORIES" (Fev. 1972-pag.15) da revista inglesa "Flying Saucer Review".

Dois meninos, Terence e Roderick, (respectivamente 13 e 7 anos de idade) viram à noite, ao pé da cama, um ser de forma triangular, formado de desenhos multicoloridos, com dois braços pretos terminados em pinças (ver fig. 23A - croquis de Terence).

No dia seguinte, quando os dois voltavam da escola, para casa, ao passarem por um estacionamento de automóveis, novamente depararam com aquela forma. Desta vez estava parada ao lado de um carro (ver fig. 23 B - croquis de Roderick), tendo Roderick observado que a altura do ser alcançava somente a metade da janela, e que também havia uma espécie de "bico", quando visto de perfil. À medida que os meninos se afastavam, aquela forma foi se virando, como se estivesse observando o movimento dos dois.

CIPEX e GENA

2004

10 C - TRIPULANTES EM FORMA DE CONE

Dois jovens suecos, de 25 e 30 anos de idade, pararam à noite o seu carro para investigar uma luz mato a dentro. Viram então, ao lado da estrada, um DV tendo aproximadamente 5 m de diâmetro por 1 m de altura, apoiado sobre um tripé. De dentro dele saíram 4 seres de forma cônica, tendo cerca de 1,20 m de altura e 35 cm de diâmetro na base, que tentaram levá-los à força para dentro do Disco.

Desenvolveu-se uma luta corporal, quando então os braços dos jovens enfiaram-se até os cotovelos, nesses seres, que tinham consistência gelatinosa. Como que dotados de raciocínio, defendiam-se antecipadamente dos golpes dos jovens. Quando finalmente um dos jovens conseguiu fugir, entrar no carro e acionar a buzina, os 4 seres desistiram da luta e voltaram para o DV.

O nosso relato constitui um resumo de um artigo do livro "FLYING SAUCERS, The Startling Evidence of the Invasion from Outer Space", de Coral E. Lorenzen (Signet Book 1966), pag. 60 a 64, no qual é também citado o pesquisador sueco, K. Gost Rehn. Este, entretanto, em um seu recente livro (ver item nº 11), não cita o referido caso.

10 D - O ESPECTRO VOADOR DE NATAL

Sob este título, a revista inglesa "FLYING SAUCER REVIEW" (Nov./Dez.1973-pag. 17) transcreveu uma notícia do jornal "Natal Mercury" (de 21 de Agost.1972): Várias testemunhas de cidades daquela província (africana ?) teriam visto um estranho ser de aproximadamente 3,5 m de altura. Tinha cabeça quadrada com botões luminosos laterais, lançando luz pelos olhos e fumaça pela cabeça (ver fig. 24)

As testemunhas sentiam efeito de eletricidade estática. O ser usava roupa gem branca e foi visto depois elevar-se nos ares para desaparecer em seguida. Não foi visto nenhum DV nas proximidades.

10 E - OS DEUSES CICLÓPICOS

No livro "UFOs OVER THE AMERICAS", de autoria do casal Lorenzen, cita-se à pag. 122 um caso investigado pelo Instituto Peruano de Relações Interplanetárias - (IPRI):

Uma quase aterrisagem de um DV, entre 1947 e 1948, a uns 50 km de Lima, Perú, ao lado da estrada Panamericana. Os tripulantes, tendo cerca de 1,5 m de altu-

ra, não apresentavam os detalhes de ouvido, nariz e boca, mas tinham contornos humanos (parecendo múmias) e um órgão único assemelhando-se a um olho. Explicavam à testemunha (inicialmente em inglês, e depois, em espanhol) que se sentiam como se fossem deuses, porquanto tinham vida eterna e multiplicavam-se pela simples divisão do ser, em dois menores, o que foi presenciado pela testemunha. Diziam alimentar-se pela absorção de energia cósmica e também de umidade do ambiente. Explicaram que procuravam falar com um líder (terrestre) responsável, porquanto queriam lhe transmitir as suas preocupações a respeito do perigo do manuseio (pelo homem terrestre) de uma nova forma de energia - o átomo, na ocasião - que poderia trazer até perigo para o próprio Universo.

OBS.: A testemunha ouvia os sons, mas não sabia de onde vinham.

CIPEX e GENA

2004

10 F - OBSERVAÇÕES DA S B E D V

Citamos 5 casos (e mais 1 do item anterior nº 9) de tripulantes "estranhos", com o objetivo de manter os nossos leitores atualizados com o que se tem publicado em revistas congêneres.

Pela idoneidade e experiência dos pesquisadores envolvidos, não duvidamos da veracidade dos fatos e nem mesmo da sinceridade das testemunhas ao relatarem os respectivos episódios.

Devemos considerar que o ufologista (pesquisador do fenômeno DV), pela própria natureza do assunto que burila, criou para si a mentalidade pela qual admite fatos novos, ainda negados pela grande maioria, tais como:

1º) - Há criaturas extra-terrestres, iguais ou parecidas com o homem terrestre.

2º) - Algumas dessas criaturas são mais inteligentes que nós.

3º) - Por isso, descobriram leis da Física, ainda inacessíveis ao nosso entendimento, e cuja aplicação permite a construção de formidáveis veículos de locomoção espacial de performance quase inacreditável para nós, possibilitando as viagens pelo espaço cósmico.

Pelas pesquisas mais recentes, admite-se que a inteligência está ligada às formas físicas por meio do ácido oxi-ribo-nucléico (um composto orgânico, de complexa constituição, fazendo parte da proteína do núcleo das células humanas ou animais).

O homem (terrestre), considerado como sendo a coroação da evolução no reino animal (que começa pelos unicelulares, passando pelos peixes, répteis, aves, mamíferos, primatas), seria o único dotado de consciência desta sua inteligência ligada a esse mesmo ácido orgânico.

As teorias também afirmam que essa evolução ter-se-ia dado completamente ao acaso, influenciada somente pelas leis de Darwin: seleção, hereditariedade e mutações. Entretanto, a mera existência de seres inteligentes extra-terrestres põe em dúvida a vida que as leis de Darwin sejam a única explicação da existência do homem terrestre (Leia no Boletim nº 85/89 - pag. 4: "EVOLUÇÃO ou CRIAÇÃO DO HOMEM INTERPLANETÁRIO?")

Freqüentemente tem havido casos de tripulantes (de naves extra-terrestres) que, em conversa com terrestres, falam da existência de um "SER SUPREMO" ou "DEUS CRIADOR" (o que, aliás, é ideia abraçada por praticamente todas as facções religiosas terrestres, independente das "guerrinhas particulares" que mantêm entre si). Então, se queremos dar crédito a esta ideia, nada seria impossível para esse DEUS (que, em última análise, poderíamos considerar como sendo a própria NATUREZA), já que conseguiu criar uma espantosa diversificação no reino animal: desde a simplicidade de uma cadeia de gânglios de um verme (que serve à sua locomoção), até o complicadíssimo sistema nervoso central de um homem, servindo até mesmo para elaboração de teorias.

Podemos também considerar o problema que propomos chamar das "Dimensões Existenciais":

Vivemos em um mundo tridimensional - (há 3 dimensões puramente geométricas: comprimento, largura e espessura; e há 3 dimensões físicas de um modo genérico: massa, espaço e tempo).

CIPEX e GENA

2004 A natureza nos criou em função deste nosso "habitat" e, portanto, só podemos compreender verdadeiramente, no âmago da questão, os fenômenos que se passam dentro desse complexo tridimensional. Qualquer fenômeno que imaginemos a menos de 3 dimensões, ou a mais de 3 dimensões, para nós não passará de pura abstração e, quase sempre não exatamente plotado no campo de nosso alcance mental. Mesmo em se tratando das coisas mais simples, isto nos ocorre: ao desenharmos num papel uma simples figura "plana", em realidade ela terá 3 dimensões, pois ali teremos deixado uma certa porção de grafite (ou de tinta), que forma pois um volume.

Ainda que consideremos uma projeção ótica (por exemplo, a da tela cinematográfica), devemos levar em conta que a luz representa energia corpuscular e, portanto, massa (se bem que imperceptível aos nossos sentidos), conforme esclarecido por grandes físicos de renome, entre eles Einstein.

Quando passamos a imaginar fenômenos a mais de 3 dimensões, aí então as dificuldades são intransponíveis para nós, pois se trataria de "mundos" mais complexos que o nosso, e portanto inacessíveis ao nosso entendimento. Como exemplo pictórico simples, e puramente fictício (pelo menos, para nós), podemos citar que uma figura plana (a 2 dimensões) jamais poderia "entender" a existência de, por exemplo, um cubo (a 3 dimensões), porque lhe (à figura plana) falta a 3.^a dimensão (existente no cubo).

Como extensão de raciocínio, podemos perceber que uma criatura de "n" dimensões poderá atravessar um "mundo" que possua um número de dimensões, menor que "n", simplesmente "escapando" através das dimensões que faltam ao referido "mundo", em relação às suas (da criatura).

Exemplificando: um cubo (a 3 dimensões) poderá "fugir" de um mundo plano (a 2 dimensões), simplesmente "escapando" pela 3.^a dimensão (altura), na qual o plano não possui existência.

Indo mais adiante nas especulações, poderíamos imaginar que, uma criatura possuindo 4 dimensões (não sabemos de que modo, assim como também uma figura plana não poderia "entender" a existência de um corpo sólido) atravessaria facilmente uma parede (que tem 3 dimensões).

Conforme já dissemos antes, tornamos a frizar que estes raciocínios são apenas especulativos, não havendo, para nós, provas, nem pró nem contra, muito especialmente quando se abordam hipóteses a mais de 3 dimensões.

Um outro ângulo interessante da questão é que, por exemplo, há sólidos que são "planificáveis", isto é, por desdobramento de suas faces, passam a formar um plano. Este é pois um caso em que, por um artifício, uma criatura a 3 dimensões passa a integrar um mundo a 2 dimensões. A partir deste exemplo, seria lícito imaginar que alguns dos extra-terrestres que nos visitam pertenceriam a um "universo paralelo" (ao nosso), com outras dimensões, e que aqui se integrassem por meio de operações similares, por nós incompreensíveis, o que poderia talvez explicar uma série de efeitos inusitados apresentados por diversas dessas criaturas (tripulantes de DV) e já presenciados por testemunhas terrestres.

No ensejo desta hipótese poderíamos especular um pouco no terreno filosófico, perguntando se isto não seria também uma explicação para o fenômeno pelo qual se conjugam o nosso arcabouço físico (o corpo: a 3 dimensões) e o nosso arcabouço mental (o intelecto: a mais de 3 dimensões?).

Quanto às 3 dimensões físicas (de um modo genérico) do nosso mundo, conforme já falamos antes, perguntaríamos se, por ventura, não existiria algum "universo paralelo" do qual não fosse integrante a dimensão "tempo". Caso isto fosse factível, estaria talvez explicado (pelo menos parcialmente) o problema das viagens astronômicas, a fantásticas distâncias que, mesmo percorridas à velocidade da luz, conduziriam a um tempo de milhares de anos, o que, em nossa concepção terrestre, seria impossível. A Teoria da Relatividade (ver item 2 H), de Einstein, talvez constitua o início do "levantamento do véu do mistério" que envolve o assunto (por enquanto, para nós).

Entretanto, enquanto é fácil assimilar a existência de inteligência em criaturas extra-terrestres iguais a nós e também em outras diferentes de nós em sua morfologia (os chamados "humanoides"), é para nós sumamente difícil conceber a inteligência ligada a formas puramente geométricas ou esdrúxulas. Isto porque, de acordo com o mundo em que nos encontramos, estamos acostumados a perceber inteligência ligada a corpos orgânicos, no processo que entendemos como "vida". Assim, teoricamente poderia haver inteligência em mamíferos e até mesmo peixes (por pesquisas modernas, especialmente em relação aos golfinhos; como fato pictórico, citem-se as lendas antigas, a respeito das "sereias"). Em alguns casos foram feitas demonstrações interpretáveis como processos que se encaminham para um raciocínio: como no caso do macaco que procura um pau e com o mesmo alcança uma banana; e o caso de um pássaro aquático procurando facilitar sua pesca por meio de uma isca natural (há lendas que falam de "homens pássaros" e na pesquisa ufológica contemporânea lembramo-nos de 3 casos: Flying Saucer Review, Julho/Ag. 1968, pag. 7: "W.V. Enigmatic Bird"; F.S.R. Case Histories Junho 1972, pag. 14: "Winged Lady In Black"; Il Giornale dei Misteri, nº 33: "L'Uomo - Falena anche in Italia?").

Tecemos a seguir as hipóteses que encontramos para a possível aparição de inteligências em formas esdrúxulas ou puramente geométricas:

1ª) - Tratar-se-ia de fenômenos de ordem parapsicológica ou similar, tendo as testemunhas terrestres "vivido" realmente os "episódios", por razões inerentes à própria essência dos fenômenos admitidos.

2ª) - Os tripulantes extra-terrestres em causa, teriam, na realidade, as formas usuais encontradas (iguais ou semelhantes às nossas), porém se apresentariam às testemunhas (por processo hipnótico ou equivalente de nós desconhecido), com as "formas estranhas", por não terem interesse em se identificarem aos terrestres.

3ª) - Os tripulantes (humanos ou humanoides) extra-terrestres usariam invólucros tendo a forma descrita nos diversos relatos de testemunhas terrestres, com o objetivo de proteção própria (conforme a carapaça protege o caracol). Assim, viveriam em atmosfera e pressão adequadas, protegidos ao mesmo tempo contra as possíveis influências nocivas exteriores, mas podendo comunicar-se e locomover-se à sua vontade.

4ª) - As "formas geométricas", atuantes e pensantes, vistas pelas testemunhas, poderiam ser uma espécie de teleguiados altamente sofisticados. Seriam telemeditados "instantaneamente", também nas suas conversas, a partir de um DV nas proximidades, ou mesmo de uma base longínqua (até mesmo em outro planeta). Isto se conseguiria talvez por meio dos "omnipresentes" taquions (partículas elementares cuja existência foi aventada teoricamente há alguns anos, e cuja realidade a ciência tem procurado comprovar. - Ver Boletim nº 60/61. pag. 6).

Aliás, casos de robots agindo aparentemente de modo autônomo já foram assinalados de maneira mais sofisticada, em outros Boletins SBEIV:

CIPEX e GENA
2004

Nº 60/61, pag. 12: Caso de Mário Restier;

Nº 66/68, pag. 78: Robots de Leme (São Paulo).

Em ambos os casos houve contacto com robots tendo forma e comportamento como se fossem de seres humanos.

5ª) - Embora que para nós terrestres sejam praticamente inimagináveis outras formas de inteligência, seria teoricamente concebível que no Universo haja inteligência ligada a outras formas (ainda que nos pareçam "esdrúxulas"), e de cuja existência a nossa humanidade ainda não se tenha apercebido, assim como, até há pouco, também não havia percebido a presença dos homens interplanetários, e nem tampouco, por exemplo, a existência dos fabulosos elétrons girando espetacularmente em tor no dos núcleos atômicos.

Isto porque, tendo em vista que grande parte da nossa humanidade imagina DEUS dotado de inteligência Suprema e Absoluta, e uma vez que não necessitaria de uma forma orgânica portadora desta atribuição, e que talvez toda a Natureza seja por ela impregnada, não somente no reino animal, mas também no reino vegetal (conforme alguns recentes estudos para-psicológicos teriam demonstrado) e no reino mineral (ultimamente a ciência tem falado sobre "crescimento inteligente" de cristais).

Embora reconhecendo a nossa (terrestre) impossibilidade atual de provar algo neste sentido, não devemos ser impermeáveis às coisas novas (mesmo quando nos pareçam absurdas), usando mente alerta e aberta àquilo que o futuro irá nos mostrar de maneira definitiva. A propósito, queremos lembrar um pormenor de um fato histórico: Na época em que o nosso ilustre patrício Santos-Dumont procedia às suas memoráveis experiências na França, foram muitos os homens de ciência, inclusive no Brasil, que diziam tratar-se de tentativas inócuas e absurdas, uma vez que "... era impossível voar com o mais pesado que o ar ..."

Concluindo, transcrevemos a seguir uma frase do falecido físico e professor Dr. Gauthier de Kesting-Hart, da palestra que fez em São Paulo, em 11/12 de setembro de 1971, por ocasião do "IV COLÓQUIO BRASILEIRO SOBRE OBJETOS AÉREOS NÃO IDENTIFICADOS" - (ver Boletim 90/93 - pag. 29):

"... Tentemos ser verdadeiramente científicos, isto é, ter o espírito aberto, ser prudentes e humildes e estar sempre prontos para aceitarmos os fatos como são, e não como gostaríamos que fossem ..."

o o o o o

11 -

LISTA DE LIVROS E REVISTAS

PROCEEDINGS OF THE EASTERN UFO SYMPOSIUM OF BALTIMORE - Publicação da APRO; de 23/01/71. - US\$ 3,50 - 3919, E. Kleindale Road, Tucson, Arizona 85712 - U.S.A.

OBS.: Em nosso Boletim 90/93, à pag. 2, citamos esta publicação mas não publicamos a fonte, o que fazemos agora.

* LA REALIDAD DE LOS OVNI'S ATRAVÉS DE LOS SIGLOS - Livro de Luis A. Font - Cr\$ 47,00.

* EL GRAN ENIGMA DE LOS PLATILLOS VOLANTES - Livro de Antonio Ribera - Cr\$ 41,40.

* EL PROCESO A LOS OVNI'S - Livro de Antonio Ribera - Cr\$ 22,00.

* EL PROBLEMA CIENTÍFICO DE LOS OVNI'S - Livro de Oscar A. Uriondo - Cr\$ 17,00.

* OBJETOS AÉREOS NO IDENTIFICADOS (UN ENIGMA ACTUAL) - Livro de Uriondo - Cr\$ 18,00.

OBS.: Por uma informação do pesquisador Carlos Varassin, os livros (entre outros da especialidade) marcados (*) são encontrados na Livraria Francisco Juan Laissne - Rua Gonçalves Dias, 75 - 19 pav. - Rio de Janeiro - GB.

SCHNELLER ALS DAS LICHT - Livro em alemão, do Johannes Von Butlar-Editor Econ Verlag.

REISEN IN DIE EWIGKEIT - Livro em alemão - mesmo autor e editor - DM\$ 30,90.

BESUCHER AUS DEM ALL - Livro alemão, de A. Schneider - Ed. Herman Bauer KG-Freiburg.

DIE FLIEGENDEN UNTERTASSEN SIND HIER - Livro alemão, de K.G. Rehn - Ed. S.K. Bergh.

VISITATORI DALL'O SPAZIO - Livro do Dr. Alberto Pinotti - Armenia Editore - 1973 - Via la Că Grande, 2 - 20162 - Milano - Italia - O autor é também editor de "Noticiário UFO" e vice-presidente do "Centro Unico Nazionale" (o mais importante organismo ufológico italiano). O pesquisador Carlos Varassin (de Curitiba Paraná) comentou que: "... O livro em epígrafe, juntamente com outros dois: "A Parapsicologia e os OV" (do general Moacyr Uchôa) e "Mystérieuses Soucoupes Volantes" (de Michel, Vallée e outros), constitui uma das mais recentes e excepcionais obras ufológicas. Sério, objetivo e atualizadíssimo, o autor resume e comenta o que ocorreu e vem ocorrendo, na ufologia mundial, nestes últimos 25 anos".

BOLETIM - Do "Grupo Português de Estudos Sobre Discos Voadores" - Apartado 4 - Lavradio - Barreiro - Portugal - Recebemos desta sociedade o seu primeiro Boletim informando que a iniciativa tem apoio dos organismos oficiais.

IL GIORNALE DEI MISTERI - Revista - G. Tedeschi - Via Massala 98 - Firenze - Italia.

CIPEX e GENA (to the portuguese text of SBEDV's Bulletin nr.94/98)
2004

Part I of the Bull. consists of a "talk from the Editor", part II brings 10 articles on UFO research.

In the TALK FROM THE EDITOR'S DESK, one is again reminding the reader of SBEDV Bull. no 90/93 the dazzling beauty of Antonio Vilas Boas extraterrestrial female "contact" partner, a model for earthen exotic beauty, who well may have won the first prize of any of our earthen beauty contests.

One is reminded also of other cases of contacts with Flying Saucer crew members in Brazil, when their earthen partner were unaware for some time, that they were in the presence of spacemen or spacewomen. Three of the cases have been published in earlier SBEDV Bulletins, so as the case of Maria José Cintra, the receptionist of the sanatorium at Lins, Daíldo de Oliveira, the nightwatchman at the hydro-electrical plant of Baurú and the case of 4 law students, who, in their slowed down car by the E-M effect of a low flying UFO, nearly stopped to chat with 4 uniformed extraterrestrials, placed in a row on the side of the road which leads from Aguarí to the town of Pirassununga. The forth witness, Artur Berlet, from the southern town of Sarandi (state of Rio Grande do Sul) after having been abducted by extraterrestrials, he had the feeling that those were of terrestrial origine for several hours (read about Berlet's case in the book edited by Ventla, Postfach 17.185, Wiesbaden-Schlierstein-62, Germany).

The following articles deal with the 10 chapters of UFO research:

No 1 - A cultured lady, widow of a government employee gives her account about an UFO sighting at PAPA, a northern state of the country. Se also shows that some circles in the government are allready conscious about some extraterrestrial - visitors, resembling us closely and so able to walk undetected on our streets.

No 2 - CICOANI (caixa postal no 1675, Belo Horizonte, Brazil) tackles in the case of Bebedouro (rea Flying Saucer Review's - Nov./Dez. 1973 - ABDUCTION AT BEBEDOURO) with the case of a soldier, abducted by red bearded, small sized but vigorous apacemen, for 4 days and a half, to their own (space ?) base.

In regard to the problem of "time loss" or "time-dilatation" which surfaced in CICOANI's report and also in a case of the Review, one brings forward some of the theories which may be implicated in physics.

One also focalizes on the offering of the saucer crew to the soldier, to take him to their homeland for a stay of several years, on a voluntary base. This offering, by our reasoning, if it won a government support, could snow-ball right into an interplanetary cultural and technical exchange. Such an outcome, well could become one of the utmost importance for technical and political developments in Brazil, and so, last but not least, also for the rest of our Globe.

No 3, 4 and 5 - In regard to Tiago Machado's contact case at the town of Pirassununga, now several years past, has recently SBEDV done some additional digging:

No 3 - Tiago's mother and a woman-neighbour were interviewed, the first persons who had called Tiago's attention upon the wobbling object on the other side of the Valley (on the morning of Tiago's contact). SBEDV spoke also to the medical doctor who had seen Tiago immediately after his contact.

No 4 - SBEDV interviewed also a woman, a farmhand who had been working at the same morning of Tiago's contact, at a field not far away from the site of the landing. Two kids who were in her company had asked her for elucidation about a white tent, erected suddenly at a distance of 500 meters, with some masked fellows standing near by. The lady's explanation were that it was a set-up of "mata-formigas" (antkillers), since those use masks for protection against the noxious gazes, used in this process. Nevertheless, was the lady at her loss, when later on, the kids annoyed her with new questions, since the tent had disappeared by now, and a white ball was seen floating in mid-air, upon the site where the tent had been placed previously.

Nº 5 - Another head of family and the family members, all farmhands, were interviewed about the landing of UFOs in the fields and near the house, when crewmembers could be seen on several occasions. All those happenings took place on a spot near the town of Pirassununga, during the wave of sightings at said town. Now, on several nights it happened, with the family set around the TV tube (which was displaying pictures emitted by channel 4 from São Paulo, the state capital, about 200 km away); that suddenly the picture would fade out completely and emerge would a picture of strange dressed men and women, moving on a "stage", speaking in an uncomprehensible language, and after a while, all would return to normal.

Nº 6 and 7 - A proposal for better research is made.

nº 8 - Onilson Pattero's first "close encounter" with an UFO is being described. There are three new features which catch the eye of the ufologist: a) - His car, when focalized by a blue ray (emitted by the UFO), turns completely transparent, as if it where of glass; b) - O. Pattero's hair turns dark after the incident, as observed by his wife, but turns to its normal brownish color the ensuing days. c) - A few hours after the incident, an itching starts on O. Pattero's skin and after a few days, a skin rash of purple, red colored spots appears, which in the days that follow turn bluish and yellow and then disappear.

Several months after his first encounter, Pattero has a second encounter with the UFO, meeting this time also the crew members. Orthodox ufologists don't accept O. Pattero's report even so some psychological "hardware" is left, in the form of Pattero's car, found abandoned at the road-side, by police, 3 days after his disappearance. Also, by sheer luck, at the early hours of the morning, at 5 AM, a farmer has come out from the town of Colatina, to look after his cattle, and this, 900 km away from the site of O. Pattero's abduction and also 6 days later.

This farmer, during an hour, hears shoutings for helps, from the direction of one of the higher hills of his pastures, and this during an hour and so. Those shoutings slowly coming down the hill and nearer, until, at the first glimpses of the day, a man approaches him and asks him his "whereabouts". It is O. Pattero, weak and disheartened who wishes to be taken to the police station, or to a radio ham, so to get in touch with his family, so that they fetch him, since he had left his vallet with some money in his car - 6 days ago - and 900 km away...

Orthodox research doesn't bother to check all the hardware and also doesn't check the psychological personality of Pattero, rather a shy man, without ego-centric trend and without the intelligence (or learning) to make up all the details, he reports about the time he has been with his consciousness (he retained consciousness only during a fraction of the time he stayed at the UFO, during which, also his own physiological needs haven't been mentioned in his report).

Nº 9 and 10 - Carlos Varassin - Curitiba (Rua Cel. Ayrton Plaisant 172) did recently an interesting research about an event, now several years past, in which the witness was the owner of a brick-factory who met a landed UFO and besides it, bizarr shaped (in the form of rectangular boxes) UFO "beings", in the middle of the factory courtyard, at night time, when checking the fire of the furnaces.

Naturally produced the unusual event a lot of thoughts of interrogation in the witness' mind who got an immediate reply in his own mind, evidently, (as the witness may have reasoned), by thought transmissions, emanating from some matter inside the "boxes", so of the same length or nature of our own (human) thoughts.

This fast "ping-pong" game of thought-exchange between the witness and the "visitors" went on for some time. Even the witness' good will to help Mr. Varassin in his research got before hand limited by the witness himself (an elderly person) failing memory. But since the witness had told about the event immediately to his relatives and friends, as he informed to Mr. Varassin during the research, the latter got the idea to tap also the younger (and better) memories additionally of those people, which brought out into the open additional valuable material.

Mr. Varassin succeeded still in unearthing colorpictures of the site, which had been taken two days after the event, and which showed a depressed lower center with a halo of signs of burning around it, under the exact spot where upon the engine had been resting in the yard.

Concerning "bizarr looking space-beings" may SEEDV's philosophyzing about CREATURE, CREATION AND THE CREATOR be mailed in the english language, to those who specially should request it, but this only at a later date.

Answer:

CIPEX-Centro de Investigação e Pesquisa Exobiológica - Caixa Postal: 24.555 - Agência Uberaba - Curitiba Paraná - Brasil- Cep. 81.570-971 - e-mail: cipexbr@yahoo.com